



Universidade Federal de Pelotas  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Mestrado em Educação

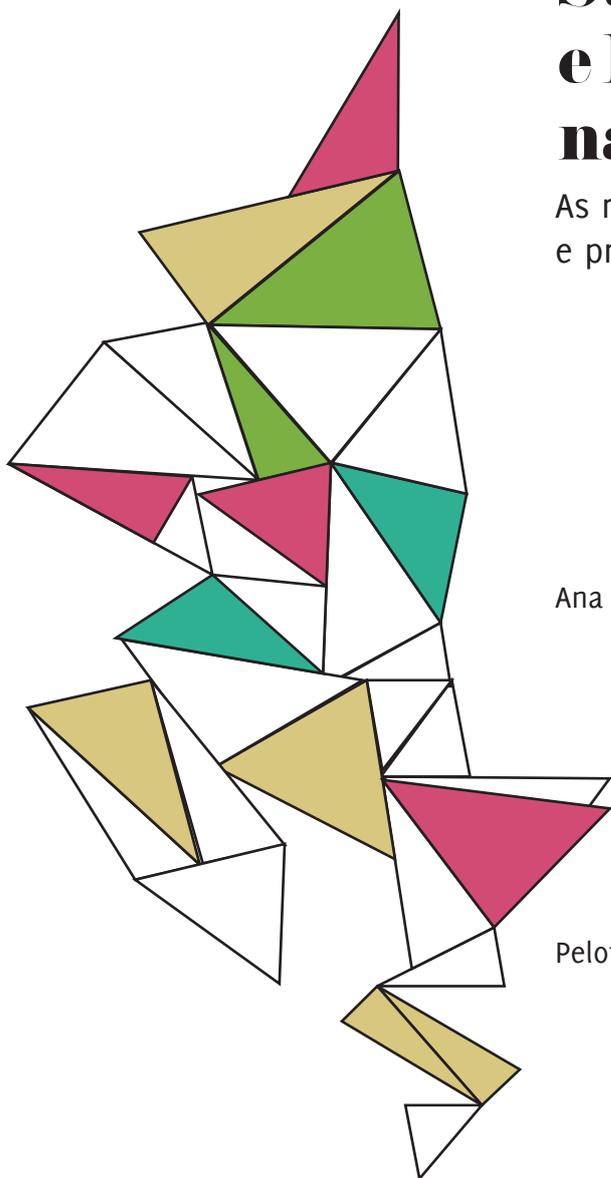
Dissertação

# **Subjetividade e Redes Sociais na Internet:**

As relações entre estudantes  
e professores no contemporâneo

Ana Paula Freitas Margarites

Pelotas, 2011



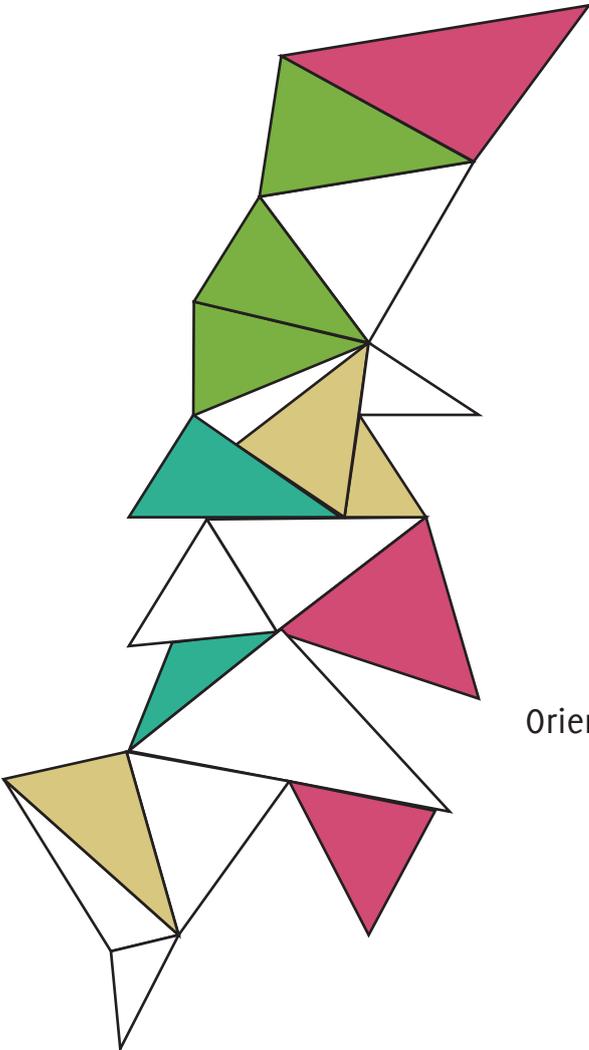
Ana Paula Freitas Margarites

# **Subjetividade e Redes Sociais na Internet:**

As relações entre estudantes  
e professores no contemporâneo

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Fed-  
eral de Pelotas, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Mestre em Educação.

Orientadora: Rosária Ilgenfritz Sperotto



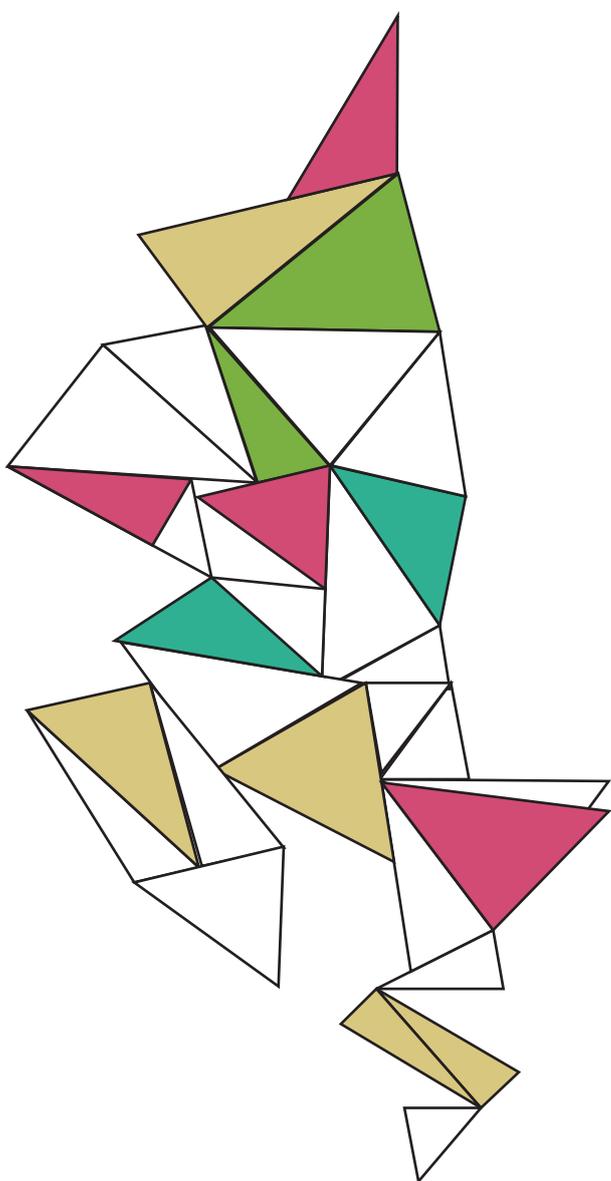
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:  
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881**

M327s Margarites, Ana Paula Freitas

Subjetividade e Redes Sociais na Internet:  
As relações entre estudantes e professores no  
contemporâneo / Ana Paula Freitas Margarites;  
Orientadora: Rosára Ilgenfritz Sperotto. – Pelotas, 2011.

116f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de  
Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de  
Pelotas.



## **Banca Examinadora**

---

Rosária Ilgenfritz Sperotto  
Orientadora - PPGE UFPel

---

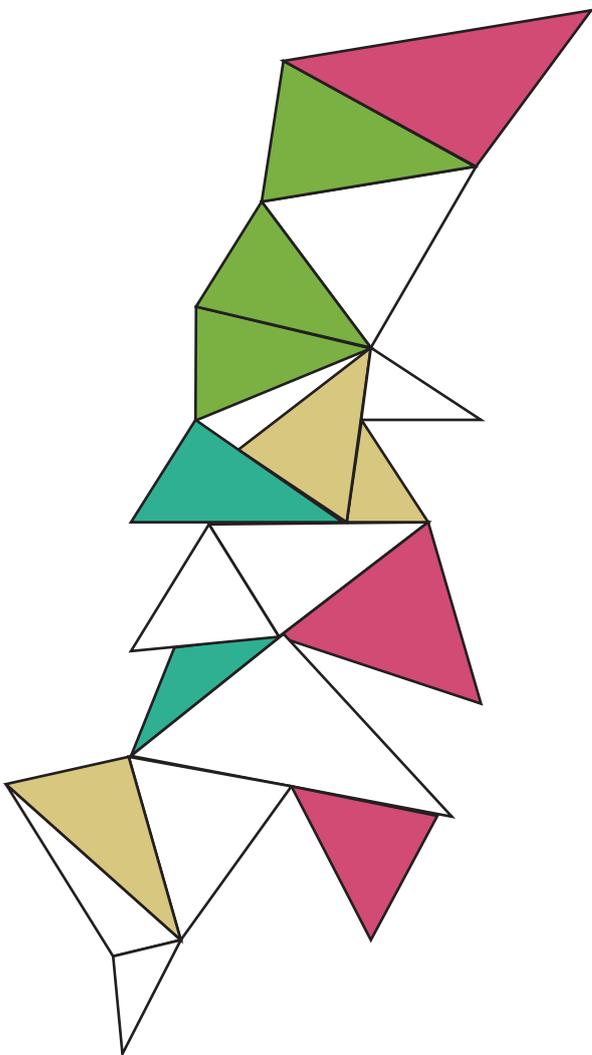
Maria das Graças Gonçalves Pinto  
Examinadora Interna - PPGE UFPel

---

Raquel Recuero  
Examinadora Externa - UCPel

---

Cleber Ratto  
Examinador Externo - Unilasalle



*Half of What I say is meaningless,  
But I say it just to reach you, Julia*

John Lennon

Para Julia, primeiro motivo  
e último refúgio  
de tudo que digo.

# Agradecimentos

Ao fim da escrita desta dissertação, fica a certeza de que, ainda que o escrever pareça um ato solitário, ele é construído sempre em rede e possibilitado por uma diversidade de contribuições. Aqui, agradeço com carinho a alguns dos nós sem os quais teria sido impossível tecer o trabalho que apresento.

Primeiramente, agradeço à professora Rosária Sperotto, um dos encontros felizes mais especiais que tive a sorte de ter na vida. Rosária me inspirou uma visão muito peculiar (e muito frutífera) do ato de pesquisar, da vida e de tudo mais. Agradeço com carinho pela orientação, confiança e amizade, desejando que este seja apenas o começo de nossa caminhada juntas.

Ao Ricardo e a Julia, agradeço pelo tempo e pelo espaço que são necessários para escrever, e por tecerem incessantemente a rede onde descanso, colorindo meus dias com suas existências.

À minha mãe Claudeti e aos meus irmãos Marcus, Ane e Ana Cláudia, agradeço enormemente pelo amor sempre manifestado em pequenas e grandes ações e pela torcida para que eu sempre me mantivesse livre e fiel aos meus desejos de buscar sempre mais.

À minha querida amiga Ana Bandeira, a corajosa professora que assumiu o risco de ser “meu sujeito” nessa pesquisa, agradeço pelo aceite da minha proposta louca, pelo entusiasmo com o qual exerce sua profissão, pelas inúmeras conversas (sempre tão ricas), pela generosidade e por tantas outras maravilhas que ela tem para compartilhar com o mundo. Estendo também este agradecimento aos seus alunos, que tão solícitamente aceitaram e responderam meus questionamentos, contribuindo de maneira absolutamente indispensável para a realização deste trabalho. Obrigada a cada um de vocês. :)

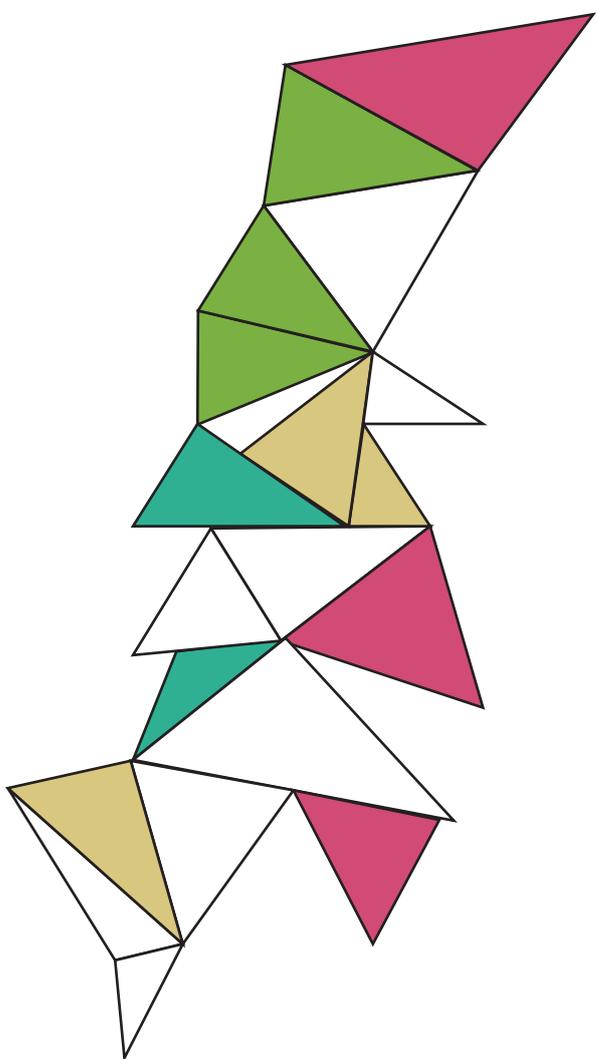
Aos colegas e amigos que fiz durante o curso do mestrado – em especial os queridos João, Bruno, Mauro e André, companheiros de caminhada no grupo de orientação da professora Rosária – agradeço pelos insights e pelo companheirismo.

Às professoras Manuela Garcia, Maria das Graças Gonçalves Pinto e Paula Henning, cujos seminários me inspiraram no percurso da pesquisa. Estendo este agradecimento ao PPGE-UFPel como um todo: professores, estudantes e técnico-administrativos.

Agradeço novamente à professora Maria das Graças, e também aos professores Raquel Recuero e Cleber Ratto, pela inestimável contribuição na etapa de qualificação do projeto desta dissertação.

Aos meus colegas de trabalho na Eckert & Caine – especialmente ao maravilhoso time brasileiro e ao CEO Ronald Herse – agradeço pela compreensão, pela torcida e pelo entusiasmo com meus estudos. *Danke schön!*

Aos amigos – os de longe e os de perto; os recentes e os de longa data; os que encontro pessoalmente com frequência, e aqueles que encontro no Google Talk, no Facebook ou no Plurk – agradeço pela rede de segurança, sempre pronta a garantir-me tranquilidade. Queridos amigos: vocês sabem quem são, e sabem o quão grata eu sou.



*Escreve-se sempre para dar a vida,  
para liberar a vida aí onde ela está aprisionada,  
para traçar linhas de fuga.*  
**Gilles Deleuze**

# Resumo

A presente dissertação se compõe a partir de uma investigação que buscava acompanhar as interações, nas Redes Sociais da Internet, entre uma professora e seus alunos dos cursos de Bacharelado em Design Gráfico e Digital. O estudo problematiza os processos de produção de subjetividade engendrados nas interações que ocorriam nos Blogs das disciplinas, nos perfis no Facebook e no Twitter. Ao observar-se tais interações, coloca-se a seguinte questão: que sujeitos são estes, alunos e professores, que se formam e se transformam nas interações através das redes sociais da internet?

A metodologia deste estudo referencia-se na cartografia, caracterizada não como método de pesquisa com etapas estanques e procedimentos a serem seguidos, mas como um modo de olhar que problematiza os ideais de cientificidade, possibilitando outro modo de abordar os “achados” do estudo. Tal escolha foi feita ao perceber-se que a cartografia permite aproximações diferenciadas do campo e por estar aberta aos movimentos, aos desvios, à diversidade.

Considera-se que todos os sujeitos e coletivos humanos, bem como tecnologias, instituições e discursos produzem subjetividades, que nunca são dadas ou “acabadas”, mas sempre um processo. Destaca-se a importância que as redes sociais na internet vem tomando no contexto das relações entre estudantes e professores, já que além dos dispositivos “clássicos” de produção de subjetividade – escola, trabalho, empresa, família etc. – nos confrontamos hoje com outros modos de ser que passam a ser visibilizados em tal contexto.

Nas situações observadas na pesquisa, percebe-se que a utilização de tais redes pelos estudantes e professores investigados tem transformado a maneira como estes se relacionam com o tempo e com o espaço, bem como a maneira como compartilham informações, e também a própria noção do que é ser estudante e professor. Ocorre uma reconfiguração das limitações geográficas e temporais, causando então um alargamento do espaço e do tempo de convívio possibilitado pela universidade. Observou-se também que estudantes e professores tendem a utilizar os blogs e outras redes para uma “continuação de conversa”, compartilhando referências que podem tanto se relacionar com questões discutidas em aula quanto com outras disciplinas do curso e interesses do grupo.

Sendo assim, ferramentas e pessoas passam a constituir uma rede híbrida: um espaço onde diferentes tipo de conhecimentos, crenças, desejos e atitudes podem associar-se de maneira livre. Entende-se, então, que o espaço viabilizado por estas redes opera não só como extensão da sala de aula, mas possibilita outras aprendizagens e compartilhamentos, deixando aparecerem outros modos de ser estudante e professor.

**Palavras-chave:** redes sociais na internet, cartografia, produção de subjetividade

# Abstract

The following dissertation is composed after an investigation which aimed to follow the interaction, through social network sites, between a professor and her students at digital and graphic design graduation courses. This study discusses the production of subjectivity engendered by their interactions through blogs, facebook profiles and twitter accounts. While watching such interactions, I wonder: who are those professors and students forming and transforming themselves while interacting in social network sites?

The method for this investigation is based on cartography, not a researching method composed by a series of tight stages and procedures, but a researching way that questions current scientific models, making possible to find a different way for approaching the “findings” in this study. This choice was made after I realized how cartography is open to new approaches to the research field and to all kinds of movements, deviations and diversity.

In this dissertation, it is considered that subjectivity is produced by all human subjects and collectives, as well as technologies, institutions and discourses. Such subjectivities are never given or finished; they are always a process. Social network sites take a substantial role in the relation between professors and students, since this new possibility confronts us to different ways of being, produced apart from “classic” apparatus – school, work, company, family, etc.

In situations observed during this research, I noticed that, when using social network sites, professors and students change the way they see time and space, the way they share information, and also the very notion of what it is to be a professor or a student. Time and space are enlarged, making possible a growth of social life between students and professors. I also could notice how blogs are used to “continue a conversation”, sharing references that may be related to what was discussed in the classroom, but also to other matters and interests.

This way, people and technology tend to compose a hybrid network: a space where different knowledge, believes, desires and attitudes may associate freely. This space is not only an extension of the classroom, but a different possibility for learning and sharing, letting new ways of being professor and student to come.

**Keywords:** social network websites, cartography, production of subjectivity.

# Lista de Figuras

**Figura 01** – TudoSobreBlur, criado e mantido por mim entre 1998 e 1999, p. 13

**Figura 02** – Blog da disciplina de Agenciamento Profissional, criado e mantido por mim entre 2007 e 2008, pg. 17

**Figura 03** – Blog da disciplina de Projeto Gráfico I, criado e mantido por mim entre 2007 e 2008, p. 17

**Figura 04, 05 e 06** - Perfis personalizados no last.fm, p. 43

**Figura 07** - Internet Vices - Disponível em <http://www.patrickmoberg.com/internet-vices/>, p. 44

**Figura 08** - Cartoon de Odyr Bernardi, p. 47

**Figura 09** - Dashboard do Facebook, p. 48

**Figura 10** - Cartoon de André Dahmer, p. 50

**Figura 11** - Dashboard do Twitter, p. 51

**Figura 12** - Cartoon de ShameLesslyArsty, p. 53

**Figura 13** - Dashboard do Tumblr, p. 54

**Figura 14** - roginho.tumblr.com, p. 66

**Figura 15** - maristela.tumblr.com, p. 67

**Figura 16** - designdainformacao.tumblr.com, p. 67

**Figura 17** - designdigital.tumblr.com, p. 68

**Figura 18** - publicação de estudante em roginho.tumblr.com - princípios do design, p. 80

**Figura 19** - convite para evento através de marcação em imagem no facebook, p. 86

# Sumário

De onde vejo, pg. 11

**1. (Re)(In)definindo o Sujeito e a Subjetividade, pg. 21**  
1.1 Da noção de Sujeito, pg. 22  
1.2 Outras concepções da subjetividade, pg. 29

**2. Nas tramas da rede, pg. 34**  
2.1 Consolidação da noção de rede, pg. 35  
2.2 Ator-Rede e Rizoma: constituindo hibridismos, pg. 38  
2.3 Sites de Redes Sociais: conceitos e características, pg. 41  
2.4 Facebook, pg. 47  
2.5 Twitter, pg. 50  
2.6 Tumblr, pg. 53

**3. Traçando a cartografia, pg. 56**  
3.1 Anotações de um processo, pg. 57  
3.2 Procedimentos do desenho cartográfico, pg. 60

**4. Achados, pg. 70**  
4.1 Outras Relações com o Espaço e o Tempo, pg. 71  
4.2 Outros Modos de Compartilhar, pg. 77  
4.3 Outras relações entre estudantes e professor, pg. 87

Pós-Escrito, pg.90

Referências, pg.94

Apêndices, pg.100

Apêndice A, pg. 101

Apêndice B, pg. 104

Apêndice C, pg. 107

Apêndice D, pg. 113

Apêndice E, pg. 115

Colofão, pg.116

# De onde veio



*Que devo ser eu, eu que penso e que sou o meu pensamento, para eu ser o que eu não penso, para que o meu pensamento seja o que eu não sou?* (FOUCAULT, 1996, p.335-336)

O Curso Técnico em Processamento de Dados da URCAMP foi criado em 1993; hoje, o curso se chama Técnico em Informática e tem duração de um ano e meio que pode ser cursado à parte (em paralelo ou depois) do ensino médio regular.

Em 1996, ano em que o Ministério das Comunicações e o Ministério da Ciência e Tecnologia lançaram um esforço comum para implantação de uma rede Internet que abrangesse todo tipo de uso (acadêmico e comercial) no Brasil, eu tive a chance de acompanhar esta mudança de perto. Nesta época, eu cursava o Segundo Grau Técnico em Processamento de Dados oferecido em Bagé pela Universidade da Região da Campanha. Na escola, conheci as ferramentas mais rudimentares oferecidas pela rede, e imediatamente me impressionei com este novo conceito de espaço que passava a ser viabilizado.

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo específica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p.17).

**HTML** (acrônimo para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto) é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Web.

**Adobe Flash** (antes: Macromedia Flash), ou simplesmente Flash, é um software primariamente de gráfico vetorial - apesar de suportar imagens bitmap e vídeos - utilizado geralmente para a criação de animações interativas que funcionam embutidas num navegador.

Ao tomar contato com tal “universo oceânico de informações”, meu desejo era de fazer o possível para poder tomar parte naquilo que eu entendia como uma grande revolução. Passei a acessar a rede e fazer *download* de sites inteiros a fim de entender como eram construídos para, então, poder fazer os meus próprios. Aprendi a programar em HTML, Flash e o que mais fosse necessário para que pudesse colocar meus primeiros sites no ar. Em 1998, enquanto fazia o estágio necessário para conclusão do curso técnico, eu tinha construído uma das primeiras páginas em língua portuguesa sobre o Blur, minha banda de rock favorita. Traduzi textos e notícias de outros sites para a língua portuguesa, selecionei imagens e vídeos, organizei o conteúdo, criei o design das páginas, codifiquei-as em HTML, publiquei o site na internet e fiz a manutenção das páginas por pelo menos dois anos. Meu trabalho, ainda que realizado na “solidão” do meu quarto, era dividido com tantas outras pessoas, espalhadas pelo mundo todo, que compartilhavam informações e compunham comigo uma rede movida pelo desejo de falar do que se gosta e fabricar a si próprio através daquilo que se gosta.

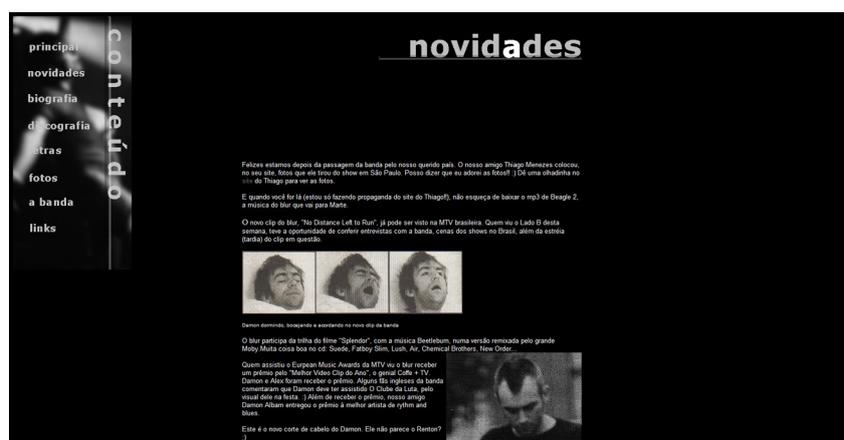


Figura 01 - Tudo Sobre Blur, criado e mantido por mim entre 1998 e 1999.

Foi meu interesse (quase obsessão) pela música que me levou ao curso de design gráfico: eu me imaginava fazendo sites oficiais de bandas, capas de discos, direção de arte em vídeo clipes. Ingressei na UFPel na primeira turma do curso de design gráfico, em 1999. “Sou da primeira turma” é, via de regra, uma frase que inspira lamento nas pessoas a quem me dirijo. Todos sabem que as primeiras turmas de qualquer curso sofrem por causa da estrutura precária, do corpo docente incompleto, do campo de trabalho obtuso – principalmente em se tratando de um curso de design, em 1999, quando nem mesmo nós sabíamos direito por que estávamos ali.

Grupo díspar que éramos, eu e meus colegas de faculdade contribuimos, cada um a seu modo, para a formação do curso no qual ingressávamos. Alguns com a “inteligência exata” oriunda do curso Técnico em Desenho Industrial da (então) ETFPel, outros com um certo *background geek* compartilhado entre os jogadores de RPG, outros com o descontentamento dirigido a qualquer forma de controle, absorvido do punk rock compartilhado entre todos em fitas k7. Cada um de nós entrou no curso pensando “design” de uma forma, e tivemos nossa visão alterada pelo caráter colaborativo da formação que recebemos de nós mesmos, dos professores, do curso e do mundo. Atuávamos como sujeitos que, de porte de conhecimentos locais e totais, subvertíamos, burlávamos, (trans)formávamos e (re)inventávamos nossas possibilidades de sermos designers, dentro de um ambiente que, ainda que sócio-culturalmente determinado, era forjado por todos nós, coletivamente.

De minha parte, eu acreditava ter escolhido uma profissão onde poderia entrar em contato com diferentes pontos de vista a cada novo projeto. Eu via (eu vejo) o designer como um profissional que empresta seu talento (seu treino, sua técnica) a quem precisar falar através dele, e daí vinha minha motivação.

O Curso Técnico em Desenho Industrial da ETFPel foi criado em 1994; hoje, a ETFPel se chama IFSul e o curso de Desenho Industrial deu lugar aos de Comunicação Visual e Design de Móveis.

*Geek* é uma gíria que define pessoas obcecadas com tecnologia, eletrônica, jogos eletrônicos, ficção científica, etc. Por *background geek* entende-se todo o imaginário compartilhado pelas pessoas em questão.

O *Role-playing game* (RPG, traduzido como “jogo de interpretação de Personagens”) é um tipo de jogo em que os jogadores assumem papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente. O progresso de um jogo se dá de acordo com um sistema de regras predeterminado, dentro das quais os jogadores podem improvisar.

Um **blog** é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados “posts”. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog.

Um **fotolog** é um site de estrutura semelhante a um blog, mas cujo principal conteúdo são imagens, muitas vezes associadas a legendas explicativas.

**I, Me, Mine** é uma música dos Beatles, composta e interpretada por George Harrison no disco *Let it Be*, lançado em 1970.

**Meu Blog I Me Mine** existiu entre 2002 e 2004. Esteve hospedado primeiro no servidor kit.net e depois no blogger.com.br. Ambos os servidores encerraram suas atividades em 2005.

**Webring** é um sistema de organização de sites por tema, criando uma estrutura de interligação circular (ou anel) entre os sites.

**ICQ** é um programa de comunicação instantânea pioneiro na Internet que pertence à companhia Mail.ru Group. A sigla “ICQ” é um acrônimo feito com base na pronúncia das letras em inglês (I Seek You), em português, “Eu procuro você”

**MSN** (derivado de The Microsoft Network) é um portal e uma rede de serviços oferecidos pela Microsoft.

O **diretor de arte** (chamado em inglês de *production designer* ou *art director*), é geralmente aquele que gerencia a atividade de design e concepção artística de um produto, incorporando uma série de funções, em publicidade, design editorial, internet, videogames, cinema e propaganda.

**Matita Perê** é também o nome de um disco lançado por Tom Jobim em 1973. O LP inclui “Águas de Março”, um dos maiores sucessos do compositor.

Projetar é ter objetivos, função social. Um projeto que não leve em consideração as realidades circundantes – tecnológicas, sociais, culturais, econômicas, ecológicas – não é um projeto viável para a sociedade. É apenas um exercício de diletantismo, às vezes até virtuoso e de talento, mas vazio (FERLAUTO, 2000, p. 38).

No período correspondente aos meus últimos anos na Universidade e meus primeiros passos como profissional, os blogs e fotologs popularizavam-se exponencialmente no Brasil. Meu primeiro blog, chamado “I, Me, Mine”, colocou-me em contato com um grupo de pessoas em Pelotas e Porto Alegre, possibilitando inclusive que os laços sociais daí resultantes extrapolassem o relacionamento “virtual” e se estabelecessem “atualmente”.

O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVY, 2001, p.16).

Muitas das relações profissionais e de amizade que estabeleci nos últimos anos formaram-se em decorrência de contatos firmados, inicialmente, nestas comunidades virtuais; relações duradouras que surgiram no diálogo estabelecido em caixas de comentários de blogs (especialmente entre no webring pelotense conhecido como *blogueiros\_pel*<sup>1</sup>), janelas do ICQ e MSN, emails e recados em scrapbooks.

Em 2005, dois anos após minha graduação como designer, passei a integrar a equipe de diretores de arte da Matita Perê, agência pelotense de publicidade que, sob o mote “Comunicação e Interatividade”, propunha-se a oferecer serviços tanto em mídias tradicionais (televisão, rádio e impressos), quanto na Internet. Originalmente contratada para atuar enquanto diretora de arte para mídia impressa, meu interesse pelo design de interfaces foi aos poucos me deslocando para o núcleo ligado ao desenvolvimento de websites. Dentro de uma estrutura criada para este fim, eu passei a integrar uma equipe multidisciplinar, composta por designers e programadores, onde meu papel era mediar entre os envolvidos no processo de desenvolvimento de aplicações. Passei a me interessar e a pesquisar a disciplina de Arquitetura de Informação, que consiste em

<sup>1</sup> Informações sobre o webring “*blogueiros\_pel*” podem ser obtidas em textos de RECUERO (2003, 2004).

organizar padrões dos dados na tentativa de simplificar o acesso a informações complexas (WURMAN, 1996) através de processos que incluem a organização, rotulação e desenvolvimento de sistemas de navegação (ROSENFELD e MORVILLE, 1998). Dentro do processo de construção de um website, a arquitetura de informação corresponde à disciplina responsável pela organização da informação e dos fluxos de interação do usuário dentro de um sistema. Meu papel passou a ser o de um guia (bibliotecário?), definindo caminhos possíveis dentro das redes de hipertexto. Assim, eu passava a atuar profissionalmente naquilo que considerava o aspecto mais interessante da profissão que eu havia escolhido – o design como um facilitador dos processos de comunicação.

Em 2006, prestei concurso para ser professora substituta no curso onde me graduei e, ao ser aprovada, passei a tentar estabelecer o meu lugar enquanto ensinante, questionando qual seria o meu papel neste contexto. Percebi que dentro da Universidade considerava-se mais relevante que eu apresentasse aos aprendizes a minúcia técnica daquilo que o currículo do curso me orientava ensinar, e que tratasse de enriquecer-lhes o repertório cultural (considerado por muitos teóricos do design como o ponto fundamental onde deve amparar-se a prática do designer).

Nesta perspectiva é importante fazer uma reflexão mais rigorosa da formação do professor universitário. Diferentemente dos outros graus de ensino, esse professor se constituiu, historicamente, tendo como base a profissão paralela que exerce ou exercia no mundo do trabalho. A ideia de que *quem sabe fazer sabe ensinar* deu sustentação à lógica do recrutamento dos docentes. Além disso a Universidade, pela sua condição legitimadora do conhecimento profissional, tornou-se tributária de um poder que tinha raízes nas macro-estruturas sociais do campo do trabalho, dominadas, fundamentalmente, pelas corporações (CUNHA, 1998, p.84).

Eu pretendia fazer diferente; queria que minha prática docente não se resumisse a compartilhar saberes técnicos com os estudantes, e também não queria impor-lhes o meu próprio repertório e minha coleção de referências. Queria que nossos encontros fossem significativos para todos, possibilitando a eles a produção de (outros) modos de vida. Minha intenção era que nossos encontros tornassem possível aos alunos criarem seus próprios significados, e inventassem seus próprios meios de se formarem designers. Tal estratégia envolveu os aprendizes de forma que todos se sentiam convidados a contribuir na construção de um rizoma, uma multiplicidade:

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao Múltiplo... Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p.31).

Na nossa prática diária, eu e meus alunos terminávamos por constituir um sistema a-centrado, para além das significações dominantes e das práticas cristalizadas, referenciadas em manuais, planos de ensino e outros discursos, procurando tornar o aprendizado um leque de possibilidades a ser continuamente inventado. Neste sentido, a internet passou a se configurar, para nós, como um espaço onde podíamos exercitar novos modos de sermos estudantes e professores. As redes tecidas por mim e por meus alunos, à semelhança de um rizoma, eram passíveis de ser constantemente redesenhadas a medida que novas informações e novas relações eram acrescentadas, sempre levando-se em consideração a multiplicidade dos conteúdos que compunham nosso objeto de estudo.

Grande parte dos alunos, assim como eu, sentia-se muito confortável em utilizar o computador e a Internet como recursos para comunicar-se, pesquisar, entreter-se. Eles pareciam compreender com muita facilidade o modo de funcionamento das máquinas e das redes, e manipulavam-os com bastante desenvoltura, confirmando seu pertencimento a um tempo que Guattari (1999) caracteriza como era da entrada em máquina da subjetividade. Deste modo, considerei que seria interessante disponibilizar a eles o meu endereço de email e meu contato do MSN, de forma que pudéssemos manter contato quando não estivéssemos em sala de aula. Além disso, eu os enviava emails quase diários com links para portfólios, blogs, vídeos, tutoriais e outros sites que pudessem interessar a todos ou a cada um deles.

Após esta primeira experiência com a utilização da internet para comunicar-me com os estudantes, criei blogs para “arquivar” todo tipo de material relativo às nossas conversas. Usei estes blogs como complemento à linguagem exercitada em sala de aula, pensando-os como repositórios para as conexões que povoavam as discussões entre eu e os estudantes. Eu pretendia registrar os diferentes acontecimentos (uma música, um vídeo no YouTube, um cartaz de filme, uma capa de disco, uma charge) que afetavam a mim e à turma, ou que qualquer um de nós considerasse relevante para o que discutíamos em aula. Os estudantes, de sua parte, vi-

sitavam os blogs, comentavam em sala de aula (e fora dela) o que tinham visto lá, sugeriam materiais para serem incluídos. Dentro deste contexto, entendo que a metáfora das redes parece aproximar-se muito da forma como estivéramos compartilhando conhecimento:

A compreensão da época em que vivemos apóia-se, cada dia mais, sobre o conceito de rede. A rede atravessa hoje todos os campos do saber – da biologia às ciências sociais, passando pelas ciências exatas – seja como conceito específico, em cada um destes campos, seja como paradigma e imagem do mundo, ou ainda como rede sociotécnicas necessárias a produção do conhecimento (PARENTE, 2000. p.171).



Figura 02 – Blog da disciplina de Agenciamento Profissional, criado e mantido por mim entre 2007 e 2008.



Figura 03 – Blog da disciplina de Projeto Gráfico I, criado e mantido por mim entre 2007 e 2008.

Após o fim do período de dois anos em que fui professora substituta no Instituto de Artes e Design da UFPel, meu crescente interesse pelas maneiras através das quais a internet modifica a maneira como nos constituímos enquanto sujeitos me trouxe ao Mestrado em Educação. Desde então, venho me interessando pela produção de subjetividade na contemporaneidade, principalmente no que tange às nossas relações com e através dos diversos sites de redes sociais na internet que hoje fazem parte do nosso cotidiano.

Os conteúdos da subjetividade dependem, cada vez mais, de uma infinidade de sistemas maquínicos. Nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afectos, de narratividade pode, daqui para frente, ter a pretensão de escapar à influência invasiva da ‘assistência por computador’, dos bancos de dados, da telemática, etc... (GUATTARI, 1999, p. 177)

Nesta linha de pensamento, coloco uma questão que considero importante: que novos professores e alunos são estes, que formam-se e transforma-se na interação com seus alunos através das redes sociais da internet?

Este estudo, portanto, busca problematizar sobre os processos de produção de subjetividade engendrados em interações entre professores e alunos nos sites de redes sociais na internet. Por opção metodológica, esta investigação foi realizada junto àqueles que me instigaram até esta pesquisa: estudantes e professores dos Cursos de Design da UFPel. Esta decisão foi tomada com base na minha experiência prévia como professora de design, quando comecei a considerar que o envolvimento de tal grupo de sujeitos com diversas tecnologias proveria um campo prolífico para investigação das novas formas de relação entre estudantes e professores. Assim, procuro relacionar os processos de produção de subjetividade e (auto)(trans)formação de professores, vistos aqui como processos em constante movimento que compõem a cartografia a ser vislumbrada.

Em linhas gerais, (a cartografia) trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procure estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (KASTRUP, 2007, p.15).

A questão da formação de professores interessa-me centralmente, mas minha aproximação do tema decorre, também, da posição que ocupo como trabalhadora da área da comunicação (mais especificamente da comunicação visual), que eu entendo como uma posição marcada por um grande interesse pelas inovações tecnológicas e seus efeitos na sociedade. É dessa perspectiva, de quem transita pelos campos da educação e do design com tais preocupações, que foi se delineando um determinado olhar e um modo de levar em conta a questão do sujeito, da sua formação e sua transformação – e que se reflete, por exemplo, na busca por certas referências teóricas, no estudo de determinados autores, num mergulho em correntes filosóficas específicas.

*(Mantendo em mente, sempre, a (in)certeza que meu ponto de vista e minha fala também são moldados de fora, no contínuo choque com outros discursos, no diálogo com outros pontos de vista, nas conversas que mantenho com diversos interlocutores.)*

O **primeiro capítulo** desta dissertação, intitulado *(Re)(In)definindo o Sujeito e a Subjetividade*, apresenta duas das mais importantes noções com as quais trabalho: sujeito e produção de subjetividade. Aponto a consolidação do entendimento de um sujeito que não é mais centrado no indivíduo, e que não é universal e tão pouco é passível de ser separado de suas tecnologias. Para tratar desse sujeito e de suas instâncias de produção, referencio-me principalmente em DELEUZE (1992, 2001), FOUCAULT (1995, 1998) e GUATTARI (1992).

O **segundo capítulo**, chamado *Nas Tramas da Rede*, trata do conceito de rede, partindo de um entendimento de que tal ideia tornou-se a mais proeminente metáfora para a descrição uma série de fenômenos, da matemática às ciências sociais, na contemporaneidade. Destaca-se, então, o aparecimento dos sites de redes sociais na internet, espaços que visibilizam (e constituem) os sujeitos e as relações entre eles. Tal abordagem é traçada principalmente através das contribuições de CASTELLS (1999), LATOUR (2010), MUSSO (2010), PARENTE (2010) e RECUERO (2009).

No **terceiro capítulo**, *Traçando a cartografia*, são colocados os procedimentos metodológicos da coleta de dados desta pesquisa. A abordagem parte de um entendimento da cartografia como descrição de uma paisagem em movimento, evidenciando, conforme ROLNIK (1989), que as paisagens psicossociais são também cartografáveis. Em uma tentativa de descrever este mapa de produção de subjetividades e seus procedimentos, traço uma apresentação do termo, usos e técnicas da cartografia, principalmente a partir dos estudos de ROLNIK (2006), KASTRUP (2007) e SPEROTTO (2002).

O **quinto capítulo**, *Achados*, é o desenho, a cartografia propriamente dita; são os achados que expropriei, apropriei, devorei e desovei (ROLNIK, 2006). Nesse processo de cartografar, algumas intensidades me interpelaram: a ressignificação do tempo e do espaço de convivência entre estudantes e professores, comentada aqui principalmente através do trabalho de CASTELLS (1999) e VIRILIO (2000); os novos modos de compartilhamento, que abrangem de assuntos abordados em sala de aula até outras diversas referências, aqui abordados a partir dos escritos de LÉVY (1998) e RHEINGOLD (1993); e por fim, o aparecimento de outros papéis para estudantes e professores, onde retomo DELEUZE (1992, 2001), FOUCAULT (1995, 1998) e GUATTARI (1992) para vislumbrar estas novas produções de subjetividade que se dão neste contexto específico.

Nas **Considerações Finais** desta dissertação, busco retomar os principais pontos levantados ao longo dos capítulos anteriores, em uma tentativa de amarrá-los, enredá-los. Como fechamento, afirmo que a pesquisa que aqui foi apresentada não tem a pretensão de apresentar modelos de uma nova prática docente, mas simplesmente narrar, com situações reais vividas pelos estudantes e pela professora, as inquietações, as potências e os limites de uma prática em que a rede é um espaço e também um modo de funcionamento.



# **(Re)(In)definindo o Sujeito e a Subjetividade**



# 1.1

## Da noção de Sujeito

*Tudo é caso de sangue. Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se pela alegria, multiplicar os afetos que exprimem e envolvem o máximo de afirmação.*

Deleuze e Parnet (1998, p. 75)

O conceito de sujeito foi um dos princípios estruturadores da modernidade<sup>1</sup>, momento histórico em que um questionamento da concepção religiosa, até então preponderante, trouxe à tona uma racionalidade apoiada no individualismo (SANTAELLA, 2004). Naquele contexto, a subjetividade tornou-se um princípio universal: a formação de determinadas esferas de valores na sociedade moderna, tais como o estado, a ciência, a moral e a arte, passam a ser então entendidas como materializações desta subjetividade ancorada na razão (HALL, 2006). No modernismo, despontam as crenças na inteligência humana e em uma razão universal, preocupadas em pregar a igualdade e a liberdade como antídotos para superstições, irracionalidades e arbitrariedades.

Para Bauman (2001), o espírito da modernidade é marcado pelo entendimento de que a sociedade se encontrava, então, em um ponto de estagnação que poderia ser revertido à medida em que a realidade fos-

<sup>1</sup> A noção de modernidade aqui é retomada a partir da concepção foucaultiana, em que o homem se constitui como figura central de tal disposição epistemológica (FOUCAULT, 1966).

se “emancipada da ‘mão morta’ de sua própria história” (pg.11). Assim, a modernidade clamava pelo repúdio e destronamento do passado e da tradição, mas não na intenção de “acabar de uma vez com todos os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre”, mas sim para “limpar a área para novos e aperfeiçoados sólidos” (pg 12). Para o autor, tal “derretimento de sólidos” na modernidade deixa restar apenas o capital, provocando uma liberação da economia de quaisquer constrangimentos políticos, éticos e culturais.

Essa forma de “derreter os sólidos” deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar - nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles (BAUMAN, 2001, pg. 13).

Com maior ou menor ênfase, propagava-se a ideia otimista de que as artes e as ciências poderiam promover não somente o controle da natureza, mas também a compreensão do mundo e do eu, a evolução moral, a justiça, e até a felicidade e bem-estar dos seres humanos. Esta identificação da subjetividade com a consciência consolida-se como um ponto importante da filosofia moderna a partir do pensamento cartesiano:

A noção de subjetividade humana legada pelo cogito cartesiano dominou o pensamento ocidental por alguns séculos. De acordo com esta imagem, a existência do sujeito é idêntica ao seu pensamento. Trata-se da ideia de um sujeito racional, reflexivo, senhor no comando do pensamento e da ação, cujos pressupostos atravessam as filosofias kantiana, hegeliana, fenomenológica e até existencialista (SANTARELLA, 2004, p. 45).

Descartes foi um dos primeiros a descrever este sujeito que é sempre um indivíduo universal; para o filósofo, ainda que esse sujeito corresponda sempre a um homem com todas as suas propriedades particulares, ele também não corresponde a determinado homem em particular, mas àquilo que é idêntico em todos os homens: a razão. Esse sujeito é dono de uma interioridade supostamente “pré-social, extralingüística e a-histórica. Trata-se, enfim, de um sujeito soberano” (SILVA, 2000, p.15). Tal indivíduo soberano, com suas vontades, desejos e interesses, permaneceu a figura central tanto nos discursos da economia quanto nos da lei moderna (HALL, 2006).

A partir da segunda metade do século XIX, nas diversas áreas das ciências humanas, alardeia-se “um sentimento crescente de desconforto e

presentimento a respeito da sorte do sujeito” (SANTAELLA, 2004, p.45). Autores como Marx, Freud e Nietzsche passam a contestar o então corrente entendimento do sujeito e da subjetividade. Cresce a preocupação em torno da “morte do eu” ou de uma “crise da subjetividade”, e passa-se então a criticar e rejeitar o entendimento de um sujeito que é universal, unificado, autônomo, racional e individualizado.

Para SILVA (2000), uma das grandes “vítimas” da crise da subjetividade é a noção de sujeito emancipado, pretendida por uma parte significativa das teorias pedagógicas, principalmente a dita pedagogia crítica:

O pressuposto diz que existe algo como um núcleo essencial de subjetividade que pode ser pedagogicamente manipulado para fazer surgir o seu avatar crítico na figura do sujeito que vê a si próprio e à sociedade de forma inquestionavelmente transparente, adquirindo, no processo, a capacidade de contribuir para transformá-la. O sujeito crítico da pedagogia crítica é a réplica perfeita do sociólogo crítico da educação que, de sua posição soberana — livre dos constrangimentos que produzem a turvada compreensão da sociedade que têm os indivíduos comuns —, vê a sociedade como se vê um mecanismo de relógio, tornando-se apto, assim, a consertá-la (SILVA, 2000, pg. 13).

O filósofo e historiador francês Michel Foucault é um dos principais questionadores dos conceitos de identidade, sujeito e da subjetividade que ainda prevalecem até a década de 60 (HALL, 2006). Interessado em elaborar uma genealogia do sujeito moderno (FOUCAULT, 1995), o autor desenvolveu uma série de estudos acerca dos hospícios, da medicina, das prisões e do policiamento, esboçando uma série de delineamentos sobre os diferentes regimes de poder que se afirmam através da história. Para o autor, “o indivíduo é o efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu” (FOUCAULT, 1989, p. 183-184). Dito isso, é importante não entender o poder como “um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras”, mas sim “como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia” (FOUCAULT, 1989, p. 183). O poder não é uma “força” localizável ou da qual seja possível se apropriar:

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de trans-

missão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (FOUCAULT, 1989, p. 183).

O poder não é, então, uma instituição ou uma estrutura e, tampouco é uma potência de que alguns sejam dotados, mas “o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1988, p. 103). Ou seja, para Foucault o poder é uma relação de forças que se encontra presente e em constante movimento, em quaisquer espaços sociais, gerando tensões que se manifestam distribuídamente. Assim, as relações de poder “fabricam” e “tornam possível” o surgimento de diferentes tipos de sujeitos.

Em seu livro *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1998), o autor destaca o papel do que ele chama de poder disciplinar, que se desenvolve principalmente ao longo do século XIX, atingindo seu apogeu no início do século XX. Tal forma de poder esteve preocupada em exercer o governo de cada indivíduo membro de uma população, instaurando mecanismos que permitissem o controle individual, a docilização e a imposição de utilidade aos corpos. Os locais de exercício deste poder são diversas instituições que se estabeleceram ao longo do século XIX e que policiam as populações modernas — prisões, hospitais, oficinas, quartéis, clínicas, escolas. O objetivo destas disciplinas consiste em manter tais indivíduos sob controle, com base no poder dos regimes administrativos e de uma série de conhecimentos especializados (FOUCAULT, 1998). Essa sujeição não é obtida principalmente por instrumentos da violência; ela pode ser física, direta, usar a força e, no entanto, não ser violenta. Seu dispositivo é o panóptico, assim descrito por Foucault:

(...) um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas celas, havia, segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário trabalhando, um prisioneiro se corrigindo, um louco atualizando sua loucura, etc. Na torre central havia um vigilante. Como cada cela dava ao mesmo tempo para o interior e para o exterior, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela; tudo o que fazia o indivíduo estava exposto ao olhar de um vigilante que observava através de de postigos semi-cerrados de modo a poder ver sem que ninguém ao contrário pudesse vê-lo. (FOUCAULT, 1998, p.87)

O panóptico enquanto “utopia de uma sociedade e de um tipo de poder” (FOUCAULT, 1998, p. 87) propagou-se, principalmente, ao longo do século XIX, de maneira a consolidar a organização social da socieda-

de disciplinar. A disciplina produz o crescimento da produtividade dos operários em fábricas e oficinas, a produção de saberes e aptidões nas escolas, de saúde nos hospitais e de força no exército. Tal “positividade” leva Foucault a descrever um triplo objetivo das disciplinas: ela visa tornar o exercício do poder menos custoso, busca estender e intensificar os efeitos do poder o máximo possível e, ao mesmo tempo, amplia a docilidade e a utilidade de todos os indivíduos submetidos ao sistema (FOUCAULT, 1998). Ao verem seus movimentos controlados, os internos permanecem confinados entre muros e presos às suas camas, celas, carteiras ou bancadas de trabalho; portanto, um determinado tipo de sujeito, útil e dócil, é fabricado pelo panóptico.

A consolidação do sistema capitalista, estimulada pelas revoluções liberais do século XVIII, faz emergir outra tecnologia de poder, menos preocupada com a docilização dos corpos individuais (já subjetivados pelas disciplinas) e mais absorvida com o controle do corpo social como um todo. O poder disciplinar, então, passa a ser complementado pelo biopoder, que “não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes” (FOUCAULT 1999, p.289). O biopoder volta-se para o controle de epidemias, das taxas de natalidade, longevidade e mortalidade. Enquanto a disciplina preocupa-se com os indivíduos, o biopoder age “no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos” (1988, p. 152). Onde quer que se exerça o biopoder, haverá também uma extensa produção de saber: estatística, biologia, medicina e economia operam na construção de um corpus de conhecimento dedicado a otimizar, modificar, transformar e aperfeiçoar o corpo para melhor manejá-lo. Ainda assim, o biopoder não intervém no corpo individual do sujeito, como faz o poder disciplinar; sua intervenção se dá nos fenômenos coletivos que podem atingir a população e afetá-la, e daí decorre que se torne necessária a constante medição e prevenção de tais fenômenos. Assim a disciplina, no âmbito do biopoder, passa a funcionar como um dispositivo de regulamentação, necessário para que se garanta a vida e se evite a morte.

A partir do trabalho de Foucault, diversos autores procuram discutir como se dá a produção de subjetividade na contemporaneidade. Gilles Deleuze fala da crise das sociedades disciplinares e da passagem a outra configuração que ele denomina sociedade de controle (DELEUZE, 1992). Enquanto as disciplinas agiam em espaços de confinamento, o controle se manifesta indiscriminadamente por todo o tecido social. Para o autor, o poder não age mais como molde, como acontecia nas sociedades disciplinares, mas por modulações flexíveis “como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro” (DELEUZE, 1992, pg.

221). Desta maneira, o tempo do trabalho não é mais só o da fábrica (substituída pela empresa), passando a se estender por toda a vida do trabalhador, de forma que o próprio processo de formação escolar não termine (sendo substituído pelos processos de formação permanente ou continuada). Para HARDT & NEGRI (2001), não há mais tempo para vida que esteja descolada da produção capitalista, de forma que as subjetividades tornaram-se espaço para mercantilização da vida. Assim, as sociedades de controle são definidas como aquelas em que os “mecanismos de comando se tornam cada vez mais ‘democráticos’, cada vez mais imanentes ao campo social, distribuídos pelos corpos e cérebros dos cidadãos” (pg. 43-44).

No entanto, Hardt e Negri reafirmam a máxima Foucaultiana de que toda relação de poder supõe também espaço para resistência. Os autores afirmam a importância de um longo ciclo de lutas contra os regimes disciplinares, que forçam o capital a modificar suas próprias estruturas e submeter-se a diversas mudanças de paradigma. O repúdio a tais formas de controle, inclusive na “afirmação da esfera de não-trabalho” (pg. 282) tornam-se características definidoras de um conjunto de práticas coletivas, constituidoras de outras formas de vida.

Bauman (2001), no por outro lado, parece cético em relação à sorte de tais movimentos de resistência. Para o autor, há um esvaziamento das frentes revolucionárias, causado por uma série de incertezas:

Se o tempo das revoluções sistêmicas passou, é porque não há edifícios que alojem as mesas de controle do sistema, que poderiam ser atacados e capturados pelos revolucionários; e também porque é terrivelmente difícil, para não dizer impossível, imaginar o que os vencedores, uma vez dentro dos edifícios (se os tivessem achado), poderiam fazer para virar a mesa e pôr fim à miséria que os levou à rebelião. Ninguém ficaria surpreso ou intrigado pela evidente escassez de pessoas que se dispõem a ser revolucionários: do tipo de pessoas que articulam o desejo de mudar seus planos individuais como projeto para mudar a ordem da sociedade. (BAUMAN, 2001, p. 15)

Estas constantes tensões entre as produções de subjetividade em diversas instâncias e as tentativas de resistência dos movimentos revolucionários são a marca da subjetividade hoje: uma coleção de dados sem ordem, hierarquia ou lei, geridos por uma série de dispositivos. O sujeito, então, nada mais é que o efeito das articulações às quais as ideias estão submetidas. Assim, é tão somente a repetição das experiências que forja

aquilo que se se entende como consciência, espírito, alma, subjetividade (DELEUZE, 2001).

O sujeito é, pois, tão somente duração, persistência no tempo de um conjunto de afirmações e crenças decorrentes dos hábitos que qualificam o indivíduo e lhe conferem não “a identidade”, mas “uma identidade”, por definição provisória, que será passível de mudança tão logo mudem as experiências que conformam seus hábitos (SOARES, 2008).

Problematizar a subjetividade sob este ângulo é levar em conta seu caráter processual, parcial, precário e pré-pessoal. Não existe uma subjetividade que funcione como recipiente onde seriam depositados elementos exteriores a serem interiorizados. Ao entender a subjetividade como um fluxo contínuo de modos de existir fabricado no entrecruzamento de instâncias sociais, técnicas, institucionais e individuais (GUATTARI, 1992), radicaliza-se o entendimento das possibilidades de constituição de modos de ser. Assim, é possível considerar que todos os sujeitos e coletivos humanos, todas as tecnologias, instituições e produtos culturais produzem subjetividades.

# 1.2

## Outras concepções da subjetividade

*Nenhum ponto fixo, nenhuma substância, nenhuma essência, nenhuma origem, nenhum centro. Apenas linhas, fluxos, intensidades, energias, conexões, combinações. (SILVA, 2000, pg. 17)*

O entendimento de sujeito e subjetividade enquanto produzidos torna visível a existência de uma rede de signos que (des)organizam-se na formação de novos modos de viver. Não mais o sujeito como dado a priori, mas um concerto polifônico de vozes e mutações afetivas (GUATTARI; ROLNIK, 2010), não passível de totalização ou centralização no indivíduo. Assim, considera-se que há múltiplas maneiras diferentes de se subjetivar que surgem e entrecruzam-se no decorrer da história. Entende-se, então, que a subjetividade hoje se produz diferentemente do que se produziu, por exemplo, no começo do século XX.

De uma maneira bastante geral, deve-se admitir que cada indivíduo e cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, ou seja: uma certa cartografia constituída de demarcações cognitivas, mas também místicas, ritualísticas, a partir da qual o sujeito (ou o grupo) se posiciona em relação aos seus afetos e suas angústias, na tentativa de gerir suas inibições e suas pulsões. (GUATTARI, 1992, p.21)

Entre tantas modulações de subjetividade que advém historicamente, Guattari e Rolnik (2010) identificam, na contemporaneidade, aquilo que chamam de “sistema capitalístico”, que atua como uma enorme rede que difunde uma série de modos de agir, de pensar, de projetar modos de vida. O acréscimo do sufixo “ístico” ao termo “capitalista” traduz a noção de que, hoje, a produção de subjetividade em países em desenvolvimento segue padrões semelhantes à dos países industrializados da vanguarda capitalista.

(As forças sociais que administram o capitalismo hoje) entenderam que a produção de subjetividade talvez seja mais importante do que qualquer outro tipo de produção, mais essencial até do que o petróleo e as energias. É o caso do Japão, onde não há petróleo, mas onde se tem – e como! – uma produção de subjetividade. É esta produção que permite à economia japonesa se afirmar no mercado mundial, a ponto de receber a visita de centenas de delegações patronais que pretendem “japonizar” as classes operárias de seus países de origem (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 34).

No entendimento dos autores, a subjetividade se efetiva através de constantes oscilações entre dois processos, que tensionam o controle sobre os corpos: por um lado opressão, e por outro singularização. A subjetividade capitalística opera na fabricação de novos desejos para os sujeitos; tal produção de necessidades é justamente a matéria prima para que o próprio Capitalismo Mundial Integrado (GUATTARI; ROLNIK, 2010) continue a operar com certa segurança.

Os autores apontam para a existência de sociedades “arcaicas”, onde outras produções de subjetividade funcionam e o processo capitalístico não foi totalmente incorporado. Também se considera o caso das crianças, ainda não totalmente enquadradas a tal sistema, dos pacientes em hospitais psiquiátricos, incapazes de adaptarem-se, ou mesmo dos pequenos grupos resistentes que procuram recusar, deliberadamente, a ajustar-se. Estes outros modos de representação do mundo são viáveis justamente por que o processo de produção de subjetividade é descentrado. Não existe uma ontologia que pré-determine tais processos, ou que preestabeleça uma hierarquia ou relação de causalidade entre diferentes instâncias produtoras de subjetividade; estas hierarquizações são contextuais, reconfigurando-se a todo tempo.

Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos,

ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de idéia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (GUATTARI E ROLNIK, 2010. p.31)

Assim, entende-se a subjetividade como processo de formação multilinear, sem fechá-la em uma fórmula única. A subjetividade entendida como processo admite uma constante produção que não segue padrões fixos, mas que se modifica constantemente, influenciada pelo funcionamento das mais diversas máquinas. Mais tarde, GUATTARI(1999) procura descrever três vias por onde se configurariam os “Equipamentos Coletivos de Subjetivação”:

I. As **vozes do poder**, ligadas a poderes territorializados, “que circunscrevem e cercam, de fora, os conjuntos humanos, seja por coerção direta e dominação panóptica dos corpos, seja pela captura imaginária das almas” (p.179).

II. As **vozes de um saber desterritorializado**, “que se articulam de dentro da subjetividade às pragmáticas técnico-científica e econômica” (p.179).

III. As **vozes de auto referência**, “que desenvolvem uma subjetividade processual autofundadora de suas próprias coordenadas” (p.179).

Guattari procura localizar a emergência destas três vozes na história, tomando cuidado em caracterizar esta localização como uma “cartografia especulativa” (p. 181) e afirmando sua intenção de lembrar que tais vozes não existiram desde sempre e que tampouco existirão sempre da mesma forma. Para o autor, as vozes do poder estão ligadas à idade da cristandade europeia, marcada por uma nova concepção das relações entre a Terra e o Poder. As vozes do saber sobressaem-se na idade da desterritorialização capitalista dos saberes e das técnicas, “fundada sobre princípios de equivaler generalizado” (pg. 181).

Por fim, as vozes de auto referência estão ligadas à “idade da informatização planetária”, que “abre a possibilidade para uma processualidade criativa e singularizante tornar-se a nova referência de base”. Esta seria a voz “mais singular, a mais contingente, aquela que ancora as realidades humanas na finitude, e também a mais universal, aquela que opera as mais fulgurantes travessias por campos heterogêneos” (pg. 180). Tais vozes de auto referência, para o autor, não devem ser entendidas como universais no sentido estrito, mas como vozes mais ricas em universos de

possibilidades de singularização. Para Guattari e Rolnik (2010), a singularização é um dos processos de consumo de subjetividades: trata-se de um processo disruptor de afirmação de outras sensibilidades, percepções e modos de ser. O processo de singularização pode ser considerado como “uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade” (p.42).

O segundo processo, chamado pelos autores de individualização, se caracteriza como uma aceitação incondicional de um determinado modo de viver imposto, instaurando-se conforme determinam os padrões universais e massificadores vigentes. Para os autores, este processo é “uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe” (pg. 42).

Quanto ao potencial singularizante das vozes de auto-referência, Guattari (1999) afirma:

Antes de mais nada, é preciso admitir que poucos elementos objetivos nos permitem esperar ainda por uma tal virada da modernidade mass-midiática opressiva em direção a uma era pós-mídia que daria todo seu alcance aos agenciamentos de auto-referência subjetiva. Parece-me, no entanto, que não é senão no contexto das novas distribuições das cartas da produção da subjetividade informática e telemática que essa voz da auto-referência chegará a conquistar seu pleno regime (p. 183).

Para o autor, as práticas de singularização nunca estiveram tão acessíveis, estando, pela primeira vez na história, perto de causar modificações mais duráveis do que as muitas efervescências espontâneas da modernidade. Assim, seria possível “desembocar num reposicionamento fundamental do homem em relação ao seu meio ambiente maquínico e ao seu meio ambiente natural (que, aliás, tendem a coincidir)” (pg. 183).

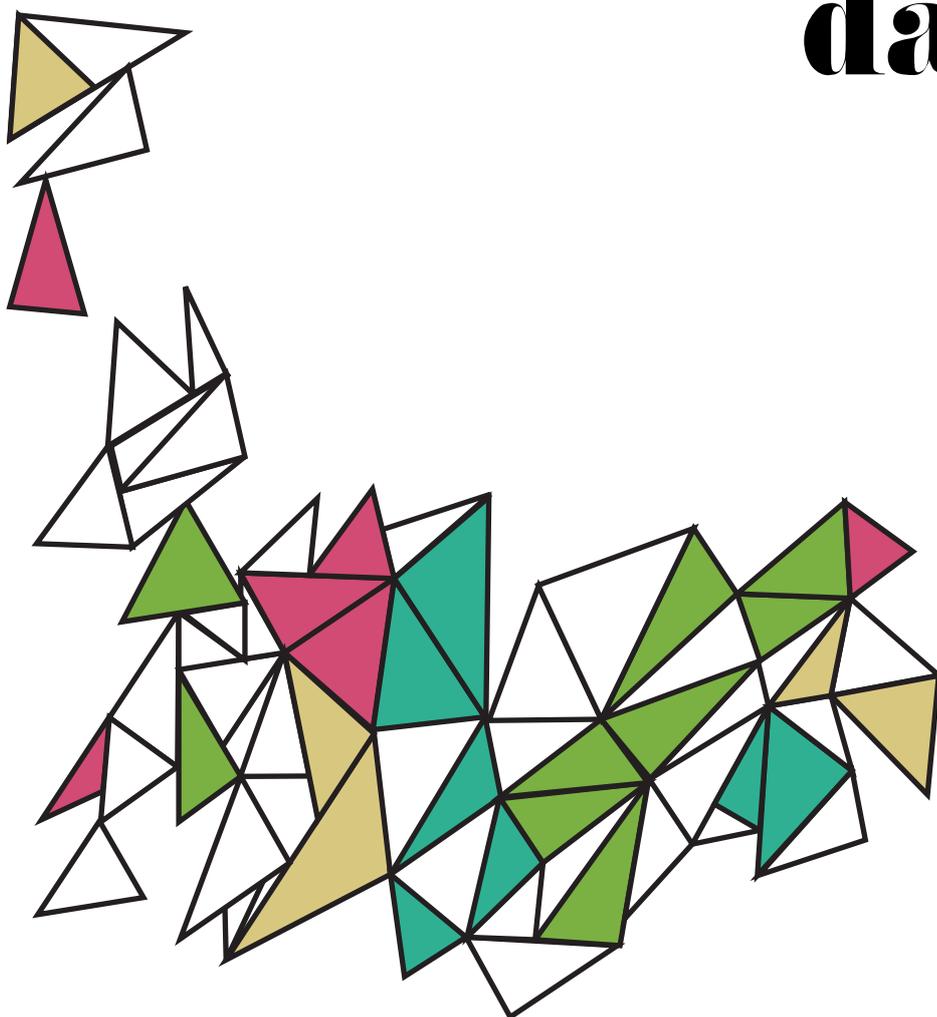
Os novos movimentos sociais – muitas vezes articulados através das redes sociais na internet – muitas vezes parecem confirmar as especulações de Guattari. Concomitante à “homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade” (GUATTARI, 1992, p.15) assiste-se ao surgimento de movimentos de resistência de vários matizes que vão desde manifestações pacíficas a ações espetaculares, que pretendem a polêmica, tais como os protestos do grupo *Greenpeace*, passando pelos movimentos de software, conhecimento e mídia livres e os fóruns sociais mundiais. Recentemente, chama a atenção o uso que muitos destes movimentos sociais tem feito da Internet: sublinham-se aqui as manifestações contra a fraude nas eleições Irã, narrada em “tempo real” por manifes-

tantes que encontraram no Twitter uma brecha para vencer a censura a tantos meios de comunicação em seu país; a mobilização em torno do *WikiLeaks*, site colaborativo que publicou informações originárias de diversas sedes diplomáticas dos EUA pelo mundo; as recentes revoltas populares no Egito, na Líbia, na Espanha; os movimentos *Occupy*, com “matriz” em *Wall Street* e reverberações mundo afora, onde a internet tem sido utilizada para ampliar o “poder de fogo” dos grupos rebeldes. As redes, então, parecem consolidar uma realidade em que aspectos tecnológicos, políticos, econômicos e culturais convergem na afirmação de uma sociedade da informação e do conhecimento. No entanto, não significa que aquilo hoje entendido e promovido como “sociedade da comunicação” possa ser considerado como a realização de uma utopia do mesmo gênero, em que os princípios do consenso, da transparência e da autorregulação constituiriam pilares para sustentação de tal sociedade. BRETON (1994) preocupa-se com um conjunto de esperanças que têm sido depositadas na comunicação, da mesma forma que outrora se depositou na religião ou na política.

Independente do ceticismo ou franco entusiasmo com o qual se observe a presença massiva da informática e das redes de comunicação na contemporaneidade, é inegável o impacto que a influência destas tecnologias tem sobre os atuais processos de subjetividade. Para GUATTARI (1999), não se pode deixar de considerar a “influência invasiva da assistência por computador” (p. 177), que não deve ser demonizada, uma vez que tais máquinas não passam de formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos da própria subjetividade humana. Neste contexto, os sites de redes sociais na Internet emergem enquanto uma significativa central de distribuição de sentidos e valores (ROLNIK, 2006), isto é, em um grande sistema de referência para a composição de um território existencial para os sujeitos na contemporaneidade.



# Nas tramas da rede



# 2.1

## Consolidação da noção de rede

*A rede aponta o porvir aqui embaixo, o futuro da sociedade envolta numa rede em cujas malhas já caímos; ela se tornou uma espécie de templo da religião comunicacional mundial (MUSSO, 2010, pg. 36)*

A comunicação mediada por computador, na contemporaneidade, se constitui como a tecnologia que mais transita entre os diversos âmbitos da realidade social. É impossível pensar em sociabilidade, cultura, trabalho ou educação hoje sem considerar o impacto causado por tais ferramentas. “O sistema de produção que se serve desse espaço de fluxos é constituído por redes - um sistema reticular - exigente de fluidez e sequioso de velocidade“ (SANTOS, 2000, pg. 106). Ao capitalismo mundial integrado, interessa a fluidez na circulação de dados, bens, pessoas e capital, já que as instituições perdem, hoje, seu status sólido para ganhar contornos fluídos e adaptáveis. Para Bauman (2001), vivemos em plena “modernidade líquida”, caracterizada pela não-territorialidade das transações econômicas e políticas e pela dissolução de uma série de instituições que governavam os modos de vida até a consolidação da modernidade.

Como um novo sistema de referência produtor de subjetividades, surge a noção de “rede”. De acordo com MUSSO (2010), tal noção se tornou onipresente ou mesmo onipotente em todas as disciplinas, se tornando a metáfora escolhida para descrever uma série de diferentes estruturas:

(...) ela define modos de relações (redes sociais, de poder...) ou modos de organização (empresa-rede, por exemplo); na física, ela se identifica com a análise dos cristais e dos sistemas desordenados; em matemática, informática e inteligência artificial, ela define modelos de conexão (teoria dos grafos, cálculos sobre rede, conexismo...); nas tecnologias, a rede é a estrutura elementar das telecomunicações, dos transportes ou da energia; em economia, ela permite pensar novas relações entre atores na escala internacional (redes financeiras, comerciais...) ou elaborar modelos teóricos (economia de rede, intermediação); a biologia é apreciadora dessa noção de rede que, tradicionalmente, se identifica com a análise do corpo humano (redes sanguíneas, nervosas, imunológicas...) MUSSO, 2010, pg. 17)

Talvez o excesso de usos do conceito seja uma prova do seu poder e sua complexidade; de qualquer maneira, “rede” passou a ser a palavra usada para descrever quaisquer estruturas que não são definidas por seus limites externos, mas sim pelas suas conexões internas (KASTRUP, 2010). De acordo com Parente (2010), a rede apresenta-se como “uma espécie de paradigma e de personagem principal das mudanças em curso justo no momento em que as tecnologias de comunicação e informação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem mundial” (p. 92).

Para Recuero (2009), o estudo das redes não é particularmente novo; a noção de rede social resulta da mudança de foco que, durante o século XX, questiona o paradigma analista-cartesiano, interessado em dissecar fenômenos e analisar cada uma das partes isoladamente. Assim, desponta o entendimento de que os fenômenos são constituídos das interações entre as partes. Paulatinamente, a rede torna-se o modelo dominante para pensar e representar “uma infinidade de campos de estudo que passam a abordar seus objetos através da metáfora de uma pluralidade de pontos interligados por uma pluralidade de ramificações” (SERRES, 1990). A partir daí, o estabelecimento de redes de comunicação passa a ser “um objetivo de utilidade pública e uma garantia de felicidade material” (MUSSO, 2010, p. 26). A Internet surge como uma utopia da associação global pelas redes de comunicação, promovendo a ideia de um sistema não-hierárquico, universal.

A rede indica um futuro libertador, ela é uma promessa de uma circulação generalizada e libertadora de fluxos de informação e das ondas econômicas. (...) Suas duas imagens originais são redescobertas: a que agita seus bajuladores, da livre circulação generalizada das informações, significando democracia e transparência da “sociedade de informação”,

e a evocada por seus detratores, de controle e da vigilância generalizada (MUSSO, 2010, pg. 35)

A consolidação de tal “sociedade em rede”, na opinião de CASTELLS (1999), se dá pela penetração das tecnologias de informação e comunicação em todos os domínios da atividade humana; “as TIC estão para a sociedade em rede assim como as fontes de energiam estiveram para as sucessivas revoluções industriais” (CASTELLS, 1999, p. 68). No entanto, é preciso tomar cuidado para não caracterizar a corrente revolução como sendo essencialmente dependente de novos conhecimentos e informação.

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação de conhecimentos e de dispositivos de processamento / comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. (CASTELLS, 1999, pg. 69)

A rapidez deste ciclo de inovação e uso provoca transformações contínuas nos modos de produção de subjetividade que emergem na sociedade em rede; são mudanças nas instâncias do trabalho, da formação, da sociabilidade, resultando numa completa fluidez nos processos de subjetivação. Com isso, percebe-se uma proliferação de subjetividades mutantes (ou esquizos) (DELEUZE; GUATTARI, 1976); as infinitas escolhas e conexões feitas num determinado instante acabam irrompendo em novas formas de subjetivar-se a todo o momento.

## 2.2

# Ator-Rede e Rizoma: constituindo hibridismos

*Muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore. (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, pg. 25)*

Uma rede social, manifesta na internet ou não, “representa um conjunto de participantes, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, pg. 72). A autora também sublinha as dicotomias normalmente vinculadas ao estudo das redes:

O conceito de redes é tributário de um conflito permanente entre diferentes correntes nas ciências sociais, que criam os pares dicotômicos - indivíduo / sociedade, ator / estrutura, abordagens subjetivistas / objetivistas, enfoques micro ou macro da realidade social - colocando cada qual a ênfase analítica em uma das partes (MARTELETO, 2001, pg. 80).

A Teoria Ator-Rede, fruto do trabalho de Bruno Latour e Michel Callon, se preocupa justamente em questionar a validade de tais dualidades. Para LATOUR (2001), é preciso romper com a noção tradicional de ator social, que tende a excluir tudo que não é humano. O ator social, termo que mais adiante o autor substituirá por “actante” (MORAES, 1998), será tudo que produzir efeitos, “podendo se referir a pessoas, instituições, coisas, animais, objetos, máquinas, etc” (FREIRE, 2006, pg. 50).

Tal ampliação da noção de ator social faz sentido à medida que se tornou impossível, hoje, reduzir certas coisas ao domínio dos sujeitos ou ao dos objetos:

Afirmar que tudo o que há são quase-objetos, quase-sujeitos significa questionar o projeto moderno, e mesmo radicalmente, tal é a proposta do autor, dizer que jamais fomos modernos no sentido em que pensávamos que pudéssemos ser, apoiados naquela dicotomia ontológica (MORAES, 1998).

A noção de ator social em Latour encontra eco no entendimento da subjetividade como produzida no “entre” de uma diversidade de linhas de força. DELEUZE & GUATTARI (1995b) teorizam em cima de um entendimento de subjetividade na qual desaparecem quaisquer referências a sujeitos enquanto entidades de onde emanam as ações humanas. Para os autores, mundo está cheio de “máquinas” que se definem simplesmente pelo seu caráter produtivo. Assim, desaparecem as distinções entre quaisquer máquinas, sejam elas biológicas, artificiais ou sociais, que, misturadas nos espaços informacionais, compõem o que LATOUR (1994) chama de redes sociotécnicas. Na elaboração de tal conceito, Latour inspira-se em no rizoma de DELEUZE e GUATTARI (1995a), que, ao contrário de tentar definir uma noção fechada, explicitam “características aproximativas” do rizoma:

1. O primeiro princípio do rizoma é o **princípio de conexão**, onde se afere que qualquer ponto em um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo (pg. 14). O rizoma, então, trata-se de uma noção totalmente diversa da estrutura em árvore, onde existe um ponto fixo a partir do qual se realizam as ramificações. KASTRUP (2010) acrescenta que este princípio se ergue contra a causalidade, o determinismo e a previsibilidade. O princípio da conexão presta-se à descrição de qualquer rede, a-hierárquica, sem começo nem fim.

2. O segundo é o **princípio da heterogeneidade**, que afirma que o rizoma não é de natureza lingüística, afirmando que não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. Assim, a língua é uma das linhas que compõem um rizoma, mas não é a única e nem mesmo a mais importante. “Um rizoma vai além das conexões puramente lingüísticas, sendo atravessado por cadeias biológicas, políticas, materiais, culturais, econômicas, em todas as suas modalidades” (FERREIRA, 2008, pg. 35).

3. O terceiro é o **princípio da multiplicidade**, que determina que as “multiplicidades são necessariamente rizomáticas e denun-

ciam a pseudomultiplicidades arborescentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, pg. 15). O rizoma não é composto de totalidades ou de formas únicas – como sujeito e objeto – sendo anterior a isso. Para os autores, o rizoma não é composto de pontos fixos, mas tão somente de linhas.

4. O quarto é o **princípio da ruptura a-significante**, que responde pela tensão permanente entre o movimento de criação de formas e organizações, e de fuga e desmanchamento destas mesmas formas. Este princípio está relacionado aos processos de territorialização (que procura organizar e atribuir significados) e desterritorialização (que procura sempre escapar destas tentativas de significação).

5. O quinto é o **princípio da cartografia**, que dá pistas de “como olhar” para o rizoma, e que mais tarde será retomado por sua importância para a metodologia deste trabalho. O princípio de cartografia é metodológico, e diz respeito ao mapa traçado. Mapear significa acompanhar os movimentos e as retrações, os processos de invenção e de captura que se expandem e se desdobram. (FERREIRA, 2008, pg. 36)

O que é importante manter em mente, neste momento, é que pensar no rizoma, tentar mapeá-lo, é um processo de invenção. Assim, o princípio da cartografia é também uma crítica à metodologia enquanto tentativa de representação fidedigna do campo observado, sendo este entendimento útil na presente tentativa de “desenhar-se” uma cartografia tornada visível através dos sites de redes sociais na internet. Entende-se que os sites de redes sociais na Internet podem constituir-se enquanto espaços privilegiados para as tentativas de cartografar os processos de produção de subjetividade, já que em tais instâncias os sujeitos são capazes de se apropriar das ferramentas disponíveis compondo um rizoma – um espaço onde conhecimentos, crenças e atitudes podem hibridar-se.

## 2.3

# Sites de Redes Sociais: conceitos e características

*A rede é mais que a máquina, porém menos que o vivente; mais que o linear, porém menos que o hipercomplexo; mais que a árvore, porém menos que a fumaça. (MUSSO, 2010, pg. 30)*

Entre tantas noções originadas da consolidação da “rede”, a ideia de rede social na internet” é provavelmente uma das mais significativas. A visibilidade de tais redes se dá através dos Sites de Redes Sociais, projetados (ou utilizados desta forma pelos usuários) com a finalidade de facilitar a visualização e manutenção de conexões sociais. A rede “é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social” (RECUERO, 2009, pg. 31).

Para MUSSO (2010), a rede é “uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento (pg. 31). Tal noção corresponde ao funcionamento de uma rede social na internet: a interconexão instável dos elementos é a própria instabilidade e precariedade da rede, em que os elementos (re)articulam-se a todo momento a medida em que conexões se fazem e se desfazem; os elementos em interconexão instável são os próprios nós da rede, conectados entre si; por fim, a variabilidade de uma rede social obedece a alguma regra de funcionamento, uma série de dinâmicas que são governadas, entre outras instâncias, por protocolos sociais e pela própria interface das redes.

Conforme RECUERO (2009), os sites de redes sociais “não são exatamente um elemento novo, mas uma consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais” (pg. 102). Desta forma, sites populares de redes sociais, como o Orkut e o Facebook, não são os únicos exemplos de sites desta espécie. Um site de rede social será qualquer site utilizado para a “expressão de redes sociais na internet” (RECUERO, 2009, pg. 102), com ênfase na questão da expressão: para a autora, os SRS são apenas sistemas, e não a rede social propriamente dita. Em busca de uma delimitação das características de tais sites, a autora referencia-se em BOYD & ELLISON (2007), que estabelecem como pressupostos dos SRS<sup>1</sup>:

- 1 – São sites que permitem a construção de um perfil público ou parcialmente público;
- 2 – Possibilitam a interação com outros usuários com os quais se está conectado;
- 3 – Permitem a visualização da lista de contatos de um usuário.

Para RECUERO (2009), a apropriação surge como um ponto importante a ser considerado nesta definição, uma vez que quaisquer sites que permitam a visualização e articulação de uma rede podem ser considerados como SRS. Assim, a autora classifica tais sites como SRS propriamente ditos e SRS apropriados.

Os SRS propriamente ditos são aqueles “focados em expor e publicar as redes sociais dos atores” (pg. 103). É o caso, por exemplo, do *Orkut*, *Facebook* e *LinkedIn*, onde o sujeito precisará “criar um perfil” para que então comece a interagir com outros participantes.

Já os SRS apropriados são ferramentas não necessariamente pensadas para a visibilização de redes, mas que são apropriadas pelos sujeitos com este fim. Aqui aparecem os “sistemas onde não há espaço específico para o perfil ou para a publicização das conexões” (pg. 104), como as diversas plataformas para *blogging* (*Blogger*, *LiveJournal*, *WordPress*), *microblogging* (*Twitter*, *Plurk*), publicação de fotografias, ilustrações e outras imagens (*Flickr*, *Fotolog.com*, *Deviant Art*), entre outros (*Last.fm*, *Google Reader*). Os atores dos SRS apropriados acabam por “produzir um perfil” a partir do conteúdo que publicam e das trocas de mensagem com outros usuários.

Um exemplo de produção de um perfil por parte dos integrantes de um SRS apropriado acontece no *Last.fm*. O *Last.fm* é um site que combina as funções de rádio online com a de arquivo de estatísticas so-

**Blogging** é o ato de publicar artigos, ou posts, em blogs.

**Microblogging** (blogar) é o ato de publicar atualizações em microblogs.

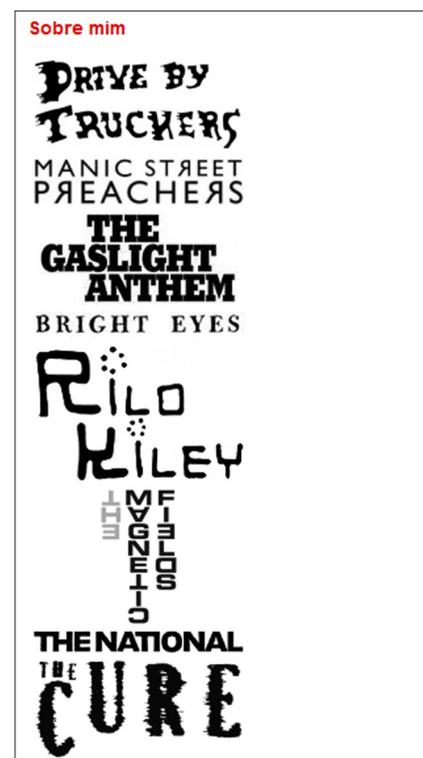
**Microblog** é uma espécie de plataforma para blog que permite aos usuários que façam atualizações breves de texto (geralmente com menos de 200 caracteres) e publicá-las.

<sup>1</sup> Daqui em diante, a sigla SRS será usada para representar “Site de Rede Social”

bre o gosto musical dos sujeitos. Em última análise, o site constitui-se como um SRS com foco em discussões e recomendações sobre música. A ferramenta constrói um perfil detalhado do gosto musical de cada ator, reunindo e exibindo suas músicas e artistas favoritos numa página criada a partir das informações coletadas e gravadas por um *plugin* instalado no computador do usuário. Na página que exibe este perfil detalhado do sujeito, existe um espaço, à direita, chamado *About Me* (sobre mim). O *last.fm* permite que o usuário publique ali qualquer tipo de conteúdo, uma vez que o site aceita que se utilize HTML na criação de conteúdo para tal espaço. Surgiram, então, diversos aplicativos “não-oficiais” – não criados pelo próprio Last.fm, mas por programadores independentes – que geram conteúdo para ser publicado no *About Me*. O ator pode, por exemplo, optar por exibir uma lista dos seus discos preferidos. Outros incluem ali uma *tag cloud* dos seus gêneros favoritos, ou fotografias de seus artistas mais ouvidos.

**Tag Cloud**, ou nuvem de tags, é uma representação visual de um grupo de tags, ou palavras-chave, utilizando variações de coloração e tamanho do texto para representar a importância das palavras-chave em questão. Quanto mais uma palavra-chave for utilizada em um blog, por exemplo, maior ela aparecerá na nuvem de tags.

Uma **tag** é uma palavra chave, utilizada para identificar uma informação qualquer (um link na internet, uma imagem, um arquivo de computador, uma postagem em um blog). Quando exibidas em um site, as tags normalmente servem como links / filtros para a informação.



Figuras 04, 05 e 06 - Perfis personalizados no last.fm

O termo **meme** é popularmente usado para descrever um conceito, ideia, mensagem ou conteúdo (geralmente em forma de um link) que se espalha rapidamente pela Internet, através de Redes Sociais, emails, blogs e mensagens instantâneas. O termo foi originalmente criado por Richard Dawkins (1976) para descrever uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro, ou entre locais onde a informação é armazenada (como livros) e cérebros. O meme é descrito por Dawkins como a unidade mínima da memória, ou análogo ao gene para a genética.

Ao estudar os SRS, portanto, é preciso considerar muitas especificidades quanto à sua constituição. Uma questão interessante a respeito da maneira como os SRS se configuram é o fato de que os espaços aí viabilizados já não podem ser considerados como um único lugar antropológico (LÉVY, 2007), mas sim como uma diversidade de espaços por onde os sujeitos se constroem. Em um meme bastante popular que circulou na Internet no começo de 2010, diversos Sites de Redes Sociais são comparados com diferentes drogas e seus efeitos. Na página seguinte à imagem, segue uma tradução minha para o conteúdo da ilustração.

# INTERNET VICES



## tumblr. is a bottle of wine

A quiet night in with a couple friends, and a couple of their friends. Spilling nostalgic stories, flipping through photo albums, singing favorite songs, aiming for poignancy, and occasionally stumbling onto it. Emotions flow freely and without thought.



## twitter is cocaine

Fucking ANYONE is your friend. Yuppies do it on their iPhone. Cheap. Short. Fruitless.



## YouTube is shots of tequila

"Just ONE" to humor your friend quickly turns into 4 or 5. Anything and everything becomes wildly entertaining. A fun way to waste some time you won't really remember the details of. Probably for the best.



## vimeo is a tab of good acid

Everyone here is pretty nice and pretty chill. You'll witness some truly beautiful things. Sometimes emotional, visits can be long or short, but you'll leave amazed, and with a better understanding of the world.



## facebook is a vodka cranberry

Social lubricant used to enhance still developing social etiquette. You're aware of your uninhibited actions, but comforted by the built in safety net of excuses.



## myspace is huffing spray paint

Destroys any chance of looking credible. You will be perceived as having the mindset of a middle schooler, and probably do.



## Gmail is caffeine pills

Great for a quick pick me up to stimulate productivity, but ultimately leaves you exhausted and relying on it.

### **Vícios da Internet**

O Tumblr é como uma garrafa de vinho.

Uma noite tranquila com alguns amigos e alguns amigos deles. Compartilhar histórias nostálgicas, folhear álbuns de fotos, cantar músicas preferidas, desejar ternura e, de vez em quando, “tropeçar” em ternura. As emoções correm livres e sem censura.

### **O Twitter é como cocaína.**

Todo mundo é seu amigo. Yuppies usam no iPhone. Barato. Rápido. Improdutivo.

### **O YouTube é como tequila.**

“Só um” para fazer o seu amigo rir um pouco, e de repente já são quatro ou cinco. Toda e qualquer coisa se torna absurdamente engraçada. Um jeito divertido de perder algum tempo, e você provavelmente não vai lembrar dos detalhes depois. Ainda bem.

### **O Vimeo é como uma boa “figurinha” de ácido.**

Todo mundo é muito legal e muito tranquilo. Você vai ver algumas coisas realmente muito bonitas. As visitas podem ser curtas ou longas, mas sempre vão deixar você maravilhado e com um entendimento melhor do mundo.

### **O Facebook é como vodka com mirtilo.**

“Lubrificante social” usado para melhorar a etiqueta. Você tem noção das suas ações desinibidas, mas sente-se confortável por causa de uma rede segura de desculpas.

### **O MySpace é como cheirar cola.**

Destrói qualquer chance de parecer responsável. Você vai ser visto como alguém que tem a cabeça de um adolescente. E você provavelmente tem.

### **O Gmail é como cafeína.**

Ótimo para levantar a moral e estimular a produtividade, mas no fim deixa você exausto e dependente.

O termo **yuppie** (derivação da sigla “YUP”, expressão inglesa que significa *Young Urban Professional* - Jovem Profissional Urbano) descreve um conjunto de atributos e traços de comportamento que vieram a constituir um estereótipo que se acredita ser comum principalmente nos EUA. É usado para referir-se a jovens profissionais entre os 20 e os 40 anos de idade, geralmente de situação financeira confortável, que trabalham em suas profissões de formação e seguem as últimas tendências da moda.

Ainda que o texto acima tenha intenção de ser cômico, ele traduz bem o entendimento de que o ciberespaço não é um território único, homogêneo, mas sim uma polifonia de discursos, práticas, subjetividades que se “materializam” de forma diferente em cada um dos ambientes onde transitam. O Twitter, por exemplo, permite um certo tipo de manifestação dos usuários (posts em até 140 caracteres, possibilidade de responder diretamente a alguém ou de repostar algo que outro usuário postou) enquanto o Facebook permite outro (o preenchimento de um

perfil, troca de mensagens mural-a-mural com amigos, juntar-se a grupos, jogar, ajudar os amigos com jogos, etc). Estas diferenças estruturais entre os recursos presentes nos Sites de Redes Sociais são, em parte, responsáveis pelas diferentes formas de manifestação e apropriação que os sujeitos fazem nestes / destes ambientes.

Um determinado grupo, por exemplo, pode utilizar diversos sistemas para a interação. Pode utilizar blogs para interações acadêmicas, fotologs para interações mais pessoais e mesmo sistemas como o Orkut para encontrar amigos e conhecidos (RECUERO, 2009).

Ao observar-se os posts e comentários em um blog, por exemplo, é possível vislumbrar não apenas o ato de compartilhar algo (postar) e responder a isso (comentar), mas também as relações que são tornadas possíveis através das trocas que ocorrem entre os vários atores ali presentes. A interface de uma caixa de comentários permite que se estabeleça uma conversa, que pode transpor o espaço onde começou e “invadir” outros lugares; pode começar no twitter, ir para o blog, voltar ao twitter, ser discutida pessoalmente.

Os SRS, neste contexto, são como cartografias destas conexões: tornam-nas visíveis e enfatizam o dinamismo das relações ali estabelecidas. A seguir, serão apresentados brevemente os três SRS onde foram observadas as interações que compõem o corpus da presente pesquisa, apenas na intenção de explicitar seu funcionamento para o leitor que porventura não conheça a ferramenta. Implicações sobre a produção de subjetividades em tais espaços serão levantadas no capítulo Vislumbres, que apresenta os dados desta pesquisa.

## 2.4

# Facebook



Figura 08 - Cartoon de Odyr Bernardi

O Facebook, criado em fevereiro de 2004 por ex-estudantes da Universidade de Harvard, é um site de rede social propriamente dito. Inicialmente, a adesão ao Facebook era restrita aos estudantes da Universidade Harvard, mas a proposta inicial foi expandindo-se pouco a pouco para aceitar outras universidades, escolas, empresas e, por fim, qualquer pessoa.

Atualmente, o Facebook é o maior SRS do mundo, contando com mais de 640 milhões de usuários ativos<sup>1</sup>. Em setembro de 2011, tornou-se também o maior SRS no Brasil<sup>2</sup>, atingindo 30,9 milhões de usuários no país.

Para começar a interagir com outro usuário do Facebook, é preciso “adicioná-lo como amigo”.

Na *Dashboard* do Facebook – a página que o usuário vê quando faz seu login no sistema – tem destaque o “Feed de Notícias”, que mostra as últimas atualizações feitas pelos amigos do usuário logado.

**Dashboard** é um conjunto de indicadores apresentados com visualização otimizada (gráficos, tabelas resumidas, links para mais informações) sobre um determinado assunto. Em sites de redes sociais, a dashboard normalmente apresenta as últimas atualizações feitas pela rede de contatos de um usuário específico.

<sup>1</sup> De acordo com pesquisa de Fevereiro de 2011, divulgada em <http://reface.me/news/updated-world-map-of-social-networks-2011/>

<sup>2</sup> Segundo pesquisa divulgada em <http://blogs.estadao.com.br/link/facebook-se-torna-maior-rede-social-do-pais/>

Figura 09 - Dashboard do Facebook

O Facebook permite ao ator a criação de uma página de perfil, onde será possível incluir informações pessoais (data e local de nascimento, estado civil, etc), informações sobre trabalho e educação (onde estudou, onde trabalha, quem são seus colegas), filosofia (preferência política, pessoas que lhe inspiram, religião), artes e entretenimento (música, livros, filmes, programas de televisão preferidos), esportes favoritos, etc.

A quantidade de informações que podem ser incluídas no perfil do Facebook - e que muitas vezes ali são postas pelos atores sem qualquer cuidado com a privacidade - amplificam as discussões acerca das “narrativas do eu” presentes em diversos espaços na internet:

Sendo expostas aos milhões de olhos que têm acesso à internet, as confissões (e as imagens) cotidianas dos autores revelam uma peculiar inscrição na fronteira entre o extremamente privado e o absolutamente público (SIBILIA, 2004, pg. 2).

Entre as ferramentas do Facebook, destacam-se:

#### 2.4.1 Mural

O mural no Facebook cumpre três funções principais: serve como espaço para publicação de mensagens que serão lidas por todos os “ami-

gos” do ator (opção “atualizar status” - tais atualizações podem também incluir imagens ou vídeos); Trocar mensagens com um amigo específico (opção “escrever mensagem” no perfil do amigo - também pode incluir fotos e vídeos) e registrar as ações do usuário no site (recados deixados em murais de outros usuários, atualizações sobre eventos, inclusão de fotos nos álbuns, alterações de informações no perfil, etc). Itens publicados em um mural incluem as ferramentas “curtir”, “comentar” e “compartilhar”.

#### 2.4.2 Fotos

Espaço para criação de álbuns de fotos. Além de criar seus álbuns e enviar suas fotos para o seu perfil, um ator do Facebook pode ser “marcado” em uma foto – um amigo, ou ele mesmo, pode “acusar” sua presença em qualquer foto publicada no site – e esta marcação pode tornar a foto visível no álbum de fotos do ator.

#### 2.4.3 Grupos

Um grupo no Facebook pode ser criado por qualquer ator. Pode ser um grupo fechado, visível apenas para os membros, ou aberto, visível para qualquer usuário do Facebook. A página do grupo possui um mural, à semelhança de um perfil de usuário, que pode ser utilizado para trocas de mensagens entre os membros. É possível também acrescentar fotos e documentos à página do grupo.

#### 2.4.4 Mensagens

Além das trocas de mensagens nos murais, o Facebook permite a troca de mensagens particulares entre atores – estas não ficarão publicamente visíveis no perfil de nenhum deles.

#### 2.4.5 Eventos

Permite o agendamento de um evento, incluindo data, local e outras informações. Convites para eventos podem ser enviados a qualquer usuário, que pode então confirmar ou negar sua presença. O evento também tem um mural, à semelhança dos perfis e dos grupos.

#### 2.4.6 Aplicativos

A API do Facebook é aberta, o que quer dizer que, em teoria, qualquer usuário com conhecimentos em programação pode criar aplicativos que “rodam” no sistema. O usuário pode vincular à sua conta quantos aplicativos externos quiser, e as atualizações ali feitas poderão ficar visíveis para seus amigos. Entre os aplicativos mais populares, encontram-se os jogos sociais, que permitem ao usuário “jogar em rede” com seus amigos, ajudando-os a cumprirem tarefas do jogo.

**API, de Application Programming Interface** (ou Interface de Programação de Aplicativos) é um conjunto de rotinas e padrões estabelecidos por um software para a utilização das suas funcionalidades por aplicativos que não pretendem envolver-se em detalhes da implementação do software, mas apenas usar seus serviços.

## 2.5

# Twitter



Figura 10 - Cartoon de André Dahmer

O Twitter é serviço para *microblogging* que também funciona como um site de rede social apropriado. O Twitter permite que os usuários enviem e recebam atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como “tweets” ou atualizações de status). O Twitter permite alguma personalização da página pessoal do usuário: é possível incluir uma imagem de usuário e um pequeno texto de apresentação, além de alterar a imagem ou a cor do fundo da página, bem como as cores dos links.

As atualizações de status são exibidas na página do usuário em tempo real e também são enviadas a outros usuários - chamados “seguidores” - que tenham assinado para recebê-las. Ao clicar em um tweet específico, abre-se um painel à direita, onde é possível favoritar, retweetar e responder a postagem.

À semelhança da Dashboard do Facebook, a do Twitter exibe as últimas atualizações feitas pelos usuários com quem se está conectado. Porém, ao contrário do Facebook e outros SRS propriamente ditos, o Twitter não exige reciprocidade nos laços entre os usuários - ou seja: eu posso “seguir” um usuário que não me segue de volta.

(no twitter) além de formar as redes pela conversação, é possível formar uma rede de contatos na qual jamais houve qualquer tipo de interação recíproca. E essa conexão, embora não recíproca, pode dar ao ator acesso a determinados valores sociais que não estariam acessíveis de outra forma, tais como determinados tipos de informações. Considera-se essa conexão como social porque o ator adicionado é informado desse acréscimo, podendo impedi-lo, se desejar. (RECUERO; ZAGO, 2009, pg. 83)

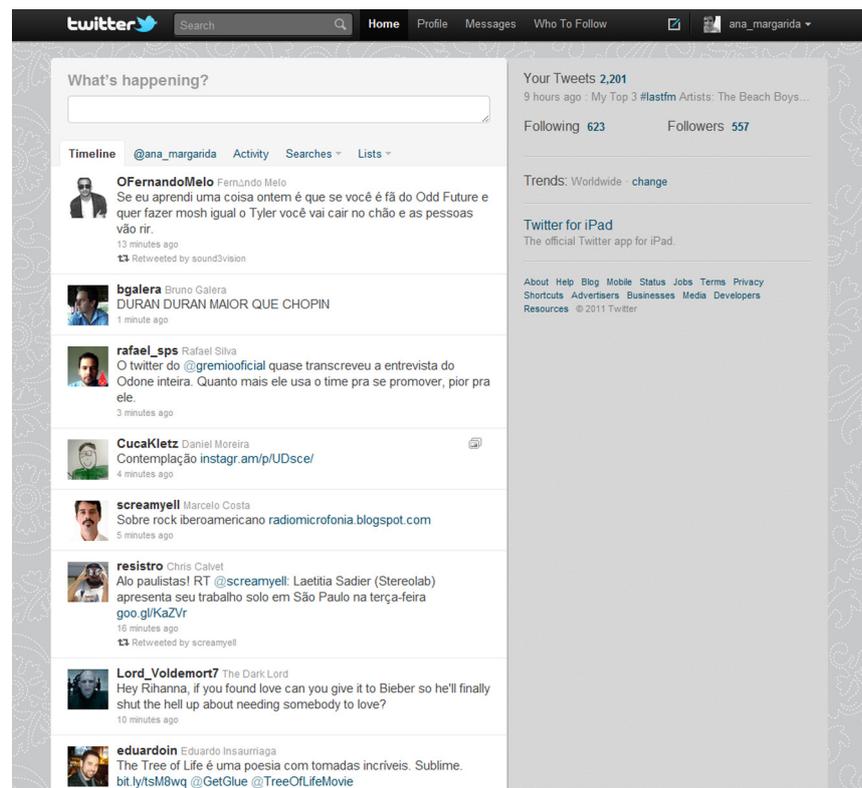


Figura 11 - Dashboard do Twitter

O termo *Primavera Árabe* refere-se à onda revolucionária de manifestações e protestos que vêm ocorrendo no Oriente Médio e no Norte da África desde dezembro de 2010.

Os protestos de 2011 na Espanha, chamados por alguns meios espanhóis de *Movimiento 15-M*, *Indignados* e *Spanish revolution*, são uma série de protestos espontâneos de cidadãos inicialmente organizados em sites de redes sociais.

*Occupy Wall Street* ('Ocupe Wall Street') é um movimento americano (que acabou se espalhando mundialmente) de protesto contra a influência empresarial na sociedade e no governo dos Estados Unidos.

"A revolução será tuitada" ou que "*The revolution will be hashtagged*" são referências ao poema e canção "*The Revolution Will Not Be Televised*" (ou "A revolução não será televisionada") do americano Gil Scott-Heron, gravada em 1970.

A utilização do Twitter na articulação de grupos rebeldes tem sido uma pauta amplamente discutida mundialmente. Uma grande diversidade de movimentos sociais têm usado a ferramenta para articular encontros e manifestações, fazer denúncias e angariar simpatizantes. Destacam-se, aqui, as recentes utilizações do Twitter nas manifestações da Primavera Árabe, da *Spanish Revolution* e do movimento *Occupy*. Afirma-se, entusiasmadamente, que "a revolução será tuitada"<sup>1</sup> ou que "*the revolution will be hashtagged*"<sup>2</sup>.

1 Artigo de Sérgio Malbergier disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergiomalbergier/869376-a-revolucao-arabe-sera-twittada.shtml>

2 Artigo de Henry Jenkins disponível em [http://henryjenkins.org/2011/10/the\\_revolution\\_will\\_be\\_hashtag.html](http://henryjenkins.org/2011/10/the_revolution_will_be_hashtag.html)

Para FERRARI (2011, online), tais movimentos e inquietações não necessariamente foram possibilitados pelo twitter ou qualquer outro site, mas “as redes sociais potencializam a forma de atuação. Então, elas permitem que mais pessoas postem mais coisas, mesmo em regimes ditatoriais cujo controle é de ordem máxima”. Portanto, ainda que tentativas de controle tentem evitar tais movimentos de resistência (como no caso do Egito, onde o site eventualmente foi bloqueado), muitas manifestas escapam; e estas que escapam têm sua potencialidade hiperamplificada pelo descentramento e capilaridade das redes.

Entre os principais recursos do Twitter, destacam-se:

### 2.5.1 Retweet

Consiste em replicar uma determinada mensagem de um usuário para a lista de seguidores, dando crédito a seu autor original. Cada tweet publicado inclui um botão chamado “retweet”, que faz o envio automático da mensagem para todos seguidores de quem retwitou.

### 2.5.2 Replies

É possível direcionar uma mensagem para um usuário específico no twitter através da utilização do sinal “@”, seguido pelo nickname do destinatário. Desta forma, a mensagem em questão aparecerá em uma aba denominada “@Replies” na página do usuário mencionado e poderá ser enviada também por email (caso o usuário assim tenha configurado).

**Nickname** corresponde a um apelido. Usado para identificação de usuários na internet, em programas de bate-bapo, mensagem instantânea ou sites de redes sociais.

### 2.5.3 Trending Topics

Os Trending Topics ou TTs são uma lista em tempo real dos assuntos mais postados no Twitter por usuários do mundo todo. O Twitter inclui, nesta lista, as hashtags (#) e nomes próprios. O recurso de Trending Topics usa por padrão a abrangência total (worldwide), mas também é possível filtrar por alguns países ou cidades.

**Hashtags** são palavras-chave antecedidas pelo símbolo “#”, que designam o assunto que está se discutindo em tempo real no Twitter.

## 2.6 Tumblr

A personagem no cartum diz “Tumblr, pare com isso, eu estou tentando me formar!”. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.



Figura 12 - Cartoon de ShamelesslyArsty.

O Tumblr é uma plataforma para criação e manutenção de blogs que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, links, citações e arquivos de áudio. A estrutura geral do site se parece com uma combinação entre as funcionalidades das ferramentas de manutenção de blogs (tais como Blogger ou Wordpress) e do Twitter. Os usuários podem “seguir” outros e ver suas publicações em seu dashboard, e, assim como no Twitter, os laços não necessariamente precisam ser recíprocos. Ao possibilitar a criação de um perfil público, trocas de mensagens entre usuários e a visualização da rede social dos atores, o Tumblr também caracteriza-se como um site de rede social apropriado.

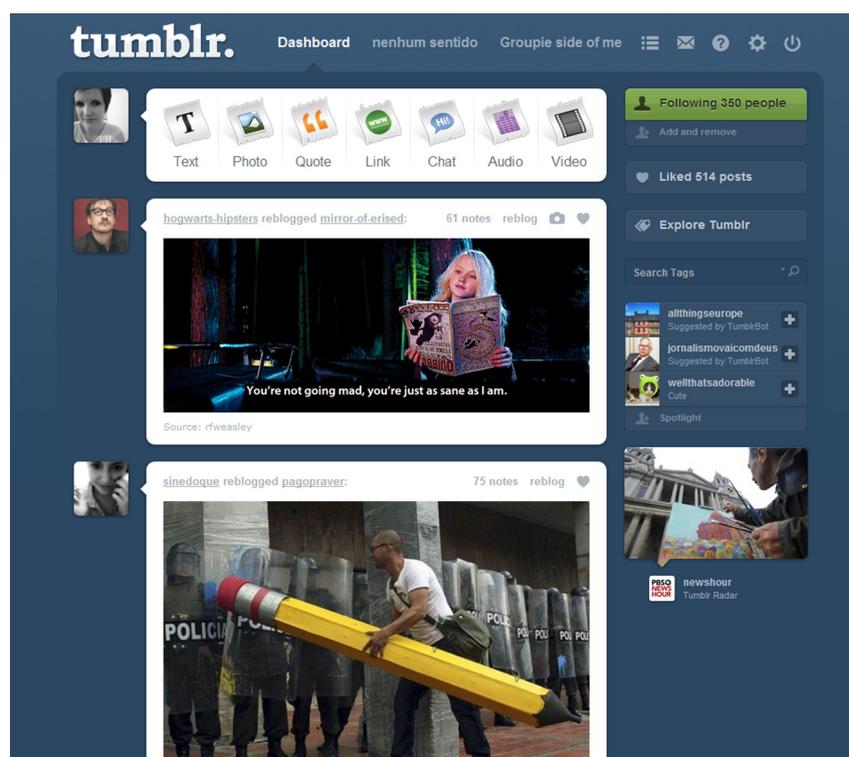


Figura 13 - Dashboard do Tumblr

À semelhança de outras plataformas para manutenção de blogs, o Tumblr permite que o usuário personalize consideravelmente a sua própria página através da edição do HTML do *template*. Assim, é possível não apenas modificar cores, mas fazer mudanças na estrutura da página em si, podendo reorganizar os elementos da página completamente.

Em junho de 2011, o Tumblr ultrapassou o Wordpress em número de blogs registrados<sup>1</sup>. Em comparação ao Wordpress, o Tumblr é uma plataforma muito mais simples e com recursos bem mais limitados, e que talvez tenha se tornado tão popular justamente por isso. Uma rápida pesquisa nas tags mais populares do Tumblr<sup>2</sup> mostra como a plataforma tem sido usada, principalmente, para o compartilhamento de imagens. Boa parte das palavras-chave mais populares dizem respeito a memes, moda, fotografia e cultura pop, que se espalham viralmente através do site.

Entre os principais recursos do Tumblr, destacam-se:

### 2.5.1 “Reblog”

O *Reblog* no Tumblr funciona de maneira semelhante ao *retweet* no Twitter: consiste em replicar uma determinada postagem de um usuário para a lista de seguidores, dando crédito ao autor original.

1 Fonte: <http://mashable.com/2011/06/15/tumblr-surpasses-wordpress/>

2 Fonte: <http://www.tumblr.com/explore>

### 2.5.2 “Like” e “Notes”

À semelhança do “favorite” no Twitter, que arquiva as postagens assim marcadas em uma categoria específica, tornando seu acesso mais rápido no futuro, os itens marcados com “like” no Tumblr são retidos pelo sistema. Além disso, o Tumblr “contabiliza” quantos “likes” uma determinada publicação recebeu, somando este ao número de “reblogs” e exibindo este dado no topo de cada post.

### 2.5.3 Mensagens

O Tumblr também permite a troca de mensagens entre os atores. Tais mensagens são privadas, visíveis apenas ao destinatário, mas, ao respondê-las, ele pode optar por publicar a resposta em sua página, de forma que ela se tornará visível a todos que o seguirem.

**3.**

# Tracando a cartografía



# 3.1

## Anotações de um processo

*É verdade que nenhum método deve ser, em si, uma meta. Um método deve ser feito para nos livrarmos dele. Mas trata-se menos de um método do que de um ponto de vista, de um acomodamento do olhar, uma maneira de fazer o suporte das coisas girar pelo deslocamento de quem as observa. Ora, parece-me que tal deslocamento produz certo número de efeitos que merecem, se não ser conservados a qualquer preço, pelo menos mantidos o máximo que se puder (FOUCAULT, 2008, p. 160).*

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de caráter qualitativo realizada na intenção de cartografar os processos de produção de subjetividade engendrados em interações entre professor e estudantes em determinados sites de redes sociais na internet. A coleta de dados foi realizada junto a estudantes e uma professora dos cursos de graduação em Design (Gráfico e Digital) da Universidade Federal de Pelotas.

Antes de dar meus primeiros passos nessa pesquisa, tornou-se claro para mim que minha intenção não era a de analisar o objeto de estudo de forma a avaliar a eficiência (ou não) da utilização de tais ferramentas, e nem mesmo sugerir boas práticas para o uso de sites de redes sociais na educação; se aprendi algo neste percurso, foi que certas coisas precisam ser relativizadas.

A intenção que me moveu foi a de acompanhar os processos de produção de subjetividade enquanto são desenhados; descrevê-los no sentido de expor como se dá a sua constituição, procurando entender quem são estes estudantes e professores, que se formam e se transformam cotidianamente também através da sua presença nestas redes. Para tanto, os procedimentos de coleta de dados e o modo de olhar para estes dados, neste estudo, tem inspiração na Cartografia (DELEUZE e GUATTARI, 1995a).

Admitir a opção pela cartografia e pelos próprios referenciais teóricos com os quais trabalho coloca-me em condições de justificar minhas escolhas metodológicas. Ao entender o sujeito como um processo, e não como dado, aceito a sua precariedade – e a minha própria. Assim, a dicotomia entre pesquisador e objeto de pesquisa perde o sentido, tornando vazia a preocupação com o distanciamento que seria tradicionalmente exigido entre pesquisador e objeto de pesquisa.

Para Guattari (1999), os processos que constituem subjetividades “não são resultado da somatória de subjetividades individuais, mas sim do confronto com as maneiras com que, hoje, se fabrica a subjetividade em escala planetária” (p. 37). Desta forma, a produção de subjetividade não pode ser investigada apenas através do contato do pesquisador com cada um dos sujeitos, mas também através da observação nos espaços de relação “entre” estes sujeitos - das conexões entre os sujeitos. Neste aspecto, a cartografia, quando trata das redes sociais na internet, tem a vantagem de trabalhar com dados que permanecem “visíveis”, registrados na rede.

Segundo Kastrup (2007, p.2), o método cartográfico “visa acompanhar um processo e não representar um objeto”. A cartografia, então, é uma espécie de tentativa de se criar um mapa em movimento dos processos de constituição de subjetividade. Para Rolnik (2006), o cartógrafo é alguém com tipo de sensibilidade que permita perceber as co-existências entre as macro e micropolíticas, complementares e indissociáveis na produção da realidade social.

Sempre que possível, o cartógrafo-pesquisador deve estar atento às surpresas e aos descaminhos, pois é do inesperado que podem emergir as questões instigantes, as singularidades mais desafiadoras. No mesmo sentido, Rolnik (2006, p.66) diz que o trabalho do cartógrafo é o de “dar língua para afetos que pedem passagem”, sendo que para isso “o cartógrafo deixa seu corpo vibrar em todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização”.

Assim, o cartógrafo é alguém que está necessariamente mergulhado no tempo em que vive e, “atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago”.

A comparação que ROLNIK faz entre o trabalho do cartógrafo e a antropofagia é uma referência ao Movimento Antropofágico e seu manifesto, escrito pelo agitador cultural brasileiro Oswald de Andrade em 1928. Sabe-se da antropofagia como uma espécie de canibalismo praticado entre os índios brasileiros. Tal ato era praticado apenas quando o inimigo era considerado forte e digno, sendo o ato de devorar-lhe uma forma de elogio, de absorver tudo que o outro tinha de mais valioso. Da mesma forma, a proposta de Oswald de Andrade em seu manifesto era reverter a submissão da elite cultural brasileira aos países desenvolvidos, propondo a “devoração cultural das técnicas importadas para reelaborá-las com autonomia, convertendo-as em produto de exportação” (ANDRADE, 1976). No entanto, esta “deglutição” do outro não se trata de um processo de assimilação harmonioso entre o local e o estrangeiro. O antropofagismo propõe uma deglutição crítica do outro, e arremata: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”. (ANDRADE, 1976).

À semelhança do “modo antropofágico” de devorar o mundo, não interessa ao cartógrafo a origem daquilo do qual ele se apropria em busca de matéria para a descrição das paisagens cuja formação ele acompanha. O cartógrafo “não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo” (ROLNIK, 2006, pg. 65). Por isso, o cartógrafo serve-se das fontes mais diversas; fontes teóricas, mas também posts em blogs, músicas, tweets, filmes, conversas. O cartógrafo está sempre em busca de quaisquer elementos que possam vir a compor suas cartografias. “Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 2006, pg. 65).

## 3.2

# Procedimentos do desenho cartográfico

*Em vez de tentar qualquer tipo de enciclopedismo, adotaremos uma técnica franco-atiradora, um mosaico de vislumbres (BEY, 2008, p.39).*

A coleta de dados para esta pesquisa se deu em várias “frentes”. Chamo de “frente” por que nenhuma delas foi uma etapa estanque, fechada em si, que tenha substituído a “etapa” anterior tão logo esta tenha sido considerada encerrada. Antes, este processo se constituiu assistematicamente, a partir de questões que foram aparecendo ao longo do processo e que me provocaram inquietações. ROLNIK (2006, pg. 65) fala desta precariedade da cartografia, dizendo que o cartógrafo “Deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização”. Esta precariedade não deve ser vista como algo negativo, como uma gambiarra (*uma gambiarra é necessariamente ruim?*), mas como parte de um processo que não haveria como ser diferente, uma vez que procura acompanhar algo que está em constante desmanchamento e redesenho.

### 3.2.1. Preâmbulo: Questionários Estruturados

A primeira “frente” desta pesquisa foi posta em prática antes mesmo da definição de quem seriam os sujeitos da pesquisa. O procedimento consistiu em aplicar, junto aos estudantes e professores dos cursos de design gráfico e digital da UFPel, questionários estruturados (Apêndices I e

II) sobre os usos, por parte deles, de uma série de tecnologias da informação e da comunicação. Nesta etapa do processo, eu pretendia confirmar o envolvimento que eu percebia, por parte dos alunos dos dois cursos, com uma série de tecnologias, incluindo diversos SRS. Além disso, eu pretendia identificar, entre os professores, aqueles que estivessem envolvidos nas “tramas da rede” – que utilizassem a internet corriqueiramente e para outros fins, além de enviar e receber emails e acessar portais de notícias.

O meu objetivo, ao aplicar estes questionários, não era de comparar professores e alunos no que tange ao uso da Internet. Tampouco me interessa esquadrinhar, estatisticamente, quantos tem acesso e o que fazem na rede. Minha intenção, aqui, era tão somente vislumbrar como a Internet ia sendo usada então; iniciar a desenhar um mapa.

Este envolvimento presumido (por mim) dos estudantes de design com as redes tem origem na minha experiência enquanto professora substituta, já narrado anteriormente. Além da ampla participação dos estudantes nos blogs (acrescentando comentários nos meus posts ou mesmo mencionando o que lá tinham visto nas conversas em sala de aula), muitos deles me adicionaram como amiga no Orkut, no Flickr, no MSN, e mais tarde no Facebook e no Twitter. Em Junho de 2011, uma rápida investigação no Orkut lista nove comunidades de estudantes de design na UFPel; Além da comunidade principal de cada curso, há uma para cada turma que ingressou desde que o Orkut está em funcionamento (2004). À mesma época, o Facebook tem três grupos e três páginas referentes aos cursos.

Os usos das redes por parte dos estudantes do curso incluem perfis, grupos e páginas no Facebook para eventos (acadêmicos ou não – as festas promovidas também costumam ser divulgadas desta maneira), associações de alunos, entidades (Escritório Experimental de Design, Empresa Júnior, Centro Acadêmico, etc).

Para aplicar o questionário aos alunos e professores, solicitei autorização ao colegiado do curso, cujo titular respondeu favoravelmente (e até entusiasmadamente) à minha solicitação, conforme trecho do email que recebi no dia 15 de fevereiro de 2010:

*É claro, podes aplicar os questionários sem problemas, creio que os alunos e professores vão poder colaborar muito. Eu uso (a internet) há algum tempo, mas de uma forma muito unilateral, inclusive pretendo melhorar algumas práticas para este semestre. Tenho um site de acompanhamento onde coloco os materiais e avisos e há um formulário para entrega de trabalhos e outro para contato por e-mail. E os alunos*

*usam bastante por sinal. Há um aprendizado que se dá fora da sala de aula, em outros momentos. Isso tenho observado empiricamente.*

Após receber do colegiado do curso a lista completa de endereços de email de alunos e professores, publiquei o questionário e divulguei o link onde a pesquisa poderia ser respondida. 48 alunos (de cerca de 90 que receberam o email) e 6 professores (de cerca de 22) responderam. As tabelas de resultados correspondem aos Apêndices III e IV neste trabalho.

Entre os dados que mais chamam atenção nesta pequena investigação, encontra-se o fato de que absolutamente todos os estudantes e professores que a responderam acessam a internet pelo menos diariamente – a maioria o faz mais de uma vez por dia. Também chamam atenção o acesso aos sites de redes sociais por parte dos estudantes; absolutamente todos tinham perfil em pelo menos um dos sites indicados. Outro ponto interessante vislumbrados nos dados foram os blogs listados como favoritos pelos estudantes – boa parte com temática relacionada ao design.

Ainda que um pequeno número de professores tenha respondido ao questionário, percebe-se uma grande diversidade nos blogs que eles citam como preferidos, demonstrando que, pelo menos em parte, eles também percebem a internet como um espaço onde se informar, entreter e aprender.

### **3.2.2. Os “atores” da pesquisa: professor, estudantes, blogs, redes**

No momento seguinte, procurei identificar, entre os professores que responderam ao questionário, qual deles teria interesse em ser um sujeito da minha pesquisa. Minha intenção era de encontrar um professor que já fosse bastante familiarizado com tais ferramentas e que até mesmo já utilizasse algumas tecnologias na sua prática docente.

Entre os professores que responderam ao meu questionário, uma chamou atenção por ter perfis em diversos sites de redes sociais, ler blogs (sobre design e sobre outros temas), enfim: utilizar a Internet de uma forma bastante semelhante àquela que os alunos parecem praticar no seu cotidiano. Esta professora chama-se Ana Bandeira, foi minha colega na faculdade e é uma das minhas amigas mais próximas há cerca de dez anos.

Ana foi professora substituta no curso de Design Gráfico (antes de mim) e fez Mestrado em Educação na FaE. Ela passou a integrar efetivamente o corpo docente do Instituto de Artes e Design da UFPel em

dezembro de 2009, sendo o semestre 01/ 2010 (quando do começo do levantamento de dados desta pesquisa) o primeiro semestre em que ela exerce a função de professora assistente nos cursos de Design Gráfico e Design Digital da UFPel. No primeiro semestre de 2010, Ana foi professora titular de três disciplinas: Design de Informação, que vem sendo lecionada em ambos os cursos de Design, e Projeto Gráfico I e Produção Gráfica, ambas do currículo do curso de Design Gráfico. No segundo semestre, foi responsável pelas disciplinas de Design da Informação e Design Editorial. Questionei-lhe se poderia acompanhar seu trabalho durante o ano de 2010 e, após seu aceite, passamos a conversar sobre as “estratégias” que desenvolveríamos.

No dia 21 de março de 2010, véspera do começo do semestre letivo na UFPel, eu e Ana fizemos uma rápida reunião presencial. Começamos conversando sobre a disciplina de Design da Informação. Ana comentou que esta disciplina é completamente nova na UFPel, uma vez que faz parte apenas do currículo novo do curso de Design Gráfico (que está sendo reformulado) e não foi ainda ministrada para o curso de Design Digital (já que a primeira turma ingressou em 2008 e a cadeira está sendo oferecida pela primeira vez).

Apesar da arduidade de lecionar uma disciplina quando não há onde referenciar-se, Ana deixou claro seu entusiasmo, uma vez que, durante o seu planejamento, passou a considerar que os próprios alunos podem auxiliá-la no processo de identificar quais são as necessidades a serem supridas pela disciplina - por exemplo, que tipo de exercício prático poderá ser proposto.

Aqui identifiquei a minha possibilidade de contribuição, uma vez que Ana considera que os sites de redes sociais podem justamente possibilitar que os alunos tomem parte neste processo de “invenção” desta disciplina do curso. Mostrei a ela os resultados tabulados dos questionários que apliquei, onde se constata o grande número de alunos dos cursos de design que utilizam as Redes Sociais e acompanham blogs. Também contei para Ana sobre os dois blogs que mantive enquanto era professora no Instituto de Artes e Design. Comentei que utilizei o wordpress, que eu considero a melhor plataforma possível para manter blogs atualizados. Ana disse que está pensando em criar uma lista de discussão para cada turma, e eu então mencionei o Google Groups e mostrei algumas funcionalidades interessantes.

A partir da nossa conversa, a Ana comentou que iria compartilhar com seus alunos os seus diferentes “endereços” - nomes de usuário no msn, gtalk, twitter, plurk, tumblr e todas as redes que ela usa - possibilitando que os alunos adicionem-na, caso queiram. Outro ponto in-

interessante que Ana levantou é que usa as redes sociais para falar de si e compartilhar suas “coisas pessoais” - não para “falar de trabalho”. Ela disse que, ao usar as redes para falar com os alunos, é possível que suas manifestações “mudem de caráter”.

Numa conversa pelo gtalk no dia 22 de março, Ana (anaband) relatou sua intenção de criar uma conta no Tumblr para compartilhamento de referências com os alunos da turma de Projeto Gráfico I.

8:59 AM

**anaband:** sabe? tou pensando em criar um tumblr pra projeto I.

tipo... pra cada conceito ou princípio, ao invés de eu levar um cataaau de imagem, vou sugerir que eles compartilhem também, algumas por aula :)

como dou duas aulas por semana pra eles, numa a gente fala dos conceitos, na outra apresenta as imagens de referência =)

**anamargarites:** MASSA

:)

**anaband:** e aí dá pra seguir o negócio que eu costumava instigá-los a fazer, com os cadernos de exercícios

que era compartilhar, por exemplo, o que eles curtiam de música, cinema, artes etc

**anamargarites:** sim :)

**anaband:** porque dá pra compartilhar tudo isso no tumblr. né?

**anamargarites:** pois é ;)

**anaband:** aí vou fazer um padrãozinho pra cada um se identificar, lá... um nome, ou um nick

pra gente saber quem compartilhou tal coisa :)

No dia seguinte, questionei se o tumblr já havia sido colocado em funcionamento:

9:25 PM

**anamargarites:** me mostra o tumblr!

**anaband:** não tem nada lá ainda  
perae

**anamargarites:** :~

já vou começar a seguir

hehe

**anabandeira:** <http://roginho.tumblr.com/>

**anamargarites:** roginho? porq roginho?

**anabandeira:** roginho é um colega deles que nunca apareceu na aula

uma criatura matriculada

**anamargarites:** hahahahaah

**anabandeira:** eles assinaram chamada por ele durante eras

hehehe

Semanas depois, tornei a questionar sobre os Tumblrs:

7:25 PM

**anamargarites:** me diz aí: tu tem um tumblr com design de informação pro digital, outro pro design de informação pro gráfico?

**anabandeira:** sim, tenho 3 tumblrs com eles

um com DI do gráfico

outro com DI do digital

outro com a turma do quinto

**anamargarites:** o do DI do gráfico eu não conheço, eu acho

o roginho e o de design digital eu conheço

qual o link do outro?

**anabandeira:** maristela, é o nome

**anamargarites:** maristela? :)

é o mesmo caso do roginho?

**anabandeira:** eles se 'inspiraram' na história do roginho

uaheauhe

sim

uma aluna fantasma

**anamargarites:** tu que contou pra eles do roginho?

**anabandeira:** sim, linkei uns nos outros  
eles curtem bastante o roginho

**anamargarites:** heheh que legal

Assim, no primeiro semestre de 2010, Ana criou três blogs no Tumblr: roginho.tumblr.com, maristela.tumblr.com e designdigital.tumblr.com. Nos semestres seguintes, Ana ajustou o uso dos blogs à seguinte maneira: maristela.tumblr.com tornou-se o blog de design editorial, e foi criado o blog designdainformacao.tumblr.com, que se tornou o blog da disciplina de design da informação nos dois cursos.

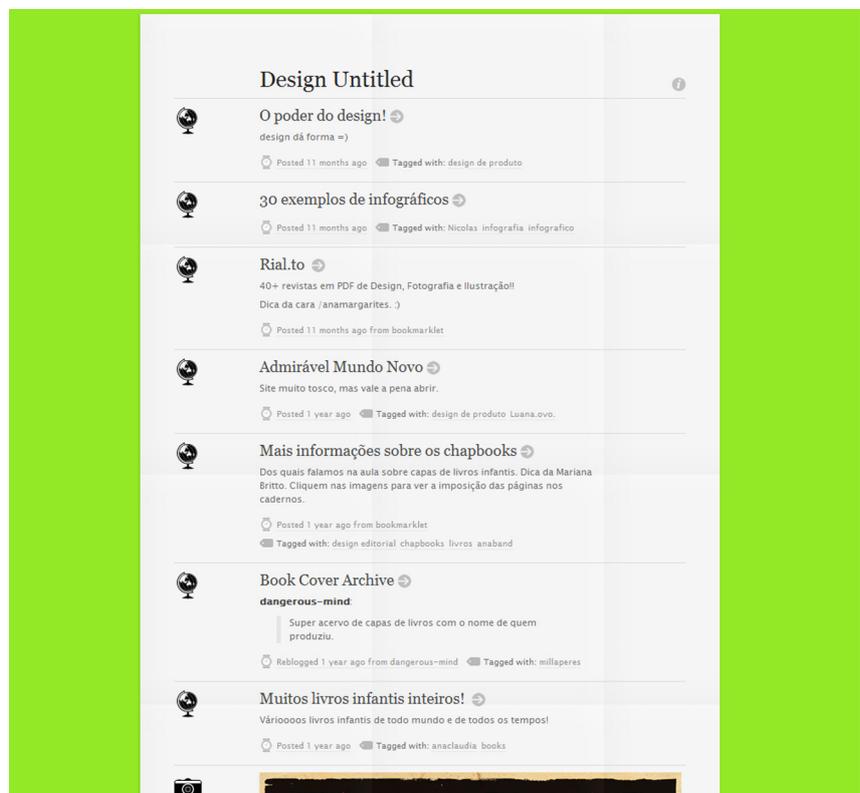


Figura 14 - roginho.tumblr.com

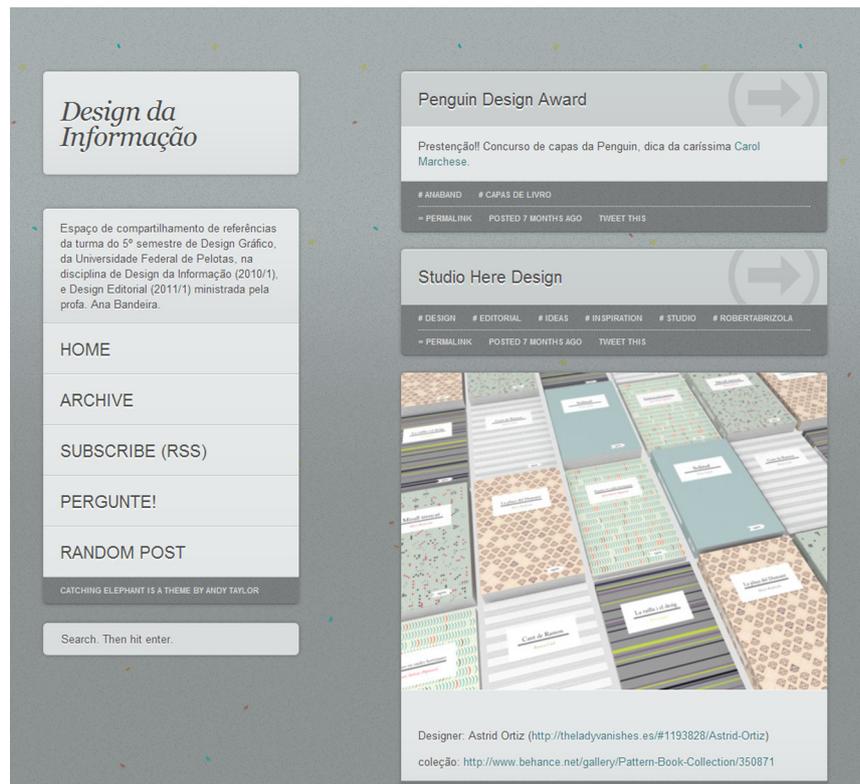


Figura 15 - maristela.tumblr.com



Figura 16 - designdainformacao.tumblr.com

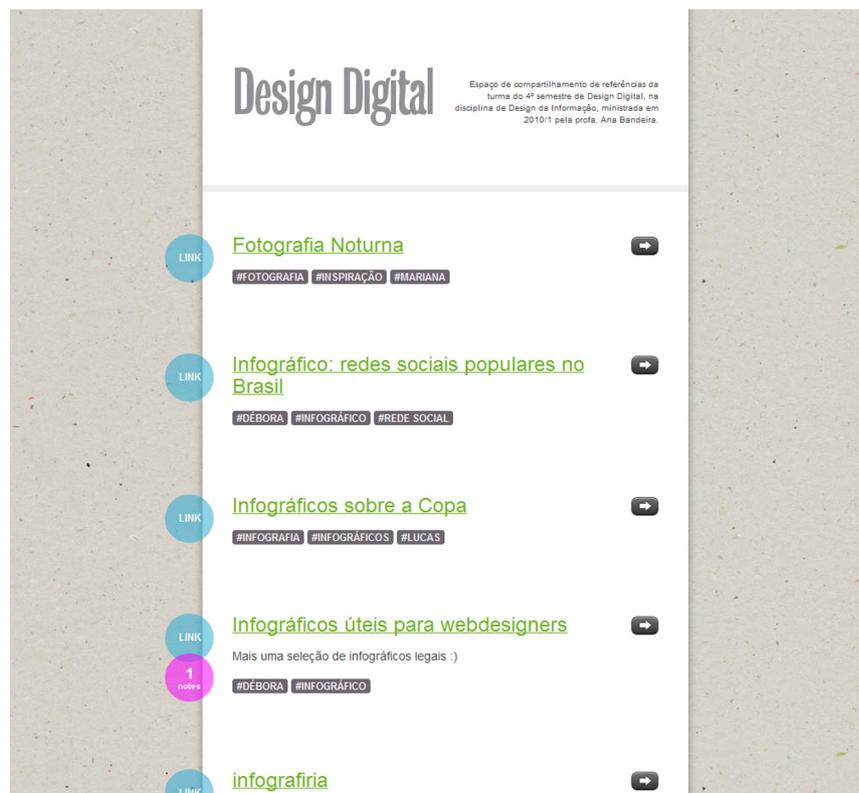


Figura 17 - designdigital.tumblr.com

### 3.2.3. Mapeando na Rede: expedição cartográfica, frente um

Esta frente da pesquisa consistiu na observação das manifestações de Ana e seus alunos nas Redes. Tal observação foi feita de modo a tentar “cobrir o visível” (ROLNIK, pg. 60, procurando desenhar a paisagem que se reconstruía a todo instante. Eis minhas “estratégias de arquivamento” dessas manifestações:

- Passei a “seguir” os três blogs criados no Tumblr, procurando observar como eles eram utilizados. Registrei os processos, as movimentações, atentando sempre para as resistências e fugas ali presentes.

- No Twitter, procurei acompanhar o uso que a professora Ana faz da ferramenta, arquivando não só suas conversas com seus alunos, mas quaisquer outras manifestações onde fosse possível vislumbrar os processos de produção de subjetividade neste contexto. Para melhor acompanhar as conversas de Ana com seus estudantes, passei a segui-los também.

- No Facebook, procurei os estudantes das turmas da Ana e os adicionei como meus amigos. A participação dos estudantes no Facebook era pouquíssimo intensa, tanto em número de usuários quanto em volume de publicações na rede. Há um crescimento pequeno no segundo semestre de 2010, período quando obtive os dados aqui presentes.

É importante frisar que, a todo tempo, os estudantes estavam cientes do fato de que eu os estava “observando”. Todos os dados que aqui apresento foram autorizados pelos estudantes e pela professora, que muito gentilmente colocaram-se à disposição para me ajudar e responder minhas dúvidas sempre que preciso.

#### **3.2.4 Conversando na Rede: expedição cartográfica, frente dois**

Com o fim da coleta dos dados na rede, já no ano de 2011, partiu-se para uma sessão de conversas com os estudantes. Enviei por email, para os mesmos estudantes que acompanhei ao longo de 2010, uma série de questões complementares. Tais questões estavam organizadas em uma espécie de entrevista semi-estruturada, que mais tarde foi complementada por conversas no gtalk. As questões enviadas por email encontram-se no Apêndice V deste trabalho.

#### **3.2.4 Achados e Vislumbres**

A partir dos achados percebidos nas frentes anteriores, destacam-se alguns elementos que servem como referência de uma cartografia a ser desenhada, na intenção de vislumbrar como se dá a produção de “subjetividade em rede” deste professor e seus estudantes. No caso específico do corpus desta investigação, nas manifestações dos atores nos sites de redes sociais, despontam:

Outras relações com o espaço e o tempo,

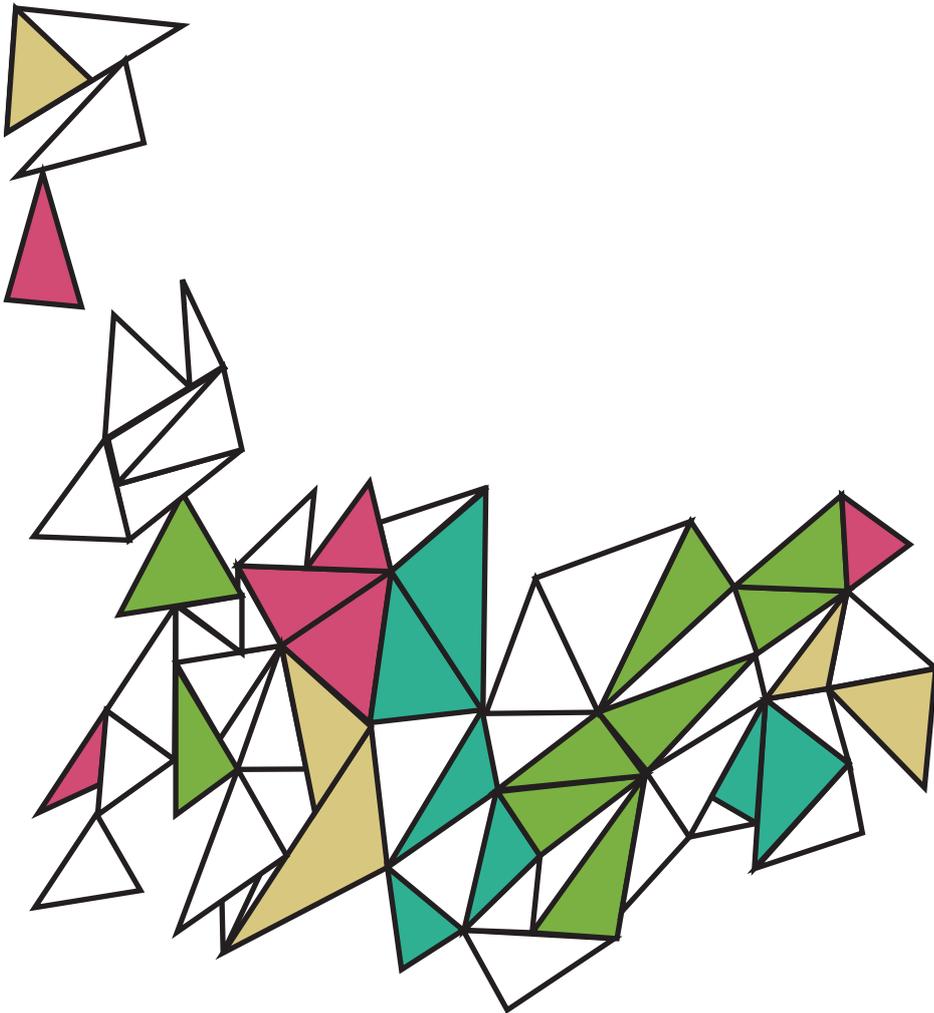
Diferentes modos de compartilhamento

e também Outras relações entre estudante e professor.

Alguns “achados” no campo de pesquisa são apresentados a seguir.

**4.**

# **Achados**



# 4.1

# Outras Relações com o Espaço e o Tempo

*a solução para os desastres do presente  
é falar do agora com o distanciamento de uma década  
dias de tardes longas ou infinitas semanas*

*recortar o agora e mandá-lo em carta histórica  
para outro continente enquanto se descobre este  
cria-se um tempinho para que o conheça com calma*

*aplicar um filtro de antiguidade no agora  
empregar tecnologia, tempo verbal e a colaboração de todos  
grato, ass: o síndico*

*ótimo álibi para tudo dizer sem problema:  
“ontem gostei muito deste livro sobre o sucesso na vida noturna”  
“pensei em você durante horas, já passou caso não queira”  
“do contrário confesso que tudo continua”*

*qualquer besteira será automaticamente redimida  
já faz tempo, tudo muda, você pode ser nova pessoa  
o que falei há pouco já está na quinzena passada  
há uma linha era ok ser idiota*

**Ana Guadalupe<sup>1</sup>**

1

<http://welcomehomeroxy.interbarney.com/2011/0-passado-e-agorinha.html>

De acordo com BAUMAN (2001), o final da pré-modernidade marca uma ruptura sobre a percepção do espaço e do tempo. Antes entrelaçados e “difícilmente distinguíveis da experiência vivida” (pg. 16), os dois aspectos passam então a ser entendidos como categorias distintas e mutuamente independentes. A relação do sujeito com o tempo muda na medida em que se torna possível usá-lo para medir o espaço que se pode atravessar:

O tempo adquire história uma vez que a velocidade do movimento através do espaço (diferentemente do espaço eminentemente inflexível, que não pode ser esticado e que não encolhe) se torna uma questão do engenho, da imaginação e da capacidade humanas. (BAUMAN, 2001, pg. 16)

Quando enfim a distância percorrida numa unidade de tempo passa a depender principalmente dos meios artificiais de transporte, todos os limites à velocidade podem ser rompidos. “Apenas o céu (ou, como acabou sendo depois, a velocidade da luz) era agora o limite, e a modernidade era um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo” (BAUMAN, pg. 17).

Graças a sua flexibilidade e expansividade então adquiridas, o tempo moderno se tornou, antes e acima de tudo, a arma na conquista do espaço. Na disputa entre o tempo e o espaço, o espaço é o lado “sólido e impassível, pesado e inerte”, enquanto o tempo é o “lado dinâmico e ativo na batalha, a força conquistadora e colonizadora” (pg. 18). Assim, o acesso a meios mais rápidos de mobilidade se constitui, na modernidade, como a principal ferramenta do poder e da dominação.

Este arranjo se reconfigura na contemporaneidade, quando a velocidade dos sinais eletrônicos reduz à instantaneidade o tempo necessário para o deslocamento de informações e “comandos”. Os exercícios de poder, antes limitados pela resistência do espaço, descolam-se totalmente desta limitação. Para BAUMAN, o exemplo extremo disso (ou o “golpe de misericórdia na dependência entre tempo e espaço”) é o advento da telefonia celular, que torna desnecessária a proximidade de um telefone para que seja dado um comando.

Nas situações observadas nesta pesquisa, percebe-se que a percepção de tempo e espaço por parte dos sujeitos investigados é totalmente marcada por este “estar em rede”. Em relação ao espaço, percebe-se que, ao mesmo tempo em que há a diminuição da importância das distâncias geográficas – no sentido de que é possível a estes atores, através das redes, entrarem em contato com lugares e realidades absolutamente diferentes

daqueles à qual estariam expostos sem a Internet –, também há uma necessidade de “se localizar” espacialmente. Em seus perfis no Facebook, os estudantes identificam sua cidade natal e a cidade onde estão, e também referem-se à própria internet como um espaço que frequentam: “Estou na Internet”, “Entrei no Twitter”, “Fiquei na internet até tarde” são algumas das expressões recorrentes nas manifestações destes estudantes.

De acordo com PARENTE (2010), o espaço de informação não significa a anulação do espaço, mas apenas a realização do espaço topológico, de justaposição do próximo e do longínquo em forma de simultâneo. “Ou seja, com o ciberespaço viveremos cada vez mais o espaço como sendo espaço das realizações de vizinhança, espaço de conexões, heterotópico e pantópico” (pg. 100). De fato, quando os estudantes se manifestam nos sites de redes sociais, estão ocupando ao mesmo tempo todos os lugares em um só lugar e um lugar em todos os lugares.

O acesso ao professor, antes restrito ao espaço da universidade, passa então a ser disponibilizado virtualmente a partir de qualquer lugar e a qualquer tempo:

**@estudante1** para **@professora**: professora online, me dá uma luz? existe branco na pantone solid coated? :s

**@professora** para **@estudante1**: perai. explica o que tu tá querendo, meu caro. email me.

Neste caso específico, é interessante observar como a professora considera insuficiente o espaço garantido pelo Twitter para conversações. A limitação de 140 caracteres não serve para que fique claro o que o aluno deseja, e assim o professor sugere a ele que “estenda” a conversa a outro suporte – o email – onde a conversa pode ser mais profícua. Ainda assim, permanece o alargamento do espaço e tempo da universidade.

Em outras ocasiões, a professora tentará resistir às abordagens dos estudantes, que pretendem a virtualização de muitos aspectos da comunicação com o professor:

**@estudante2**: já tem as notas?

**@professora** para **@estudante2**: já. mas quero falar com “ustedes” pessoalmente, como fiz com a turma de hoje. guentem as pontas até terça. :)

Esta atitude, por parte da professora, é também uma ação de resistência à dissolução entre tempo de vida e tempo de trabalho típica da sociedade de controle (DELEUZE, 1992). Ana procura estabelecer um

limite de “o quão disponível” ela estará neste tempo, que não é o da sala de aula. No entanto, em muitas ocasiões ela própria “prestará contas” do seu uso do tempo:

**Mocorongos** é uma forma de tratamento (carinhosa, ela garante) que Ana usa com seus alunos. Tal hábito nasceu quando ela era professora substituta, e inclusive resultou na criação, por um ex-aluno, de uma comunidade no Orkut chamada “*Eu fui mocorongo da Ana Band*” (16 membros em março de 2011)

**Pouca Vogal** é um projeto paralelo de rock brasileiro criado pelos cantores gaúchos Duca Leindecker (líder e guitarrista da banda Cidadão Quem) e Humberto Gessinger (líder e baixista do grupo Engenheiros do Hawaii).

**Stereomood** é um site de rádio online onde o usuário pode escolher a rádio a ouvir de acordo com seu humor na ocasião.

**@professora** lendo, finalmente, os artigos do CIC da gurizadinha. logo, logo dou retorno, mocorongos!

**@professora** Pouca Vogal e muuuuuuuitos infográficos.

**@professora** *sweet playlist* no *stereomod* e mais correções pra terminar o feriadão.

Tais questões tem relação direta com uma determinada subjetividade docente propagada nos discursos da mídia educativa (PARAÍSO, 2006), que tende a exigir do professor uma dedicação incansável, uma entrega inabalável à profissão e ao outro. Ao se estender o tempo e o espaço da sala de aula através dos SRS, também se institui outro ritmo de trabalho a quem se atreve a explorá-las:

**@professora** atenção alunos de D.I.: estou fechando as médias. em breve notas discriminadas no email. dúvidas, email me. #designdainformação

**@estudante** para **@estudante2** e **@professora**: professora e seus anexos invisíveis! OPKAOPA que moderno

**@professora** para **@estudante** e **@estudante2**: dêem um desconto pra teacher cansada... hehehe já tá lá :)

Muitos estudantes consideram “prático” e “eficiente” tirar dúvidas com os professores e colegas pela internet, como afirma o estudante<sup>3</sup>, em resposta à minha indagação sobre sua opinião quanto às conversas com professores em tais circunstâncias:

*Me comunico com os colegas basicamente via e-mail ou msn e com os professores via e-mail. E acho PERFEITO porque costumo fazer trabalhos de grupo (90 % da execução) via msn, pois trabalho e geralmente faço dupla com uma colega mais atarefada do que eu. E garanto que funciona porque tiramos sempre notas acima da média. Com os professores acho ótimo a comunicação via e-mail porque é uma maneira de obter e trocar informações sem ter de me deslocar até a faculdade. (estudante<sup>3</sup>, por email)*

*Acho que os professores que não usam (a internet pra se comunicar com os alunos) deveriam usar (**estudante4**, por email)*

Outros estudantes manifestam preocupação com o tempo do outro:

*Costumo me comunicar com ambos, colegas e professores. Acho ótimo, facilita muito o contato. Além de serem evitados gastos com outros meios de comunicação, posso me comunicar da maneira “um-todos” e “todos-todos” mais facilmente. Outra grande vantagem é que não precisa ser instantâneo, a outra pessoa pode responder em um momento que não esteja tão ocupada. (**estudante5**, por email)*

*Com os professores, além de tu te aproximar, tu tens um contato direto que pode te auxiliar na hora das dúvidas que podem surgir (no design principalmente) durante a execução do projeto. É bacana, se bem usado e não de uma maneira que se torne invasiva demais. (**estudante6**, por email)*

Questionei o **estudante6** sobre o que ele queria dizer com “maneira invasiva demais”:

*Acho que talvez prejudique um pouco o professor, pq ele acaba nao tendo folga nunca. Cada aluno tem um ritmo, um horário de trabalho e acabamos nos esquecendo que o professor tem uma vida fora “da aula”. E o professor que curte mesmo ajudar e ensinar tem que se cuidar pra nao virar um escravo das dúvidas online. (**estudante6**, por email)*

O caráter instantâneo das informações e conversações que circulam pelo Twitter instaura outra concepção de movimento através do tempo; pode-se dizer que assim institui-se, necessariamente, outra possibilidade para se operar com o conceito de espaço e de velocidade. Se o presente é o que se impõe e a aceleração predomina, o espaço reduz-se e ressignifica-se. Ou seja, através da “hiperconcentração do tempo real” (VIRILIO, 2000), há a imposição de agir à “velocidade da luz”, como fica inscrito no seguinte tweet da professora:

**@professora** e foi-se 2010/2. ou quase: correção de infográficos começando em 3, 2, 1...

Em 2009, Paul Virilio escreveu um artigo sobre uma possível “nova economia do tempo” para o *Le JDD Francês*. Afirmando que “o imediatismo é o contrário da informação”, o autor citou o caso do uso do Twitter pelos manifestantes contra a fraude na eleição do Irã. Por algum tempo, o tema ocupou os Trending Topics no Twitter.

O inesperado – neste caso, a morte do Michael Jackson – desviou boa parte das atenções dos usuários da plataforma. “Lamentamos universal e instantaneamente a morte de deus show-biz, e o Irã foi forçado a sair do futuro imediato.” O autor afirma, então, que precisamos de uma “economia política da velocidade.” Precisamos aceitar a existência do aceleramento e da desconstrução do tempo, mas não podemos aceitar que o imediatismo engula o caráter descentralizado e democrático que a Internet nos oferece. Segundo o autor, nossa inteligência, hoje, não dá conta desses processos. “Precisamos de uma inteligência coletiva hoje”.

A dissolução do tempo ao regime do instantâneo pode parecer uma característica irrevogável do tempo em vivemos. GUATTARI (1992), no entanto, reafirma que nada está dado. É sempre possível, a partir da compreensão de que somos sujeitos produzidos, fabricados, lutar por outros campos de possibilidades, inventando novos modos de existir e se relacionar consigo mesmo e com o mundo. Se a desconstrução do tempo manifestada nos sites de redes sociais parece inibir a potência de agir de professores e estudantes, talvez seja o caso tecer resistências, sem que no entanto seja necessário virar as costas às potencialidades que as redes podem oferecer.

## 4.2

# Outros Modos de Compartilhar

### ***Por quê eu compartilho a sua ideia?***

- ... porque compartilhar sua ideia me faz sentir generoso.*
- ... porque me sinto esperto ao alertar outras pessoas sobre o que eu descobri.*
- ... porque eu quero que o autor suceda.*
- ... porque não tenho escolha. Toda vez que uso o produto, acabo compartilhando a ideia.*
- ... porque tenho uma vantagem financeira em fazer isso.*
- ... porque é engraçado, e rir sozinho não tem tanta graça assim.*
- ... porque estou me sentindo sozinho, e compartilhar algo resolve este problema momentaneamente.*
- ... porque estou nervoso e quero envolver outras pessoas em meu protesto.*
- ... porque eu e meus amigos nos beneficiaremos com isso.*
- ... porque eu posso usar a ideia para apresentar pessoas uma para as outras, e construir uma comunidade é saudável.*
- ... porque seu serviço funciona melhor do que os serviços que meus amigos utilizam.*
- ... porque se todo mundo conhecesse essa ideia, eu ficaria mais feliz.*
- ... porque sua ideia diz algo que eu tenho dificuldade em dizer por conta própria.*
- ... porque eu me preocupo com alguém, e sei que essa ideia fará essa pessoa mais feliz ou mais saudável.*
- ... porque é divertido mostrar para os outros que eu estou vendo coisas tolas que não deveria ver.*
- ... porque minha comunidade se beneficiará com essa informação para combater uma ameaça externa.*
- ... porque essa ideia ajudará minha comunidade a manter a ordem interna.*
- ... porque é meu trabalho.*
- ... porque estou em dívida com você, e a única forma que eu posso te pagar é compartilhando uma ideia sua.*

**Seth Godin<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Traduzido de [http://sethgodin.typepad.com/seths\\_blog/2010/10/ideas-spread-when.html](http://sethgodin.typepad.com/seths_blog/2010/10/ideas-spread-when.html) livremente pela autora.

O excesso de informação surge, na contemporaneidade, como um “efeito colateral” da vida em rede. Incapaz de absorver toda a informação a que é exposto, o sujeito enfrenta uma espécie de ansiedade de informação (WURMAN, 1999), resultado da distância cada vez maior entre aquilo que se sabe e aquilo que se acha que deveria saber. Dentro de um contexto de produção de subjetividade em que o trabalho imaterial demanda sujeitos cada vez mais especializados, a sensação de despreparo causada por uma suposta “desinformação” se agrava.

Neste contexto, Rheingold (1996) identifica a oferta demasiada de informação e a falta de filtros efetivos para se lidar com tal excesso como um problema real. Apesar dos esforços da indústria do software para desenvolver filtros inteligentes que dessem conta de organizar a informação de forma automática, é nos “contratos sociais entre grupos humanos” (pg. 82) que o autor percebe o surgimento de filtros realmente consistentes.

Quando surge a necessidade de informação específica, de uma opinião especializada ou da localização de um recurso, as comunidades virtuais funcionam como uma autêntica enciclopédia viva. Elas podem auxiliar os respectivos membros a lidarem com a sobrecarga de informação. (RHEINGOLD, 1996, p.82)

As comunidades virtuais, entendidas como “agregados sociais que surgem na rede quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente” (pg. 22), funcionam então como filtros vivos e inteligentes. Assim se consolida a ideia de uma inteligência coletiva (LÉVY, 2007), pronta a resolver problemas em grupo.

Para Recuero (2009), “a comunidade é uma característica das redes, associada a uma maior densidade” (pg. 145). Uma comunidade virtual, na opinião da autora, é composta por um conjunto de atores e suas relações em uma estrutura de cluster cujas interações acabam por produzir laços e capital social. Uma comunidade é como um emaranhado mais denso dentro de uma rede social.

A dinâmica dos blogs criados pela professora Ana Bandeira aproxima-os de uma organização de comunidade virtual. Nestes espaços, os estudantes e a professora compartilham uma série de “conteúdos” – links, vídeos, imagens, textos de interesse dos colegas, atuando como um filtro coletivamente produzido.

Ao criar o blog de cada uma das disciplinas, Ana compartilhava, com todos os estudantes, o login e a senha criados. Devido à impossibi-

lidade de criar mais do que um nome de usuário para um mesmo blog, a professora sugeriu aos estudantes que usassem tags para se identificar sempre que postassem algo.

Quando a proposta é apresentada em aula, uma aluna se manifesta bastante empolgada no twitter:

**@estudante7** para **@professora** sinto que esse semestre vai ser demais! roginho já me disse! mas haja energia pra nós! kkkkkkkk

Poucos dias após a criação dos blogs no tumblr, Ana já vê as primeiras publicações feitas pelos estudantes, como me informa através do gtalk:

**anabandeira:** ha!  
depois olha o tumblr do roginho lá  
hehe  
postei uns diários gráficos e uma aluna fez uma postagem depois :)

Desta maneira, Ana inicia o uso do tumblr solicitando aos estudantes que publiquem lá materiais referentes ao conteúdo específico das aulas que vão acontecendo. Em um determinado momento, por exemplo, os estudantes da disciplina Projeto Gráfico I são convidados a postar no Tumblr imagens referentes aos princípios fundamentais do design (contraste, alinhamento, proximidade e repetição). Os alunos usam as tags do Tumblr para identificar a autoria de cada uma das postagens. Assim, o primeiro uso para o Tumblr é guiado pela professora, e a ferramenta se transforma em um histórico, um diário do que vem sendo discutido em sala de aula.

**anamargarites:** vários posts de alunos no roginho! :D

**anabandeira:** viuviu? :)

e a gente começa a aula falando sobre as coisas compartilhadas

**anamargarites:** e vocês estão seguindo alguém com o roginho?

**anabandeira:** por enquanto nós mesmos. mas vou colocar o perfil a seguir as editoras

e sugerir que a gente siga designers/artistas/whatever

quando encontrarmos trabalhos legais

**anamargarites:** éé, é legal eles escolherem gente pra seguir

**anabandeira:** foi uma aluna que escolheu o nome

tava lá com “untitled”

e ela colocou ‘design untitled’

achei divertido

e tem alguém criando um selo agora, pra ser nossa ‘foto’

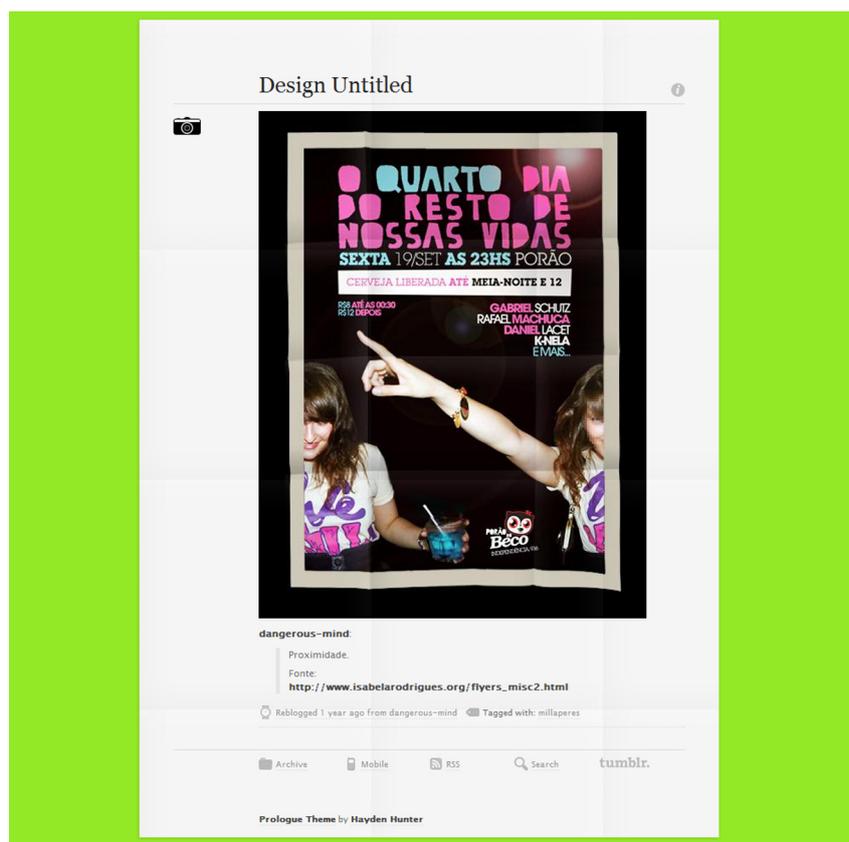


Figura 18 - publicação de estudante em roginho.tumblr.com - princípios do design

Em segundo lugar, no material compartilhado nos Tumblrs das turmas, destacam-se as “continuações de conversas”: alunos e professor usam tal espaço como uma “nota à margem” da aula, compartilhando referências que se relacionam com o que foi discutido em sala de aula. Tal uso é “menos institucionalizado” que o primeiro, uma vez que os estudantes compartilham sem a solicitação da professora.

#### ***Mais informações sobre os chapbooks***

*Dos quais falamos na aula sobre capas de livros infantis. Dica da Estudante1. Cliquem nas imagens para ver a imposição das páginas nos cadernos.*

*– Postado em <http://roginho.tumblr.com/> pela professora.*

#### ***Muitos livros infantis inteiros!***

*Váriooooos livros infantis de todo mundo e de todos os tempos!*

*– Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante1.*

Além das postagens diretamente relacionadas ao conteúdo da disciplina, aparecem outros compartilhamentos. Assim, surgem convites para festas do curso, chamadas para assembleias estudantis e links de referências relacionadas às outras disciplinas do curso, como nas publicações a seguir:

**TREG**

<http://www.isabelarodrigues.org/allillust.html>

artista que eu trouxe para aula de TREG, por favor comunidade, todo mundo colocando o link de quem trouxe! essa menina é formada pelo cefet em desenho industrial, e agora trabalha na santa motion em porto.

beijocas!

- Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante2.

**A quem interessar possa!**

Curti bastante o vídeo quanto vídeo! Quanto propaganda, suuuper bem bolada. Espero que vocês também gostem e quem sabe... até pode surgir alguma inspiração para o trabalho de Fotografia.”

- Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante7.

**pra quem gosta de cinema :)**

<http://www.ideafixa.com/hitchcock-minimalista/>

beijo comunidade!

- Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante2.

**Design de interação**

É um site da disciplina de interfaces de interação que fiquei de postar. No estilo desktop.

- Postado em <http://designdigital.tumblr.com/> por estudante8.

**INVENTÁRIO DO IR-REMEDIÁVEL**

Colégas!

Agora numa pausa dos estudos para fumar um cigarro... me vieram a mente algumas sábias palavras do Caio Fernando Abreu, que ao meu ver, se encaixam perfeitamente no nosso momento vésperadeprovaperigosa! Fica então a dica - ou apenas a título de curiosidade! E só mais uma coisa, Caio também nos ensina: “os dragões não conhecem o paraíso“... ;) ‘É preciso estar distraído e não esperando absolutamente nada. Não há nada a ser esperado. Nem desesperado.’

‘E tem o seguinte, meus senhores: não vamos enlouquecer, nem nos matar, nem desistir. Pelo contrario: vamos ficar ótimos e incomodar bastante ainda.’

- Postado em <http://roginho.tumblr.com/> por estudante5.

Os “compartilhamentos” acima mostram algumas das diferentes possibilidades através das quais os estudantes relacionam-se com seu campo de estudo. No caso destas postagens específicas, percebe-se pouca preocupação com os limites entre disciplinas que são “vizinhas” ao design: no mesmo espaço, aparecem referências à ilustração, ao cinema, à fotografia e etc. A última postagem, uma espécie de “chamada às armas” para os colegas que estão às vésperas de enfrentar um exame difícil, demonstra como os estudantes apropriam-se do espaço possibilitado pelo site e, daí em diante, inventam para a ferramenta os usos que acharem positivos.

Esta variedade de referências nos blogs das turmas acaba por dividir as opiniões dos próprios estudantes:

*Eu diria que (o uso do tumblr) não deu certo, isso foi no 5º semestre da faculdade, e só foi usado nesse período, além do mais, todos postavam “à la loca”, às vezes coisas que não tinham nada a ver, e as informações realmente relevantes ficavam perdidas e esquecidas, e também pq o Tumblr não dava a possibilidade de comentar nenhum post, o que perde muito na troca de informações. (estudante9, por email)*

*Na turma de Projeto Gráfico deu muito certo, o que era pra ser de Projeto acabou extrapolando para qualquer coisa que alguém julgasse interessante para a turma! Virou uma super fonte de pesquisa, e registro. Já na turma de Design da informação a turma não encarou da mesma forma, e o tumblr acabou sendo usado somente para o que estávamos vendo em aula. Mas isso não diminuiu a capacidade de auxiliar, óbvio. Mas não era tão legal :) (estudante6, por email)*

*funcionou muito bem, digo isso porque já havia sido proposto algo assim em outra disciplina, mas utilizando plataformas mais complexas. Nesse caso, o compartilhamento dos colegas acabava não acontecendo. No caso do tumblr, acredito que pela simplicidade, não só o professor atualizava o blog, como os alunos, o que é o ideal :) (estudante7, por email)*

*Usei em apenas uma disciplina um tumblr da turma e achei muito interessante. Todos os colegas e a professora o alimentavam de conteúdo interessante. Acabei criando também um para mim, mas nunca utilizei. (estudante3, por email)*

*Para ser sincero, não tenho muita opinião sobre porque, apesar de ter tido contato com o tumblr numa das disciplinas, eu raramente o acessei... mas talvez seja bem relevante, porque já me foi solicitado utilizar o delicious no início do curso e a princípio não curti, mas hoje considero uma ferramenta importantíssima para catalogar e organizar os links pelos quais me interessa.*

*(estudante4, por email)*

Esta riqueza de percepções quanto ao uso da ferramenta demonstra a quantos usos ela “se presta”: para alguns estudantes, a formação do designer não é estanque e esquadrinhada em diferentes áreas de conhecimento, mas opera como uma rede, um rizoma onde todos os pontos podem levar a outros pontos. Assim, alguns sentem-se à vontade para apropriar-se e compartilhar todo tipo de “matéria” com inúmeras possibilidades de hibridações e conexões, sempre prontos a devorar o que lhes parece um novo elemento possível para a composição de seus modos de vida. Em outros casos, manifesta-se a preferência justamente pelo esquadrinhamento e pela disciplina.

Nas conversas por email e gtalk com os estudantes, pude perceber que todos só vêem vantagens em compartilhar referências com os colegas nas redes sociais.

*Acompanho alguns sites e blogs relacionados ao design, sempre encontro material muito interessante nestas páginas. Além disto, muitas vezes colegas postam coisas interessantes em suas redes sociais, o que também contribui no estudo. Acredito também que ver diversos sites na internet só tem a agregar no repertório visual. (estudante10 por email)*

No blog <http://designdainformacao.tumblr.com/>, chama atenção a grande quantidade de material deste tipo compartilhado pelos estudantes. A maioria das postagens são relativas aos Infográficos, um dos principais conteúdos da disciplina. No entanto, muitos dos infográficos publicados são memes, piadas e referências à cultura pop; o espaço de compartilhamento possibilitado pelo tumblr é bem menos *solene* do que a sala de aula tradicional.

*A confissão absurda seguida da inscrição “(1 Membro)” é uma piada recorrente em diversos sites de redes sociais, e é na verdade uma citação à maneira como o Orkut apresenta suas comunidades (e ao absurdismo dos nomes de algumas delas)*

No Twitter também acontecem compartilhamentos de referências variadas, como na ocasião em que eu fiz a seguinte piada:

*@mestranda confundo as pontas do triângulo semiótico (1 membro)*

A professora Ana Bandeira, achando graça na minha brincadeira, resolveu retwittá-la para seus seguidores:

*@professora (2 membros) RT @mestranda confundo as pontas do triângulo semiótico*

Em questão de minutos, instaurou-se o seguinte diálogo:

*@estudante12 para @mestranda e @professora mas peraí, não era quadrado?*

*@estudante13 para @estudante12 @mestranda @professora concordo com @estudante12!*

*@mestranda para @estudante13 @professora @estudante12 QUADRADO? tá tipo os 4Ps do marketing, que eram 16 na última vez em que vi!*

*@professora para @mestranda e @estudante12 depende da nacionalidade da semiótica de que estamos falando, creio. hehehehe*

*@estudante12 cada um no seu quadrado/triângulo semiótico.*

*@professora para @estudante12 eu diria cada um no seu quadrado/triângulo/círculo chinês semiótico.*

*@professora gendocéu. lá tou eu confundindo sintático, semântico e whatever e transformando o triângulo semiótico quase num decágono... #bedtime\_stories*

O twitter, neste caso, possibilitou a emergência de uma conversa-ção absolutamente frutífera e inesperada que, ao mesmo tempo, está impregnada de sentidos e totalmente livre de qualquer hierarquização entre professor e estudante. Em outra situação semelhante, professora e aluno trocam impressões acerca de um autor da área que estudam:

*@estudante12 interrompi todo meu fluxo de pensamento para vir aqui dizer: Richard Hendel, eu te ODEIO.*

*@professora para @estudante hahahahah também não sou fã dele... depois me conta qual o foco específico do teu ódio ;)*

*@estudante12 para @professora a coisa do livro TER QUE ser invisível me incomoda muito. pra que design de livros então? vamos só repetir o que foi feito, oras!*

*@professora para @estudante12 SIM! teoria mega ultrapassada. é o mesmo que falar isso a respeito da tipografia, por exemplo. é o que MAIS odeio nele tb.*

Outros compartilhamentos que aparecem no Twitter dizem respeito à própria produção dos estudantes:

*@estudante12 ó, publiquei os slides de ontem aqui: <http://url.com>*

*@estudante4 I just published a new project to my @behance portfolio: <http://url.com>*

*@estudante4 minha animação tá no youtube, assistam! <http://url.com>*

No Facebook, aparecem compartilhamentos de naturezas totalmente diversas. Muitos estudantes o utilizam para mostrar seus trabalhos - seus cartazes, ilustrações e outras peças gráficas, muitas vezes em processo de desenvolvimento. Em alguns casos, os colegas do estudante são “marcados” na imagem, como se esta fosse uma foto em que aparecem, e são convidados pelo autor a dar sua opinião sobre um projeto inacabado.

A ferramenta de marcação em uma imagem no facebook é amplamente utilizada de maneiras muito diversificadas. Muitos anúncios e convites são feitos desta maneira; convites para festas, eventos acadêmicos ou de outra natureza, exposições são feitos diretamente a um grupo específico de pessoas, marcados em um cartaz do evento ou imagem equivalente.

Os sites de redes sociais oportunizam, aos sujeitos que interagem neste espaço de socialização, a possibilidade de utilizarem uma série de ferramentas de conexões e links que não estão diretamente e nem necessariamente conectadas com a ferramenta específica que está sendo utilizada. A partir de tal flexibilidade, cada pessoa pode criar as conexões que desejar, desde que haja compatibilidade entre tais suportes, possibilitando a partilha com os outros com quem se que entrar em conexão. Sendo assim, ferramentas e pessoas passam a constituir uma rede híbrida: um espaço no qual todo tipo de conhecimentos, crenças, desejos e atitudes podem associar-se de maneira livre.

**BINGO**

3 NOV

17H

**BINGO COM TRABALHOS DE PROFESSORES E ALUNOS DO CEARTE**  
EM APOIO A SEMANA ACADEMICA

RS 5 VALE 3 CARTELAS

LOCAL:  
[EM FRENTE A CERÂMICA]

À VENDA NO NED

REALIZAÇÃO:  
PET Artes Visuais

Curtir Comentar Centro de Artes UFPEL Marcar foto

**PetArtes Visuais**  
!!!!BINGO!!!!!!

Nessa quinta feira você vai ter a oportunidade de gritar em alto e bom tom: BINGO! e também vai ter a chance de levar uma obra de arte pra lá de especial para casa...  
O BINGO DAS ARTES em sua segunda edição acontece nesse dia 03/11 as 17h, ali no Centro de Artes, Alberto Rosa - 62  
Esperamos a todos por lá

VEM BINGAR COM O PET! — com Francine Amaral, Madu Lopes, Aerognomo Cavalheiro, Lauer A. N. Santos, Deco Rodrigues, Tigo Weller, Elisa Gerber, Adriane Hernandez, Adriane Schrage Wächter, Geovana Rossini, Priscila Braga, Semana Acadêmica AV, Eduardo Sarubbi Resing, Marcelo Medeiros Rota, Daniel Albermaz Acosta, Erika Romaniuk, Ângela Monsam Rodeghiero, Matheus Lanzetta, Ricardo Mello, Luisa Planella, Juliana Charnaud, Grupo Superfície, Grupo Olhos de Lata, Lanna Veiras Collares, Larissa Oliveira, Lana Peter Braz, Laura Nunes, Samanta Sopeña, Francisca Alves Alves, Chico Machado, Luiz Marcel, Cris Hartwig, Daniel Ferreira Rodales, Morgana Ávila, Programa De Educação Tutorial, André Winter Noble, Fernando Igansi, Fernanda Tomiello, Jose Luiz de Pellegrin e Duda Goncalves.

Curtir · Comentar · Compartilhar · 31 de Outubro

2 pessoas curtiram isto.

Escreva um comentário...

Álbum: Fotos de Lanna Veiras Collares no álbum Fotos do mural

Compartilhado com: \* Personalizado

Marcar esta foto

Fazer download

Denunciar esta foto

Patrocinado

Figura 19 - convite para evento através de marcação em imagem no facebook

## 4.3

# Outras relações entre estudantes e professor

*A partir de que signos da sensibilidade, por meio de que tesouros da memória, sob torções determinadas pelas singularidades de que Idéia será o pensamento suscitado? Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender - que amores tornam alguém bom em Latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar.*

Deleuze (1988, p. 161)

Uma série de trabalhos discute as reconfigurações da subjetividade docente atravessada pelo contexto das tecnologias e das redes, especialmente no que tange à consolidação do ensino a distância (ALMEIDA, 2008; MARTINS; GALDINO, 2006) às modificações que as tecnologias podem promover nos próprios processos cognitivos (AXT; MARASCHIN, 1997, 1999) e às reconfigurações do próprio papel da escola e do professor (CAMPOS, 2007; BONILLA, 2007).

É necessário considerar a subjetividade de estudantes e professores hoje como constituída também por estas relações que não se esgotam no espaço e no tempo da sala de aula e que novos compartilhamentos são possibilitados pelos sites de redes sociais na internet, interessa, então, tentar entender as potencialidades e limites enfrentados por professores

e estudantes neste tempo de desmanchamento de subjetividades sólidas, estratificadas. Se até pouco tempo atrás o papel do aluno era o de receptáculo de conhecimento depositado pelo professor, a (não) lógica rizomática das redes pode transfigurar estes papéis.

Em que grau se modificam estas relações entre estudantes e professores? Certamente o derretimento das instituições, apontado por BAUMAN (2001), não deu conta de dissolver a totalidade das “coisas sólidas”, como fica claro em um comentário de um estudante:

*Apesar de termos uma relação também pessoal, essa relação entre alunos e professores, parece mais profissional. E numa rede social, você posta do conteúdo mais relevante ao mais “besta” e o seu professor está ali vendo, parece estranho.*  
(*estudante12, por email*)

As liberdades garantidas de um lado, no entanto, entra em conflito com outras questões importantes: ainda que nas redes a comunicação pareça fluir de forma horizontal, as relações de poder (Foucault, 1979) se manifestam através do “resguardo” dos sujeitos com relação a certos tipos de comentários:

*@estudante4 O problema de seguir professor no twitter é que tu não pode xingar muito! Um abraço pro #outroprofessor pelos notões!*

*@estudante 6 para @estudante 4 ao fim de tudo, eu to achando o \*outro professor\* muito gente fina...*

*@professora para @estudante4 hahahahahaah! pode xingar. eu finjo que não li. ocá? ;)*

*@estudante6 que legal né gente, gastar todo nosso dinheiro do mês na graphos imprimindo jornal. WHAAAAAAAAAAT fica aí a crítica não velada*

*@estudante6 quero ser engraçadinha e dizer que o twitter está quieto porque o msn está em chamadas*

Em outras ocasiões, as trocas de mensagens levam professor e aluno a redesenharem suas falas e práticas;

*@estudante3 acabei de vir da aula, não teve nada, que droga, tempo perdido!*

*@professora para @estudante3 perdido por que vocês não aproveitaram o tempo disponível para projetar, meu caro... ;)*

*@estudante4 para @professora sim, eu sei, mas o meu grupo tava fazendo outra coisa, eu até mexi no layout mas não te mostrei, hehe*

Frequentemente a professora usará o twitter, então, para transmitir recados quanto aos cronogramas das disciplinas que ministra:

*@professora atenção mocorongos: aulas de amanhã para ORIENTAÇÃO DA REVISTA. não cheguem de mãos abanando, hein?? entregarei as notas, as well. #projetodois.*

Parece que ocorre, no contexto da educação, uma certa dissonância nos processos de internalização e incorporação das possibilidades oferecidas pelos sites de redes sociais na internet. Permanecem as dúvidas acerca de quais são as liberdades garantidas e também quais usos seriam “corretos”.

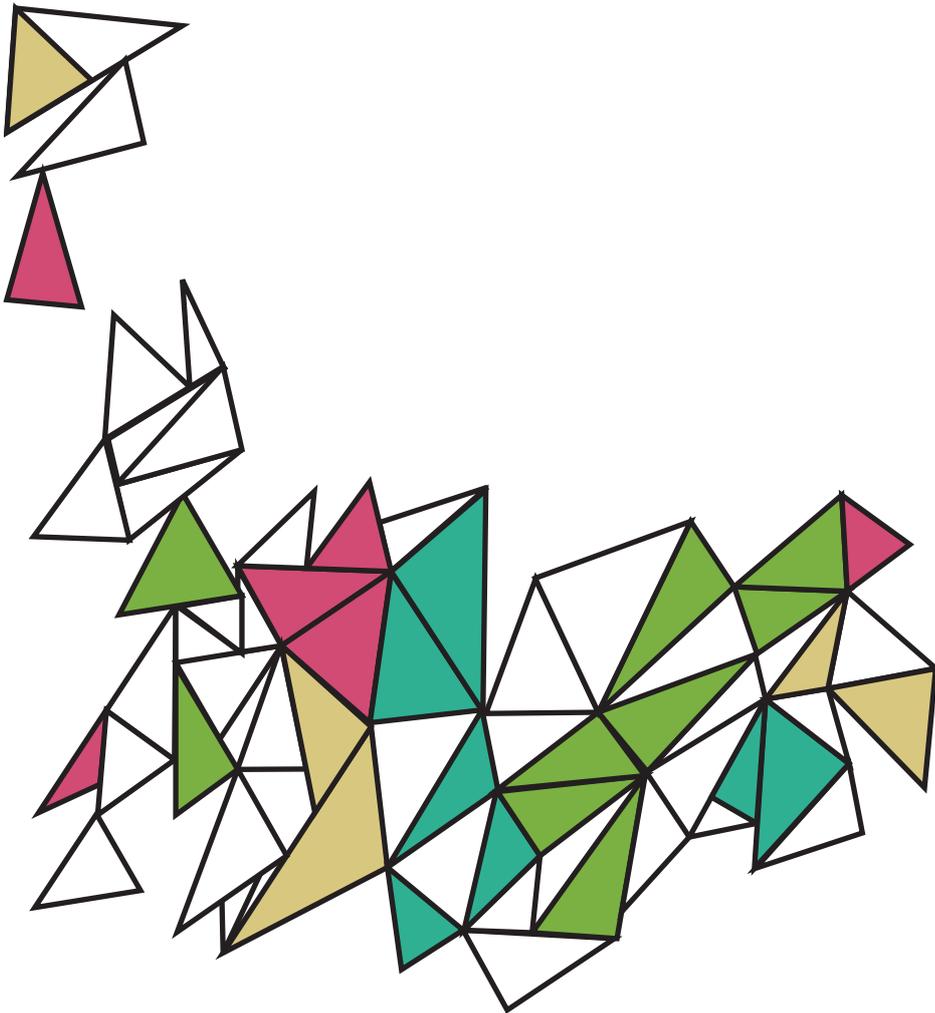
Para boa parte dos estudantes, os SRS são vistos como espaços reservados do entretenimento, ainda que eles próprios expandam estes usos e acabem por questionar este entedimento de “entretenimento” na sua existência.

*Utilizo a internet para estudo (pesquisas), entretenimento (jogos, animes, filmes, musicas, redes sociais), Manter contato com pessoas que estão longe ou mesmo com colegas para fazer algum trabalho.  
(estudante 17, por email)*

*Utilizo para comunicação (msn, orkut), lazer (assisto filmes, ouço músicas) e informação.  
(estudante 10, por email)*

Pode-se dizer que estas posições de estudantes e professores, enquanto atores nos SRS, são em si extremamente complexas, podendo ser pensadas como intersecções em um rizoma - sempre atravessadas por incontáveis fios de sentidos. Em decorrência disso, diferentes posições de sujeito nestas redes levam a trajetórias e entendimentos bastante variados sobre a constiuição de tais espaços coletivos. Assim, tem-se um sistema instável e diverso, por onde os trânsitos e as potências se dão de formas muito heterogêneas. Esta heterogeneidade, aqui, é vista como possibilidade de produção: são justamente as tentativas de resistência às subjetivações dominantes que produzem novas possibilidades de vida.

# Pós-Escrito



*A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (GUATTARI & ROLNIK, 2010, p. 33).*

A pesquisa que aqui foi apresentada não teve a pretensão de apresentar modelos de uma nova educação onde a utilização dos sites de redes sociais se torne imprescindível. A intenção foi a de mostrar, através da cartografia das manifestações em rede de uma professora e seus alunos, as inquietações, as potências e os limites de uma prática voltada para a singularidade, em que a construção em rede, numa concepção de mapa-cartografia, é seu modo de funcionamento.

A problematização da subjetividade sob o ângulo da sua produção leva em conta seu caráter processual, parcial, precário e pré-pessoal, uma vez que não existem subjetividades que funcionem como recipiente onde seriam depositados elementos exteriores a serem interiorizados. Ao entender a subjetividade como um fluxo contínuo de modos de existir fabricado no entrecruzamento de instâncias sociais, técnicas, institucionais e individuais (GUATTARI, 1992), radicaliza-se o entendimento das possibilidades de constituição de modos de ser. Assim, é possível considerar que todos os sujeitos e coletivos humanos, todas as tecnologias, instituições e produtos culturais produzem subjetividades.

Este modo de olhar, que pode parecer extremamente pessimista à primeira vista, pode ser entendido também como absolutamente produtivo, já que, uma vez que somos produzidos e não dados, podemos nos atrever a singularizar. Assim, ao mesmo tempo em que somos constituídos por uma rede de signos, podemos fazer o possível para evitá-los, rejeitá-los, e então produzir nossos próprios modos de vida.

Um ponto interessante sobre a internet é que ela pode ser vista, ao mesmo tempo, como local de efetivação de uma sociedade de controle e local para a gestão de espaços de resistência. Assim, surgem e mantêm-se na internet uma diversidade de movimentos questionadores do modelo de Capitalismo Mundial Integrado, que curiosamente usam as próprias ferramentas do sistema para questioná-lo e produzir outros modos de vida.

No âmbito da educação, os sites de redes sociais começam a ser entendidos como um espaço possível para a constituição de comunidades de aprendizagem e troca. Ainda há uma série de barreiras a serem vencidas nesse aspecto; elas vão da inclusão digital ao entendimento de que redes sociais são necessariamente um espaço exclusivo de “perda de tempo” e de “entretenimento”.

*(Não busco sequer margear este mérito da questão no trabalho, inclusive considerando que a matéria-prima e produto final do trabalho do designer é justamente o que pode ser entendido como “perda de tempo” e “entretenimento”)*

O que percebeu-se, neste estudo, é que os sites de redes sociais podem proporcionar um espaço muito rico de compartilhamento, proporcionando o aparecimento de outros modos de “formar-se” enquanto sujeito, professor, aluno, profissional. As redes abrem espaço para novas formas de colaboração e compartilhamento, e ao mesmo tempo o “estar em rede” imprime outro ritmo às vidas dos que se conectam, dissolvendo as relações geográficas e temporais que estabelecemos até então.

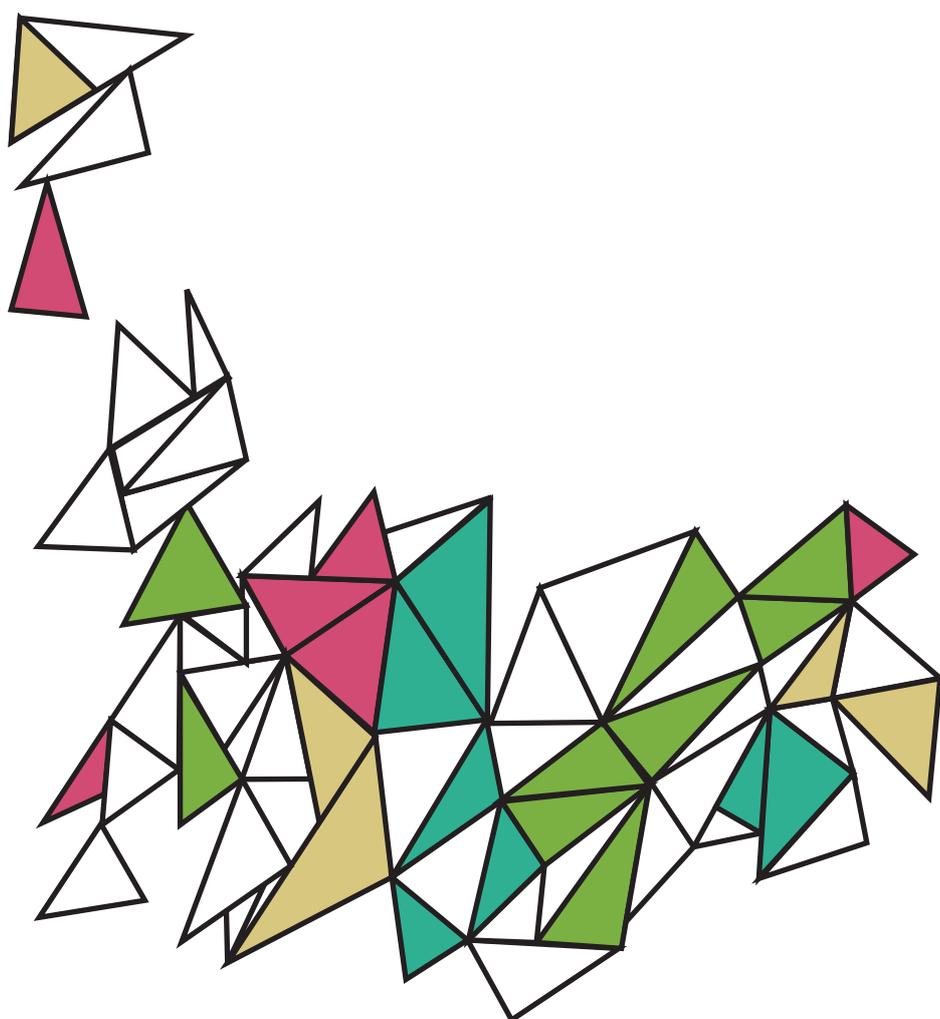
No meio de tantas modificações, estudantes e professores vêem-se ao mesmo tempo maravilhados com as possibilidades e paralisados pelo turbilhonamento. Os estudantes, ao mesmo tempo que compartilham conhecimento nas redes sociais e usam a internet como uma biblioteca infinita, descrevem as redes como espaço para distração; eles mesmos ainda legitimaram sua própria prática.

O professor distorce seu tempo de todas as maneiras possíveis, tentando estar em todos os lugares: precisa estar presente na sala, mas também não quer deixar de estar presente na internet. Ainda não foi encontrado o equilíbrio para uma outra prática docente; é preciso inventar esta possibilidade. Entre tantas modificações, nos cabe ainda indagar: em meio à produção massiva em nível mundial de certos modos de ser, é possível pensar em produzir subjetividades singulares, que escapem às modelizações dominantes neste mundo hiperconectado?

A uma determinada máquina de produção de subjetividade, se opõe a ideia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, que podemos chamar de “processos de singularização”. Trata-se de uma recusa aos modos de vida preestabelecidos: inventar outros modos de sensibilidade, de relação com o outro, de criatividade, produzindo uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos.

Talvez as redes, ao mesmo tempo em nos impõem determinados modos de ser, também nos ofereçam brechas para que possamos nós próprios fabricar outros modos de ser: afinal de contas, é sempre possível atrever-se a singularizar.

# Referências



ANDRADE, Oswald de. **O manifesto antropófago**. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ALMEIDA, Sergio Antunes. **Novas tecnologias e o trabalho docente na modalidade ensino a distancia**. 2008. 143 fls. Mestrado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

AXT, Margarete; MARASCHIN, Cleci. **Prática pedagógica pensada na indissociabilidade conhecimento-subjetividade**. Revista Educação & Realidade, 22(1):57-80, jan/jun, 1997.

AXT, Margarete; MARASCHIN, Cleci. **Narrativas avaliativas como categorias auto-poiéticas de conhecimento**. Revista de Ciências Humanas, UFSC, 1999: 21-42 .

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BEY, Hakim. **T.A.Z. The Temporary Autonomous Zone**, v.1, 20 May 2008.

BONILLA, Maria Helena. **Linguagens, tecnologias e racionalidades utilizadas na escola: interfaces possíveis...** In Anais da 27ª ANPED. Caxambu, 2004.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication, n. 13, v. 1, 2007. Acesso em: 20/06/2011. disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>.

BRETON, Philippe. **A Utopia da comunicação**, Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

CAMPOS, Regina Célia. **Subjetividade e trabalho docente: como ficam os professores na era das transformações?**. Vertentes (São João Del-Rei), v. 29, p. 117-131, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição dos paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**, São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**. São Paulo: 34, 2001.

- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 2, Rio de Janeiro**: Editora 34, 1995b.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- FERLAUTO, Cláudio. **O Tipo da gráfica e outros escritos**. São Paulo: Editora Cachorro Louco, 2000.
- FERREIRA, Flávia Turino. **Rizoma: um método para as redes?** Liinc em Revista, pp. 28-40, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, Humbert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze**. In: **Microfísica do Poder**. São Paulo: Edições Graal, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREIRE, Leticia de Luna. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica**. Revista Comum. Rio de Janeiro, v.11, no 26, p.46-65. Janeiro/junho, 2006.
- GUATTARI, Félix. **“Linguagem, consciência e sociedade”**, em Saúde e Loucura, São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

- GUATTARI, Félix. **Caosmose; um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora. 34, 1992.
- GUATTARI, Félix. **Da Produção de Subjetividade**. In: PARENTE, A. (org.) **Imagem-máquina**. Rio de Janeiro: 34, 1999.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica - cartografias do desejo**, Petrópolis: Vozes, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HARDT, Michael, NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. Revista Psicologia e Sociedade, v. 19, p.15-22, 2007.
- KASTRUP, Virgínia. **A Rede: Uma figura empírica na ontologia do presente**. In: PARENTE, A. (org.) **Tramas da Rede - Novas Dimensões Filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru: EDUSC, 2001
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 6ª reimpressão. 1990/1998.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2001.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.
- MARTINS, H.G.; GALDINO, M.N.D. **Ensino a distância: entre a institucionalidade e a formação de uma nova cultura**. In: **Anais da 29ª ANPED**. Caxambu, 2006.
- MORAES, Marcia Oliveira. **Por uma Estética da Cognição: A Propósito da Cognição em Latour e Stengers**. Revista Informare, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 49-56, 1998.

MUSSO, Pierre. **A Filosofia da Rede**. In: PARENTE, A. (org.) **Tramas da Rede - Novas Dimensões Filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PARAÍSO, Marlucy. **Política da Subjetividade Docente no Currículo da Mídia Educativa Brasileira**. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 91-115, jan./abr.3 2006.

PARENTE, André. **Pensar em rede: do livro às redes de comunicação**. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, v. XXIII, n. 1, p. 167-174, 2000.

PARENTE, André. **Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade**. In: PARENTE, A. (org.) **Tramas da Rede - Novas Dimensões Filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. **Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter**. Revista Líbero.-v. 12, n. 24, p. 81-94. São Paulo. 2009.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: homesteading on the electronic frontier**. Cambridge: MIT Press, 1993.

RHEINGOLD, Howard. **Comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ROSENFELD, Louis; MORVILLE, Peter. **Information architecture for the world wide web**. Sebastopol: O'Reilly & Associates, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço**. In: **Derivas: Cartografias do Ciberespaço**. 2004

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SERRES, Michel. **A Sociedade Pedagógica**. Disponível em <http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/sociedadepedagogica.pdf>

SIBILIA, Paula. **A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs**. 2004

SILVA, Thomas Tadeu da. **Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica**. In: Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

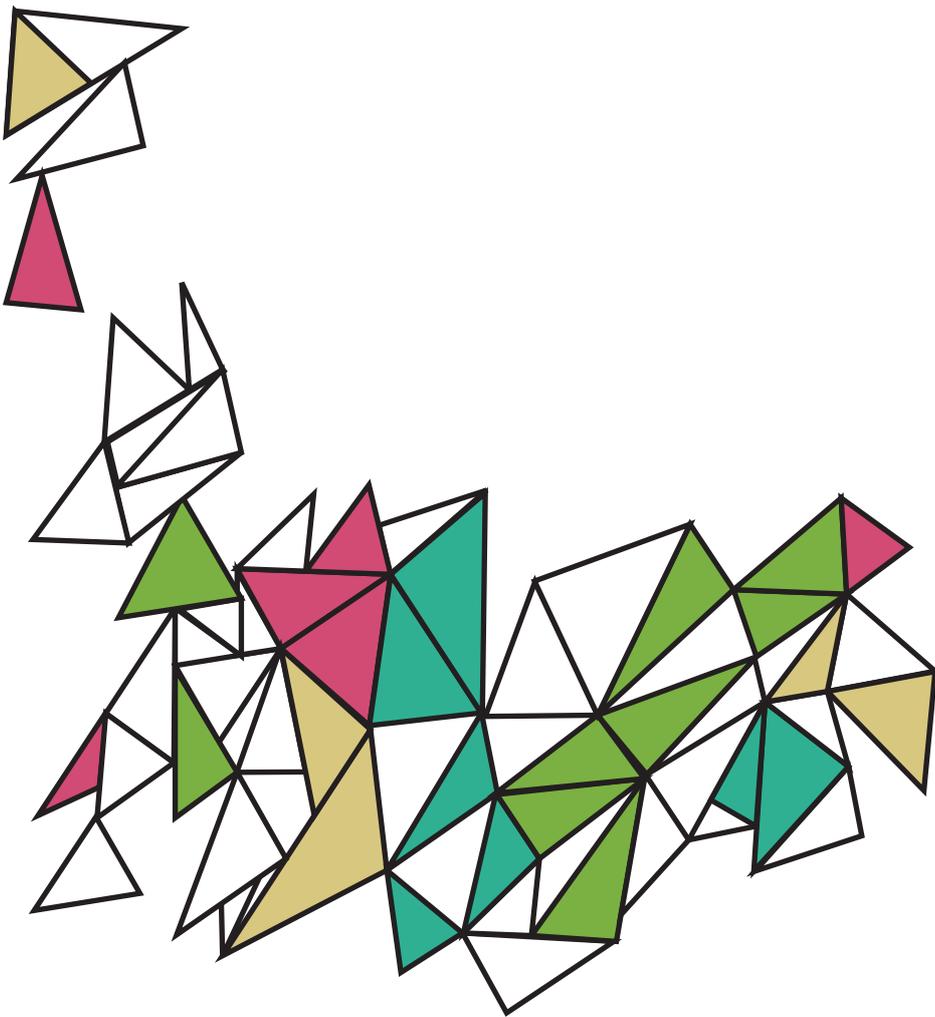
SOARES, Leonardo. **Produzir Subjetividades: O que significa?** In: Revista Psi, v.9. n.2, 2008.

SPEROTTO, Rosária. **Das Artes de viver e das possíveis hibridações de subjetividades. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

VIRILIO, Paul. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.

WURMAN, Richard. **Ansiedade de Informação**, Cultura Editores, SP,1999.

# Apêndices



# Apêndice A

## **Pesquisa sobre o uso da Internet pelos estudantes dos cursos de Design Gráfico e Digital da UFPel**

*Ao responder este questionário, você está colaborando com a pesquisa de mestrado de Ana Margarites, graduada em design gráfico e mestranda em educação pela UFPel. Se tiver dúvidas ou quiser esclarecimentos, por favor não hesite em entrar em contato: anamargarites@gmail.com. Obrigada pela contribuição! Eu prometo que não vai demorar muito. :)*

**Seu nome:**

**Seu email:**

Estou pedindo o endereço de email para possibilitar que eu entre em contato com os entrevistados para dar retorno sobre a pesquisa e continuar a conversa. Não divulgarei seu email para outros em hipótese alguma.

**Qual a sua idade?**

- \* de 16 a 18
- \* de 19 a 22
- \* de 22 a 25
- \* de 25 a 30
- \* mais de 35

**Tem computador em casa?**

- \* sim
- \* não

**Qual curso você faz?**

- \* Design Gráfico
- \* Design Digital

**Em qual semestre você está? Considere o semestre que começa em março de 2010**

- \* primeiro ou segundo
- \* terceiro ou quarto
- \* quinto ou sexto
- \* sétimo ou oitavo

**Tem banda larga em casa?**

- \* sim
- \* não

**Onde você acessa a internet com mais frequência?**

- \* em casa
- \* na faculdade
- \* na casa do namorado(a) / amigos(as)
- \* no trabalho
- \* em lan houses
- \* Outro:

**Com que frequência você acessa a internet?**

- \* mais de uma vez ao dia
- \* diariamente
- \* uma vez por semana
- \* mais de uma vez por semana
- \* menos de uma vez por semana

**O que você mais faz na internet? Marque até três opções**

- \* conversa com os amigos
- \* vê o que os amigos estão fazendo
- \* acessa redes sociais
- \* pesquisa referências de design
- \* vê vídeos
- \* procura filmes, séries, música, games
- \* lê blogs
- \* acessa portais de conteúdo
- \* Outros:

**Como você define a internet? Marque a resposta mais próxima do que você pensa.**

- \* um lugar onde conversar e me relacionar com amigos
- \* um lugar onde me informar
- \* um lugar onde saber o que está acontecendo
- \* um lugar onde me divertir
- \* um lugar onde aprender mais

**Na sua opinião, qual a utilidade das redes sociais?**

- \* são úteis por que todo mundo está lá
- \* são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos
- \* são úteis para mostrar para as pessoas quem eu realmente sou e do que eu gosto
- \* são úteis para me aproximar de pessoas que admiro
- \* são úteis para conhecer pessoas parecidas comigo
- \* são úteis para estabelecer uma rede de contatos profissionais
- \* não vejo nenhuma utilidade nas redes sociais

**Marque as redes sociais que você usa:**

- \* orkut
- \* facebook
- \* twitter

- \* flickr
- \* last.fm
- \* plurk
- \* tumblr
- \* Outras:

**Você tem blog?**

- \* sim
- \* não

**Você interage com seus COLEGAS da faculdade na Internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar:**

- \* orkut
- \* facebook
- \* twitter
- \* email
- \* msn
- \* gtalk
- \* blogs
- \* flickr
- \* Other:

**Você interage com seus PROFESSORES da faculdade na Internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar:**

- \* orkut
- \* facebook
- \* twitter
- \* email
- \* msn
- \* gtalk
- \* blogs
- \* flickr
- \* Other:

**Você costuma ler blogs? Cite aqui os seus CINCO preferidos: Não precisa colocar o link - é só me dizer quais são que eu acho eles no google :)**

# Apêndice B

## **Pesquisa sobre o uso da Internet pelos professores dos cursos de Design Gráfico e Digital da UFPel**

*Ao responder este questionário, você está colaborando com a pesquisa de mestrado de Ana Margarites, graduada em design gráfico e mestranda em educação pela UFPel. Se tiver dúvidas ou quiser esclarecimentos, por favor não hesite em entrar em contato: anamargarites@gmail.com. Obrigada pela contribuição! Eu prometo que não vai demorar muito. :)*

**Seu nome:**

**Seu email:**

Estou pedindo o endereço de email para possibilitar que eu entre em contato com os entrevistados para dar retorno sobre a pesquisa e continuar a conversa. Não divulgarei seu email para outros em hipótese alguma.

**Qual a sua idade?**

- \* de 22 a 25
- \* de 25 a 30
- \* de 30 a 35
- \* de 35 a 40
- \* de 40 a 50
- \* mais de 50

**Em qual curso você leciona?**

- \* Design Gráfico
- \* Design Digital
- \* ambos

**Tem computador em casa?**

- \* sim
- \* não

**Tem banda larga em casa?**

- \* sim
- \* não

**Onde você acessa a internet com mais frequência?**

- \* em casa
- \* na universidade
- \* Other:

**Com que frequência você acessa a internet?**

- \* mais de uma vez ao dia
- \* diariamente
- \* uma vez por semana
- \* mais de uma vez por semana
- \* menos de uma vez por semana

**O que você mais faz na internet? Marque até três opções**

- \* conversa com amigos
- \* vê o que os amigos estão fazendo
- \* Envia emails / conversa sobre trabalho
- \* procura filmes, séries, música, games
- \* lê blogs
- \* acessa portais de conteúdo
- \* pesquisa conteúdo relevante para as suas aulas
- \* assiste vídeos
- \* Other:

**Como você define a internet? Marque a resposta mais próxima do que você pensa.**

- \* um lugar onde conversar e me relacionar com amigos
- \* um lugar onde me informar
- \* um lugar onde saber o que está acontecendo
- \* um lugar onde me divertir
- \* um lugar onde aprender mais

**Na sua opinião, qual a utilidade das redes sociais?**

- \* são úteis por que todo mundo está lá
- \* são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos
- \* são úteis para mostrar para as pessoas quem eu realmente sou e do que eu gosto
- \* são úteis para me aproximar de pessoas que admiro
- \* são úteis para conhecer pessoas parecidas comigo
- \* são úteis para estabelecer uma rede de contatos profissionais
- \* não vejo nenhuma utilidade nas redes sociais

**Marque as redes sociais que você usa:**

- \* orkut
- \* facebook
- \* twitter
- \* flickr
- \* last.fm
- \* plurk
- \* tumblr
- \* Other:

**Você tem blog?**

- \* sim
- \* não

**Você interage com seus COLEGAS DE PROFISSÃO na Internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar:**

- \* orkut
- \* facebook
- \* twitter
- \* email
- \* msn
- \* gtalk
- \* blogs
- \* flickr
- \* Other:

**Você interage com seus ALUNOS da faculdade na Internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar:**

- \* orkut
- \* facebook
- \* twitter
- \* email
- \* msn
- \* gtalk
- \* blogs
- \* flickr
- \* Other:

**Você costuma ler blogs? Cite aqui os seus CINCO preferidos: Não precisa colocar o link - é só me dizer quais são que eu acho eles no google :)**

# Apêndice C

**Pesquisa sobre o uso da Internet pelos estudantes dos cursos de Design Gráfico e Digital da UFPel - respostas dos questionários**

Qual a sua idade?	Tem computador em casa?	Qual curso você faz?	Em qual semestre você está?	Tem banda larga em casa?	Onde você acessa a internet com mais frequência?	Com que frequência você acessa a internet?	O que você mais faz na internet?	Como você define a internet? Marque a resposta mais próxima do que você pensa.	Na sua opinião, qual a utilidade das redes sociais?	Marque as redes sociais que você usa.	Você tem blog?	Você interage com seus colegas da faculdade na internet? Marque ferramentas que vocês utilizam para conversar.	Você interage com seus PROFESSORES da faculdade na internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar.	Você interage com seus COLEGAS da faculdade na internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar.	Você costuma ler blogs? Cite aqui os seus CINCO preferidos:
de 19 a 22	sim	Design Digital	primeiro ou segundo	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, vê vídeos, procura a pesquisa de referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games, lê blogs, acessa portais de conteúdo	um lugar onde aprender mais	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, last.fm, tumblr, Fórum VT Uolblogs (7º maior fórum do mundo), 4chan (1º maior fórum do mundo)	não	msn	AVA (Moodle)	Blogs não, mas sites com conteúdos sim: -AnimeDatabase (AniDB) -D Technology -HAX Network -Zhan(em geral, há áreas com diversas informações) -4chan(em geral, há áreas com diversas informações)	
de 19 a 22	sim	Design Digital	primeiro ou segundo	sim	em casa	diariamente	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games, lê blogs, acessa portais de conteúdo	um lugar onde aprender mais	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, flickr, tumblr	sim	orkut, email, msn, flickr	leio blogs de designers e blogs sobre moda		
de 19 a 22	sim	Design Digital	primeiro ou segundo	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games, lê blogs, acessa portais de conteúdo, trabalho	um lugar onde saber o que está acontecendo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr, last.fm	não	orkut, email, msn, gmail, flickr			
de 16 a 18	sim	Design Digital	primeiro ou segundo	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, vê o que os amigos estão fazendo, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games, lê blogs, acessa portais de conteúdo	um lugar onde aprender mais	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter	não	orkut, twitter, msn	Uéba - http://ueba.com.br http://www.eulisto.com/ http://www.pipoca.debits.com/		
de 19 a 22	sim	Design Digital	primeiro ou segundo	sim	no trabalho	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games, lê blogs, acessa portais de conteúdo	um lugar onde aprender mais	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, twitter	não	orkut, email, msn	Papo de Homem - http://www.papodenhomem.com.br Dr Pepper - http://www.drpepper.com.br/		
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	quinto ou sexto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, procura filmes, séries, música, games, acessa portais de conteúdo, Acesso relacionamento	um lugar onde me informar	são úteis por que todo mundo está lá	orkut, twitter, email, msn, gmail, flickr	não	orkut, email, msn	Sedentário & Hiperativo Kibe-Loco Design Flakes Papo de Homem Brainstorm9		
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	quinto ou sexto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, procura filmes, séries, música, games, acessa portais de conteúdo, Acesso relacionamento (Twitter, Orkut, Facebook...)	um lugar onde me informar	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, linkedin	não	orkut, facebook, twitter, email, msn			

Qual a sua idade?	Tem computador em casa?	Qual curso você faz?	Em qual semestre você está?	Tem banda larga em casa?	Onde você acessa a internet com mais frequência?	Com que frequência você acessa a internet?	O que você mais faz na internet?	Como você define a internet? Marque a resposta mais próxima do que você pensa.	Na sua opinião, qual a utilidade das redes sociais?	Marque as redes sociais que você usa.	Você tem blog?	Você interage com seus colegas da faculdade na internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar:	Você interage com seus professores na internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar:	Você costume ler blogs? Cite aqui os seus CINCO preferidos. Use principalmente o "Geek" que redireciona para outros blogs sobre assuntos de meu interesse.
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	quinto ou sexto	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, lê blogs, pesquisa sobre tecnologia/informática	um lugar onde me informo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, twitter, last, msn, gmail	não	orkut, twitter, email, msn, gmail	PROFESSORES da faculdade na internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar:	http://www.geek.com.br/
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	quinto ou sexto	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, vê o que os amigos estão fazendo, pesquisa referências de design	um lugar onde me informo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr, My space	não	orkut, email, msn	feramentas que vocês utilizam para conversar:	Fora esse não tenho blogs "preferidos", lido normalmente por recomendação de algum site ou por "tweets" de amigos.
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	quinto ou sexto	em casa	diariamente	diariamente	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, procura filmes, séries, música, games, lê blogs, administro o in-rciem, blog pessoal	um lugar onde me informo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, twitter, flickr, last.fm, Deviantart, Yahoo Grupos, Fornspring, Skobb, Fanfiction, net	sim	twitter, email	orkut, email, msn	1. http://www.criadesignblog.com.br/ Esse blog eu sigo o twitter, eles sempre postam as atualizações: @Criadesignblog 2. http://www.ligiaradici.com.br/blog/ 3. http://seriesflickr.com/ 4. http://unnecessary.in-rciem.com/ -especialmente a parte de textos 5. http://somosdaasmorras.com/
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	quinto ou sexto	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, procura filmes, séries, música, games	um lugar onde me informo	são úteis por que todo mundo está lá	orkut, facebook, twitter, flickr	não	orkut, twitter, email, msn	orkut, twitter, email, msn	
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	quinto ou sexto	em casa	diariamente	diariamente	conversa com os amigos, pesquisa referências de design	um lugar onde me aprendo mais	são úteis por que todo mundo está lá	orkut, twitter, last, fm	não	orkut, twitter, email, msn	orkut, twitter, email, msn	designtherocks designfilas design-studio bonstutorials multilegal
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	sétimo ou oitavo	em casa	mais de uma vez por semana	mais de uma vez ao dia	acessa portais de conteúdo, acesso conversas com os amigos, pesquisa referências de design	um lugar onde me informo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr, tumblr, imgfave e delicious	não	twitter, email, msn	orkut, twitter, email, msn	http://www.luli.com.br/ http://www.wearprivate.com/blog/ http://totalylooklike.com/ http://www.changethought.com/ http://www.sharesomecandy.com/ Por não ter acesso a internet em casa não costumo acessar outros portais que não sejam de pesquisa e e-mail.
de 22 a 25	sim	Design Gráfico	sétimo ou oitavo	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, vê o que os amigos estão fazendo, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games, lê blogs, acessa portais de conteúdo	um lugar onde me informo	são úteis para conhecer pessoas parecidas comigo	orkut, twitter, flickr	não	orkut, twitter, email, msn	orkut, twitter, email, msn	não
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	sétimo ou oitavo	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games, lê blogs, acessa portais de conteúdo	um lugar onde me informo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr, last, tumblr	não	orkut, twitter, email, msn, gmail	orkut, twitter, email, msn, gmail	ideafiva adorocinema onemoloko vendematarmacia garotasestupidas

Qual a sua idade?	Tem computador em casa?	Qual curso você faz?	Em qual semestre você está?	Tem banda larga em casa?	Onde você acessa a internet com mais frequência?	Com que frequência você acessa a internet?	O que você mais faz na internet?	Como você define a internet? Marque a resposta mais próxima do que você pensa.	Na sua opinião, qual a utilidade das redes sociais?	Marque as redes sociais que você usa.	Você tem blog?	Você interage com seus COLEGAS da faculdade na internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar.	Você interage com seus PROFESSORES da faculdade na internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar.	Você costuma ler blogs? Cite aqui os seus CINCO preferidos.
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	sétimo ou oitavo	não	na faculdade	mais de uma vez por semana	conversa com os amigos, vê o que os amigos estão fazendo, pesquisa referências de design, acessa portais de conteúdo	um lugar onde me informar	são úteis para mostrar para as pessoas quem eu realmente sou e do que eu gosto	orkut	não	orkut, email, msn	orkut, email, msn	sim, leio através do google reader, não leio preferido pois asino o feed de notícias, não a grande maioria é de design e fotografia.
de 22 a 25	sim	Design Gráfico	sétimo ou oitavo	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, lê blogs, jogos	um lugar onde me informar	são úteis para combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr	não	facebook, msn, flickr	orkut, facebook	
de 25 a 30	sim	Design Gráfico	sétimo ou oitavo	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	amigos, pesquisa referências de design, procura filmes, séries, música, games	um lugar onde aprender mais	são úteis para estabelecer uma rede de contatos profissionais	orkut	não	orkut, email, msn	orkut, email, msn	http://onehundredthings.wordpress.com/ Ligia Fascioni De(af)sign embalagem sustentavel.wordpress.com The Ressabiator
de 22 a 25	sim	Design Gráfico	sétimo ou oitavo	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	pesquisa referências de design, lê blogs, acessa portais de conteúdo	um lugar onde me informar	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook	não	orkut, facebook, email, msn	orkut, facebook, email, msn	
de 22 a 25	sim	Design Gráfico	sétimo ou oitavo	sim	em casa	diariamente	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games, acessa portais de conteúdo, jogos online	um lugar onde me informar	são úteis por que todo mundo está lá	orkut	não	orkut, email, msn, gtalk	orkut, email	Até leio blogs de vez em quando, mas não com muita frequência. Normalmente blogs esportivos que falem de futebol e do Oriento, blogs que falem sobre música e blogs sobre design com tutoriais como: <a href="http://www.alianbitto.com/">http://www.alianbitto.com/</a> <a href="http://maujor.com/">http://maujor.com/</a>
de 22 a 25	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, procura filmes, séries, música, games, acessa portais de conteúdo, Pesquisa sobre diversos temas no google	um lugar onde saber o que está acontecendo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr, MySpace	sim	orkut, facebook, email, msn	orkut, facebook, email	Leio diversos, não possuo um favorito, mudo com muita frequência de blog pois eu os acho no google e leio somente o que me interessa no momento.
de 25 a 30	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	no trabalho	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, acessa portais de conteúdo	um lugar onde me informar	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, flickr	não	orkut, email, msn	orkut, email	Não tenho o costume, mas quando vejo é o <a href="http://www.chmiki.com.br/">http://www.chmiki.com.br/</a>
de 19 a 22	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, vê vídeos, acessa portais de conteúdo	um lugar onde me divertir	são úteis para combinar coisas com meus amigos	orkut	não	orkut, email, msn	orkut, email	
de 16 a 18	sim	Design Gráfico	terceiro ou quarto	sim	em casa	diariamente	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, acessa portais de conteúdo	um lugar onde me divertir	são úteis para combinar coisas com meus amigos	orkut	não	orkut, email, msn	orkut, email	

Qual a sua idade?	Tem computador em casa?	Qual curso você faz?	Em qual semestre você está?	Tem banda larga em casa?	Onde você acessa a internet mais freqüentemente?	Com que frequência você acessa a internet?	O que você mais faz na internet?	Como você define a internet? Marque a resposta mais próxima do que você pensa.	Na sua opinião, qual a utilidade das redes sociais?	Marque as redes sociais que você usa:	Você tem blog?	Você interage com seus COLEGAS na Internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar:	Você interage com seus PROFESSORES na Internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar:	Você costuma ler blogs? Cite aqui os seus CINCO preferidos:
de 22 a 25	sim	Design Gráfico	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, vê o que estão fazendo, pesquisa referências de design, procura filmes, séries, música, games	um lugar onde me divirto, saber o que está acontecendo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr	não	orkut	orkut, facebook, twitter, flickr	Não costumo ler muitos Blogs
de 19 a 22	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games	um lugar onde me divirto, saber o que está acontecendo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, twitter, email, msn	sim	orkut, twitter, email, msn	orkut, twitter, email, msn	Um dia vou ter o meu so conheço um bom que gosto: Universo oblio Fabrico carpinejar: <a href="http://carpinejar.blogspot.com/">http://carpinejar.blogspot.com/</a> blog do capeta: <a href="http://www.oblogdocapeta.blogspot.com/">http://www.oblogdocapeta.blogspot.com/</a> i love my job: <a href="http://www.ilovemyjob.com.br/blog/">http://www.ilovemyjob.com.br/blog/</a> know or never: <a href="http://knowornever.blogspot.com/">http://knowornever.blogspot.com/</a> vitrine virtual: <a href="http://www.vitrinevirtual08.blogspot.com/">http://www.vitrinevirtual08.blogspot.com/</a>
de 22 a 25	sim	Design Gráfico	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	vê o que os amigos estão fazendo, procura filmes, séries, música, games, lê blogs	um lugar onde me informar	são úteis para mostrar para as pessoas quem eu realmente sou e do que eu gosto	orkut, twitter, tumblr	não	orkut, twitter, email, msn	orkut, email	<a href="http://fheocietes.blogspot.com/">http://fheocietes.blogspot.com/</a> - um blog de dicas para designers americanos (leio o blog com suas roupas, costumo ler esses blogs para ter idéias, pois costuro. <a href="http://www.toxel.com/">http://www.toxel.com/</a> - um dos meus blogs preferidos de novidades em design. <a href="http://www.filmeja.com/">http://www.filmeja.com/</a> - blog com layout incrível, mas com download de filmes quase impossíveis de encontrar. <a href="http://www.ocioso.com.br/">http://www.ocioso.com.br/</a> blog telecine globo.com/cutblog ps: preferi colocar os links, mais fácil :)
de 19 a 22	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, acesso portais de conteúdo	um lugar onde me informar	são úteis para estabelecer uma rede de contatos profissionais	orkut, twitter, flickr, last.fm, tumblr	sim	orkut, twitter, email, msn	orkut, twitter, email, msn	ps: preferi colocar os links, mais fácil :)
de 22 a 25	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	vê o que os amigos estão fazendo, pesquisa referências de design, procura filmes, séries, música, games, lê blogs	um lugar onde me informar	são úteis para conhecer pessoas parecidas comigo	orkut, facebook, twitter, flickr	sim	orkut, twitter, email, msn	orkut, twitter, email, msn	Não.
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, procura filmes, séries, música, games	um lugar onde me informar	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut	não	orkut, email, msn	orkut, email, msn	Não.
de 19 a 22	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, procura filmes, séries, música, games	um lugar onde me informar	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr	não	orkut, facebook, twitter, email, msn	orkut, facebook, twitter, email, msn	Leio blogs, mas nenhum específico. Obs: Eu estou cursando design digital e design gráfico.
de 19 a 22	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	conversa com os amigos, pesquisa referências de design, procura filmes, séries, música, games	um lugar onde me informar	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, flickr	não	orkut, email, msn, flickr	orkut, email, msn, flickr	Leio blogs, mas nenhum específico. Obs: Eu estou cursando design digital e design gráfico.

Qual a sua idade?	Tem computador em casa?	Qual curso você faz?	Em qual semestre você está?	Tem banda larga em casa?	Onde você acessa a internet com mais frequência?	Com que frequência você acessa a internet?	O que você mais faz na internet?	Como você define a internet? Marque a resposta mais próxima do que você pensa.	Na sua opinião, qual a utilidade das redes sociais?	Marque as redes sociais que você usa:	Você tem blog?	Você interage com seus COLEGAS da faculdade na Internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar.	Você interage com seus PROFESSORES da faculdade na Internet? Marque todas as ferramentas que vocês utilizam para conversar.	Você costuma ler blogs? Cite aqui os seus CINCO preferidos.
de 19 a 22	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	em casa	diariamente	<p>conversa com os amigos, vê o que os amigos estão fazendo, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games, acessa portais de conteúdo com os amigos, vê o que os amigos estão fazendo, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games</p>	um lugar onde saber o que está acontecendo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr, pluk	sim	orkut, facebook, twitter, email, msn, gtalk, blogs, flickr, email		
de 22 a 25	sim	Design Digital	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	<p>conversa com os amigos, vê o que os amigos estão fazendo, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games</p>	um lugar onde saber o que está acontecendo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter	não	orkut, facebook, twitter, email, msn, email		
de 19 a 22	sim	Design Gráfico	terceiro ou quarto	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	<p>conversa com os amigos, vê o que os amigos estão fazendo, pesquisa referências de design, vê vídeos, procura filmes, séries, música, games</p>	um lugar onde saber o que está acontecendo	são úteis para manter contato / combinar coisas com meus amigos	orkut, facebook, twitter, flickr, last, fm, tumblr	não	orkut, msn	twitter, email	

# Apêndice D

**Pesquisa sobre o uso da Internet pelos professores dos cursos de Design Gráfico e Digital da UFPel - respostas dos questionários**

Timestamp	Seu nome:	Seu email:	Qual a sua cidade?	Em qual curso você leciona?	Tem computador em casa?	Tem banda larga em casa?	Onde você acessa a internet mais freqüência?	Com que freqüência você acessa a internet?	O que você mais faz na internet?	Como você define a resposta mais próxima do que você pensa.	Na sua opinião, qual a utilidade das redes sociais que você usa?	Você tem blog?	Você interage com seus COLEGAS na internet? Marque as ferramentas que vocês utilizam para conversar:	Você interage com seus ALUNOS da DE PROFISSÃO na internet? Marque as ferramentas que vocês utilizam para conversar:	Você costuma ler seus CINCO blogs? Cite aqui os seus CINCO preferidos:	Você costuma ler seus CINCO blogs? Cite aqui os seus CINCO preferidos:
2/16/2010 4:47:59	Guilherme Carvalho da Rosa	guilherme.rosa@vetorial.net	de 25 a 30	Design Digital	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	Envia emails / trabalho, procura filmes, séries, música, games, lê blogs, acessa sites de conteúdo relevante para as suas aulas, assiste vídeos de conteúdo relevante para as aulas, relacionar hiperlinks a partir de conteúdos de interesse dos estudantes	um lugar onde me informar	sim	email	email	http://blog.estadao.com.br/2010/02/16/folha/ (Blog do Zaira na Folha) http://pontomidia.com.br/raquel/ (Raquel) http://wp.clicrbs.com.br/infostera/?topo=77.1 (RBS) http://wp.clicrbs.com.br/intervew/?topo=13.2 (18 Intervew, sobre o papel do interior) Uma banalidade/nha futebolística. http://rietz.blogspot.com/ (Robinho do Roberto Teitzmann da PUCRS, meu ilustre colega da indústria de mídia e pós-produção em audiovisual) Eu costume acessar também vídeos de outros fofurus, creio que talvez mais do que blogs, de interesses variados (futebolísticos e futebolísticos também...)	http://blog.estadao.com.br/2010/02/16/folha/ (Blog do Zaira na Folha) http://pontomidia.com.br/raquel/ (Raquel) http://wp.clicrbs.com.br/infostera/?topo=77.1 (RBS) http://wp.clicrbs.com.br/intervew/?topo=13.2 (18 Intervew, sobre o papel do interior) Uma banalidade/nha futebolística. http://rietz.blogspot.com/ (Robinho do Roberto Teitzmann da PUCRS, meu ilustre colega da indústria de mídia e pós-produção em audiovisual) Eu costume acessar também vídeos de outros fofurus, creio que talvez mais do que blogs, de interesses variados (futebolísticos e futebolísticos também...)	
2/18/2010 10:02:55	Cristina Langie	cristinalangie@gmail.com	de 25 a 30	Design Gráfico	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa sobre trabalho, procura filmes, séries, música, games, vídeos de conteúdo relevante para as aulas, assiste vídeos de conteúdo relevante para as aulas, relacionar hiperlinks a partir de conteúdos de interesse dos estudantes	um lugar onde me informar	não	email, men	email	Não tenho muito esse costume, mas estou alguns bem legais canal dos games oneleite	Não costume ler nenhum específico.	
2/18/2010 10:53:44	Mônica Faria	monicafaria@gmail.com	de 25 a 30	Design Gráfico	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa sobre trabalho, procura filmes, séries, música, games, vídeos de conteúdo relevante para as suas aulas, assiste vídeos de conteúdo relevante para as aulas, relacionar hiperlinks a partir de conteúdos de interesse dos estudantes	um lugar onde me informar	não	email	orkut, twitter, email, gmail	somente o blog dos alunos do curso de design digital	Não tenho costume ler nenhum específico.	
2/20/2010 10:29:10	Luciana Engelsdorff Leitao	luciana_leitao@yahoo.com.br	de 40 a 50	ambos	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa sobre trabalho, procura filmes, séries, música, games, vídeos de conteúdo relevante para as suas aulas, assiste vídeos de conteúdo relevante para as aulas, relacionar hiperlinks a partir de conteúdos de interesse dos estudantes	um lugar onde me informar	não	orkut, email	orkut, email, blogs	somente o blog dos alunos do curso de design digital	Não tenho costume ler nenhum específico.	
2/21/2010 8:15:39	Anderson Lobato	anderson.lobato@unipal.edu.br	de 40 a 50	Design Gráfico	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa sobre trabalho, procura filmes, séries, música, games, vídeos de conteúdo relevante para as suas aulas, assiste vídeos de conteúdo relevante para as aulas, relacionar hiperlinks a partir de conteúdos de interesse dos estudantes	um lugar onde me informar	não	email	orkut	Não tenho costume ler nenhum específico.	Não tenho costume ler nenhum específico.	
2/24/2010 5:33:47	Ana Bandeira	anabande@gmail.com	de 25 a 30	ambos	sim	em casa	mais de uma vez ao dia	mais de uma vez ao dia	conversa com amigos, lê blogs, acessa portais de conteúdo relevante para as suas aulas, assiste vídeos de conteúdo relevante para as aulas, relacionar hiperlinks a partir de conteúdos de interesse dos estudantes	um lugar onde me informar	sim	orkut, facebook, twitter, flickr, last.fm, park	orkut, facebook, twitter, email, men, gmail, blogs	orkut, facebook, twitter, email, men, gmail, blogs, flickr, blog	orkut, facebook, twitter, email, men, gmail, blogs, flickr, blog	

# Apêndice E

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezada Ana da Rosa Bandeira

Professora Assistente do Instituto de Artes e Design – UFPEL

Você está sendo convidada para participar da pesquisa “As Redes Sociais na Internet desenhando outros modos de vida”, que originará a dissertação de mestrado de mesmo nome, a ser defendida por Ana Paula Margarites e orientada por Rosária Ilgenfritz Sperotto junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL.

A pesquisa se propõe a investigar sobre os Processos de Produção de Subjetividade engendrados em ações educativas ambientadas nas Redes Sociais da Internet no caso específico dos cursos de Design da UFPEL.

A finalidade desta pesquisa é contribuir para um entendimento do espaço viabilizado por essas redes como mais do que extensões da sala de aula, mas como lugares que possibilitam a invenção de outras aprendizagens, referências e modos de vida.

Solicito a sua autorização para realizar um acompanhamento da sua prática docente durante o primeiro semestre de 2010. Este acompanhamento se dará principalmente através dos pressupostos metodológicos da etnografia virtual, em que o pesquisador procura misturar-se à comunidade (virtual) estudada.

Esclareço que o objetivo desta pesquisa não é avaliar alunos ou professores envolvidos no processo, mas cartografar a constituição de subjetividades nos espaços propostos. Por ocasião da publicação dos resultados, os estudantes só serão identificados se concordarem.

Esclareço que a sua participação, bem como a de seus alunos, é voluntária e, portanto, não há obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora.

A Pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a Pesquisadora Responsável: Ana Paula Margarites 30273273 / 81124640 ou por e-mail: [anamargarites@gmail.com](mailto:anamargarites@gmail.com)

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.



Ana da Rosa Bandeira

# Colofão

Sinto hoje em Satolep  
O que há muito não sentia  
*Vitor Ramil*

Esta dissertação foi escrita entre o inverno e a primavera de dois mil e onze, na cidade de Satolep, no fim do fundo da América do Sul, às margens da Lagoa dos Patos. O calçamento e o traçado geométrico das ruas do centro da cidade influenciaram o desenho da malha gráfica onde desenrola-se o trabalho, projetado no software Adobe Indesign CS4, com ocasionais socorros do Photoshop e do Illustrator da mesma coleção.

Em contraponto à malha gráfica ordenada que hospeda o texto, um emaranhado caótico, desenhado à mão e no Illustrator, serve de alívio anti-geométrico nas capas e aberturas de capítulo.

Para a composição tipográfica do corpo do texto, foi escolhida a singela **Minion Pro**, amiga dos silêncios e dos vazios.

Para as notas à margem, a *sans-serif* **Delicious**, plena de ângulos retos, infalível como o relógio alemão na torre sobre o mercado.

Para os títulos, a didone **Galeere** com serifas que se espalham como argumentos inexoráveis.

O projeto foi impresso em off-set 70g/m<sup>2</sup> em uma impressora laser doméstica. A capa foi impressa em plotter e as folhas de guarda, em couché fosco, ambos na Graphos. A encadernação, totalmente artesanal, foi feita em casa.